

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CAMPUS PALMEIRA DAS MISSÕES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRONEGÓCIOS**

**EMPREENDEDORISMO RURAL: INTENÇÕES EMPREENDEDORAS
DOS JOVENS ACADÊMICOS DA ÁREA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Cleverson Paulo Signor

**Palmeira das Missões, RS, Brasil
2019**

EMPREENDEADORISMO RURAL: INTENÇÕES EMPREENDEDORAS DOS JOVENS ACADÊMICOS DA ÁREA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS

por

Cleverson Paulo Signor

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Agronegócios, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Campus Palmeira das Missões, como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Agronegócios**

Orientadora: Prof^a Dr^a. Rosani Marisa Spanevello

Palmeira das Missões, RS, Brasil

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

Signor, Cleverson Paulo
EMPREENDEDORISMO RURAL: INTENÇÕES EMPREENDEDORAS DOS
JOVENS ACADÊMICOS DA ÁREA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS /
Cleverson Paulo Signor.- 2019.
111 p.; 30 cm

Orientadora: Rosani Marisa Spanevello
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Campus de Palmeira das Missões, Programa de Pós
Graduação em Agronegócios, RS, 2019

1. Empreendedorismo Rural 2. Juventude 3. Agronegócio
4. Desenvolvimento rural I. Spanevello, Rosani Marisa
II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

© 2019

Todos os direitos autorais reservados a Cleverson Paulo Signor. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

E-mail: cleverson.paulo@gmail.com

**Universidade Federal de Santa Maria
Campus Palmeira das Missões
Programa de Pós-Graduação
em Agronegócios**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**EMPREENDEDORISMO RURAL: INTENÇÕES EMPREENDEDORAS
DOS JOVENS ACADÊMICOS DA ÁREA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS**

elaborada por
Cleverson Paulo Signor

como requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Agronegócios

COMISSÃO EXAMINADORA:

Rosani Marisa Spanevello, Dra. (UFSM)
Orientadora

Tanice Andreatta, Dra. (UFSM)
Examinadora

Marcelo Antonio Conterato, Dr. (UFRGS)
Examinador

Adriano Lago, Dr. (UFSM)
Examinador - suplente

Palmeira das Missões, 29 de Agosto de 2018.

DEDICATÓRIA

A minha família, minha esposa Cledia Maria Donassolo e a nossa filha Maria Luiza Donassolo Signor.

Dedico também às minhas duas primeiras mestras: a minha primeira professora Ladi Peruzzo Menin que lá pelos idos de 1980 com muito carinho me aceitou em sua sala de aula, na pequena escola rural XV de Novembro, aos seis anos de idade, ainda antes que a legislação permitisse e mesmo com a sala de aula cheia de alunos regulares dedicava tempo a me ensinar. Dedico ainda este trabalho a professora Realesa Maria Palaoro que com muito amor e vocação me alfabetizou ainda na escola rural. Certamente o exemplo de vocês ainda me faz lutar por meus sonhos e perseverar na caminhada.

AGRADECIMENTOS

A realização de mais este sonho seria impossível sem a colaboração a presença e a compreensão das pessoas que fazem a diferença na minha vida, especialmente neste momento da minha trajetória, por isso com muito amor agradeço:

- A minha esposa Cledia Maria Donassolo e nossa filha Maria Luiza Donassolo Signor, por serem sempre o meu motivo maior para lutar e caminhar cada vez mais em busca dos meus sonhos. Obrigado pelo apoio incondicional, pela compreensão em todos os momentos e por acreditar em mim sempre.*
- Ao amigo, parceiro e sócio Prof. Dr. Lenir Antonio Hannecker por tanto apoio, incentivo e motivação e principalmente por segurar as pontas no trabalho para que eu pudesse me dedicar a construção desta jornada. Sou imensamente grato!*
- A minha Orientadora Prof^a Dr^a Rosani Marisa Spanevello, por aceitar o desafio de orientar uma “criatura desorientada” e por ter tido a maior compreensão do mundo, com meus horários e rotina apertada de só conseguir tempo para escrever nas madrugadas e entregar as etapas em cima da hora. Eternamente grato por tudo!*
- A Prof^a Dr^a Tanice Andreatta pela imensa ajuda na batalha de entender os dados estatísticos da minha pesquisa e por toda a dedicação e disponibilidade com que sempre me apoiou. Sem palavras para agradecer a parceria!*
- Agradeço ainda a oportunidade de estudar na UFSM. Um sonho realizado. E com isso desejo a todos que assim como eu acreditam em seus sonhos uma escola pública, gratuita e de qualidade.*

EPÍGRAFE

Nós não herdamos as terras de nossos pais;
nós apenas as tomamos emprestadas de nossos filhos.

(Provérbio Amish)

RESUMO

EMPREENDEDORISMO RURAL: INTENÇÕES EMPREENDEDORAS DOS JOVENS ACADÊMICOS DA ÁREA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS

AUTOR: CLEVERSON PAULO SIGNOR
ORIENTADORA: ROSANI MARISA SPANEVELLO

Esta dissertação tem como tema principal o empreendedorismo rural. O objetivo geral consistiu em analisar as perspectivas e identificar as intenções empreendedoras dos jovens estudantes acadêmicos dos cursos da área de conhecimento das ciências agrárias, portanto correlatas aos agronegócios. A amostra englobou 659 acadêmicos dos cursos de agronomia, engenharia florestal, engenharia e tecnologia de alimentos e agronegócios de nove campus pertencentes a duas universidades federais, duas universidades privadas e dois institutos federais de educação localizados na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. A pesquisa de campo foi realizada entre os meses de Abril e Junho de 2019 através de um formulário, em escala *Likert* com 41 variáveis afirmativas construídas a partir de cinco dimensões: modo de vida; conhecimentos; empreendedorismo rural; motivações para empreender e comportamentos empreendedores. A partir de uma análise fatorial e de clusters foram identificados quatro agrupamentos com características distintas: os agroempreendedores; os potenciais agroempreendedores; os possíveis agroempreendedores e os não agroempreendedores. Os resultados apontaram um alto grau de encantamento com o modo de vida rural e grande propensão ao empreendedorismo rural por conta do bom perfil empreendedor da juventude do agronegócio.

Palavras-chave: Empreendedorismo Rural. Juventude. Agronegócio. Desenvolvimento rural.

ABSTRACT

RURAL ENTREPRENEURSHIP: ENTREPRENEURIAL INTENTIONS OF ACADEMIC YOUNG PEOPLE FROM THE AGRICULTURAL SCIENCE AREA

**AUTHOR: CLEVERSON PAULO SIGNOR
ADVISOR: ROSANI MARISA SPANEVELLO**

This dissertation has as its main theme rural entrepreneurship. The general objective was to analyze the perspectives and identify the entrepreneurial intentions of the young academic students of the agrarian sciences courses, therefore correlated with the agribusiness. The sample comprised 659 academics from agronomy, forestry engineering, food engineering and technology and agribusiness courses from nine campuses belonging to two federal universities, two private universities and two federal institutes of education located in the northwestern region of Rio Grande do Sul state, Brazil. The field research was conducted between April and June 2019 using a Likert scale form with 41 affirmative variables constructed from five dimensions: way of life; knowledge; rural entrepreneurship; motivations for entrepreneurship and entrepreneurial behaviors. From a factorial and cluster analysis four clusters with distinct characteristics were identified: the agro-entrepreneurs; potential agro-entrepreneurs; possible agro-entrepreneurs and non-agro-entrepreneurs. The results showed a high degree of enchantment with the rural way of life and great propensity for rural entrepreneurship because of the good entrepreneurial profile of agribusiness youth.

Keywords: Rural Entrepreneurship. Youth. Agribusiness. Rural development.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 3 - Seleção de uma técnica multivariada	54
Figura 4 - Seleção de uma técnica multivariada	55
Figura 5 - Participação relativa de respondentes/categoria IES/curso/semestre	61
Figura 6 - Participação relativa/sexo e estado civil	62
Figura 7 - Com quem mora, sua residência atual e da família	62
Figura 8 - cluster 1 - Residência do estudante e família	65
Figura 9 - cluster 2 - Residência do estudante e da família	66
Figura 10 - cluster 3 - Residência do estudante e da família	68
Figura 11 - cluster 4 - Residência do estudante e da família	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Mesorregiões do estado do Rio Grande Do Sul.....	46
Tabela 2 - Mesorregião Noroeste riograndense e suas microrregiões.....	46
Tabela 3 - Participação relativa por curso e número mínimo de respondentes	50
Tabela 4 - Variância explicada	57
Tabela 5 - Variáveis desconsideradas	58
Tabela 6 - Caracterização em % do cluster 1 - Os Agroempreendedores.....	64
Tabela 7 - Caracterização em % do cluster 2 - Potenciais agroempreendedores.....	66
Tabela 8 - Caracterização em % do cluster 3 - Possíveis agroempreendedores	67
Tabela 9 - Caracterização em % do cluster 4 - Os não agroempreendedores	69

Lista de Quadros

Quadro 3 - IES, Cursos e Conceito Capes	48
Quadro 4 - Número de alunos matriculados por curso	49
Quadro 5 - Dimensões e perspectivas do formulário de coleta de dados	51
Quadro 6 - Denominação dos clusters	58
Quadro 7 - Variáveis da dimensão modo de vida	71
Quadro 8 - Variáveis da dimensão conhecimento	73
Quadro 9 - Variáveis da dimensão empreendedorismo rural	74
Quadro 10 - Variáveis da dimensão incentivos para empreender	75
Quadro 11 - Variáveis da dimensão comportamento empreendedor	76
Quadro 12 - Síntese dos resultados por cluster	88

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Respondentes e municípios representados por estado	60
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACP – Análise de Componentes Principais

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

EU – União Europeia

FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura

FEE - RS – Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul

GEM – Global Entrepreneurship Monitor

IES – Instituição de Ensino Superior

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário

MEC – Ministério da Educação e Cultura

OCDE – Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico

ONU – Organização das Nações Unidas

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1 - Resultados das variáveis que compõem a dimensão modo de vida.....	98
Apêndice 2 - Resultados das variáveis que compõem a dimensão conhecimento.....	99
Apêndice 3 - Resultados das variáveis que compõem a dimensão empreendedorismo rural	100
Apêndice 4 - Resultados das variáveis que compõem a dimensão motivações para empreender	101
Apêndice 5 - Resultados das variáveis que compõem a dimensão comportamento empreendedor.....	102
Apêndice 6 - Resultados da caracterização da amostra.....	103

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	22
1.2 OBJETIVOS	22
1.2.1 Objetivo Geral	22
1.2.2 Objetivos Específicos.....	22
1.3 JUSTIFICATIVA.....	22
2. DESENVOLVIMENTO RURAL - CONCEITOS	24
2.1 ELEMENTOS E CONDICIONANTES ATUAIS DO DESENVOLVIMENTO RURAL ..	28
2.2 A JUVENTUDE NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO RURAL	30
2.4 O EMPREENDEDORISMO: FENÔMENO COLETIVO, COMUNITÁRIO E TRANSFORMADOR.....	33
2.5 EMPREENDEDORISMO RURAL: UM PROPULSOR DO DESENVOLVIMENTO	36
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	43
3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	43
3.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA	44
3.3 UNIVERSO E AMOSTRA.....	45
3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	50
3.5 TABULAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	52
3.6 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	56
3. OS ACADÊMICOS DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS: CARACTERÍSTICAS GERAIS..	59
5.1 CLUSTER 1 – OS AGROEMPREENDEDORES.....	63
5.2 CLUSTER 2 – POTENCIAIS AGROEMPREENDEDORES	65
5.3 CLUSTER 3 – POSSÍVEIS AGROEMPREENDEDORES	67
5.4 CLUSTER 4 – OS NÃO AGROEMPREENDEDORES.....	68
4. DAS DIMENSÕES PESQUISADAS AS INTENÇÕES ENCONTRADAS	70
6.1 OS AGROEMPREENDEDORES: DIMENSÕES E INTENÇÕES.....	76
6.2 OS POTENCIAIS AGROEMPREENDEDORES: DIMENSÕES E INTENÇÕES.....	79
6.3 OS POSSÍVEIS AGROEMPREENDEDORES: DIMENSÕES E INTENÇÕES	82
6.4 OS NÃO AGROEMPREENDEDORES: DIMENSÕES E INTENÇÕES.....	85
5. CONCLUSÃO	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	92
APÊNDICES.....	98

1. INTRODUÇÃO

O empreendedorismo rural faz despertar, para novos olhares, possibilidades e oportunidades de inovar em diversos campos, principalmente por iniciativas de exploração centradas na industrialização dos produtos em nível da propriedade, turismo rural, artesanato ou até mesmo a diversificação da produção agrícola a ponto de explorar toda a vocação produtiva de uma propriedade além de aproveitar e desenvolver o perfil empreendedor de seus membros. A diversificação dos rendimentos permite maior segurança às famílias porque reduz a vulnerabilidade diante dos riscos. Neste sentido Newbery, Siwale e Henley (2017) enfatizam que, o empreendedorismo rural desempenha um papel fundamental no aproveitamento da inovação, manutenção e desenvolvimento de comunidades, proporcionando oportunidades de trabalho e moderando a relação entre agricultura, uso da terra, desenvolvimento comunitário e econômico, portanto, o desenvolvimento do meio rural.

O desenvolvimento rural é definido como um conjunto de ações voltadas a melhorar as condições de vida da população que vive no meio, sejam ambientais, sociais, econômicas e políticas (DUFUMIER, 1996). Os condicionantes atuais que envolvem o desenvolvimento rural estão na própria definição do que é o rural. Segundo Kageyama (2008) é um espaço que envolve muito mais do que a produção agropecuária, sendo considerado multifuncional e multisetorial, compreendendo de um lado a produção de um setor agropecuário moderno e por outro uma agricultura familiar diversificada, tendo destaque a presença das atividades não agrícolas.

Uma das questões que tem gerado impasse quanto ao desenvolvimento rural das mais diversas regiões brasileiras, em especial as regiões demarcadas pela presença da agricultura familiar, é a redução do contingente populacional. De acordo com Maia (2014), apesar das dificuldades e controvérsias em delimitar o que é o espaço rural, houve a partir dos anos 1960, um acelerado processo de redução da sua população, tendência esta que persiste embora menos acentuada. De acordo com Camarano e Abramovay (1999), nos anos 1950 em torno de 64% da população brasileira vivia no meio rural e esse número cai para 22% no ano de 1996. Ainda de acordo com os dados do censo de 2010 o Brasil tem atualmente 15,6% de sua população vivendo no rural (EBC, 2017).

Para Maia (2014) ainda existem fatores endógenos a estrutura familiar, como as taxas de fecundidade e a fragmentação das famílias que são também determinantes

desta redução da população rural associado a migração juvenil. No Rio Grande do Sul, segundo o Censo Populacional de 1991, a população jovem representava 17,8% do total da população gaúcha, em 2000 este percentual baixou para 16% e em 2010 chegou a 14,6%. Outro aspecto marcante deste decréscimo é que em 2010 a população juvenil era inferior (14,6%) a população idosa (17%) (MATTE, SPANEVELLO e ANDREATTA, 2015).

Os estudos relativos à temática da juventude rural na atualidade tem-se voltado, principalmente, a compreender o processo de saída das novas gerações do campo. O espaço rural ainda enfrenta uma desmotivação da profissão de agricultor, o que tem levado a um envelhecimento dos chefes das propriedades rurais e uma certa negligência da agricultura pelas gerações mais jovens que migram para as cidades em busca de novas oportunidades (PARQUET e LE COQ, 2017).

É preciso ponderar que, a saída das novas gerações do campo gera implicações no desenvolvimento rural. Uma das primeiras implicações é a ausência de mão de obra. A migração jovem significa a retirada de pessoas com idade produtiva cedendo e ampliando o espaço para a permanência de pessoas mais velhas com restrições físicas ao trabalho em razão da idade avançada. É o caso de muitas propriedades rurais familiares em que os filhos migram e permanecem apenas os pais (MATTE e MACHADO, 2016). A saída dos filhos de agricultores pode trazer a diminuição da força de trabalho derivadas das dificuldades de sua manutenção no campo. Andreatta (2009) reforça que a perspectiva dos agricultores poderem contar com a mão de obra dos filhos é um aspecto importante para a tomada de decisões quanto aos investimentos de médio e longo prazo a serem realizados nas propriedades. Quanto maior a perspectiva da permanência da mão de obra, maiores as chances de realização de investimentos em maquinários, terras, entre outros.

Para Kischener (2015), a falta de mão de obra é um fator limitante inclusive para o futuro nas atividades agrícolas familiares. Segundo o autor (2015, p. 85), Ainda que as perspectivas atuais sejam positivas, frente às dificuldades de sucessão geracional e ao encarecimento da mão de obra no meio rural e também pela quase ausência de prestadores de serviços, os agricultores envelhecidos estão cientes de que deverão reduzir a área plantada, adotar estratégias outras para se manter no meio, ganhando importância a aposentadoria rural, conforme retrata o trabalho de (BOSCARDIN, 2017). Na perspectiva de Kischener (2015), a falta de mão de obra tem feito os produtores

canalizar os esforços investindo em mecanização deixando para um segundo plano a produção de alimentos ou de cultivos mais diversificados.

No entanto, ainda que os agricultores consigam suprir a mão de obra com tecnologias, a ausência dos filhos representa também a perda do capital inovador, pois, geralmente, são as novas gerações que tendem a estar à frente dos conhecimentos técnicos e da gestão que podem melhorar os rendimentos econômicos das propriedades (SILVESTRO, ABRAMOVAY, *et al.*, 2001); (SPANVELLO, 2008). Conforme Abramovay, Silvestro, *et al.*, (1998), a ausência das novas gerações no campo limita o desenvolvimento rural não apenas no campo produtivo, mas também social com destaque para a desestruturação de centros comunitários, escolas que perdem a função socializadora de viver no rural devido a saída das pessoas do campo, em especial dos jovens. Para Zanol (2013) no cenário atual há falta de jovens sucessores ocasionando um esvaziamento e comprometimento da continuidade das propriedades e comunidades rurais.

No contexto da problemática da migração juvenil rural citado acima, Zanol (2013) pontua que as possibilidades de contornar esses processos passam pelo fomento e incentivo às atividades agrícolas e não agrícolas no meio rural e, por consequência, ao atendimento das aspirações dos jovens para estabelecerem-se no campo, diversificando formas de trabalho. A geração de produtos e renda torna-se um motor dinamizador do desenvolvimento rural e não um problema ou impasse como tem-se tratado hoje. Para Van Der Ploeg, Renting, *et al.*, (2000) o desenvolvimento rural perpassa pela criação de novos produtos e serviços, associados a novos mercados; procura formas de redução de custos a partir de novas trajetórias tecnológicas; tenta reconstruir a agricultura não apenas no nível dos estabelecimentos, mas em termos regionais e da economia rural como um todo.

A permanência dos jovens no campo está atrelada a distintos fatores externos (mercado, tecnologia, comunicação) e internos a família e a propriedade, capazes de gerar renda e satisfação de viver no rural. Spanevello, Lago, *et al.*, (2014) citam que a motivação a permanência depende das condições materiais e simbólicas existentes e da capacidade e oportunidade dos jovens em investir em negócios próprios. Gasson e Errington (1993) mencionam que a permanência atrelada à sucessão geracional é favorecida quando os jovens têm autonomia nos negócios (podendo ter atividade independente do pai) e no controle da renda, não necessariamente residindo na

propriedade paterna. O fomento a permanência parece ter uma estreita relação com a possibilidade dos jovens exercerem o empreendedorismo no meio rural, seja nas atividades agrícolas com autogestão ou mesmo não agrícolas (ANJOS, CALDAS e COSTA, 2006). Neste sentido corroboram Tomei e Lima (2015), quando afirmam que, além das agrícolas, a criação de atividades não agrícolas, contribui para o desenvolvimento sustentável e colabora para a permanência das famílias no meio rural. Já para Marin (2017) a permanência no campo, especificamente por parte dos jovens está condicionada a uma série de fatores e dentre eles o desenvolvimento de atividades agrícolas e não-agrícolas que atendam suas necessidades sociais e econômicas. Dentro desta perspectiva, pode-se então, considerar que a mitigação das diversas questões do campo, passa inclusive pela formação de uma nova geração de agricultores, capaz de dar conta dessa nova configuração social que assume o rural.

Para Abramovay, Silvestro, *et al.*, (1998) a formação dessas novas gerações de agricultores envolve três questões principais: o processo de sucessão profissional, que ocorre quando há passagem da gerência do negócio e do patrimônio para a próxima geração; a transferência legal da terra e dos ativos existentes e a aposentadoria que se desenrola quando a atual geração assume o poder sobre a unidade produtiva. Nisso a sucessão geracional tem importante papel, no sentido de tornar o espaço rural, nas palavras de Zanol (2013) um lugar vivo e dinâmico ou se estará ainda sofrendo com o esvaziamento provocado pela saída dos jovens de suas regiões. De acordo com Maia (2014) os jovens à procura do primeiro emprego e de melhores oportunidades de renda são os mais propensos a migrarem para os centros urbanos.

Nesse sentido, pode-se considerar que o Rio Grande do Sul é uma área privilegiada para entender os novos rumos do desenvolvimento rural, por contar com uma agricultura dinâmica e uma rede urbana densa e difundida que permite a integração rural-urbana em plenitude. Esta realidade favorece a pluriatividade que é um elemento importante de incentivo ao jovem em empreender no meio rural. Para Schneider (2006) a pluriatividade promove e aprofunda a inserção do agricultor nos circuitos mercantis. Esta inserção ocorre segundo as características previamente existentes nos territórios, podendo ocorrer concomitantemente em mercados de produtos (nas situações em que vigora o sistema de integração agroindustrial, por exemplo) e de trabalho ou apenas por meio da venda da força de trabalho.

Esta nova ruralidade baseada na pluriatividade, desencadeia outra realidade para o agricultor, a multiplicidade de receitas. Cada atividade (agropecuária, não-agropecuária, aposentadorias, venda da força de trabalho entre outras) desenvolvida no estabelecimento rural pode ser considerada uma fonte de rendimentos a qual Escher, Schneider, *et al.*, (2014) denominam de plurirrendimentos. Esta multiplicidade de receitas, proporciona aos empreendedores mais segurança para empreender em inovações, porém, para aqueles que não dispõem de tal condição, há a necessidade de fomento e acesso a políticas de financiamento e investimento para que possam empreender no rural.

Neste sentido, Morris, Henley e Dowell (2017) afirmam a importância das políticas públicas e institucionais de incentivos aos jovens para empreenderem no meio rural, pois teriam condições de estabelecerem-se de acordo com suas expectativas profissionais e financeiras. Empreender no rural, seria, portanto, uma possibilidade de atender anseios pessoais revitalizando e desenvolvendo as regiões.

Perceber e aproveitar oportunidades de negócio são características inerentes aos empreendedores (FILION, 1997). Aproveitar e desenvolver o potencial empreendedor, especialmente nos jovens é uma alternativa que tem sido fomentada por inúmeros países em termos de desenvolvimento rural, tendo em vista o potencial inovador, a capacidade de realização e principalmente pensando no futuro da agricultura. O despertar para a vontade de empreender, passa por fatores intrínsecos ao empreendedor (ter alto nível de energia, capacidade de aprendizagem, inovação, persistência dentre outros), e extrínsecos (a macroeconomia, o ambiente local de negócios, a infraestrutura, a disponibilidade de recursos entre outros). As decisões de empreender, certamente perpassam estes dois fatores.

O protagonismo dos jovens tem sido temática das pesquisas sobre empreendedorismo rural e dada sua importância para o desenvolvimento rural, a presente dissertação intenta saber em que medida os estudantes acadêmicos dos cursos da área de ciências agrícolas, portanto, correlatos ao agronegócio, após formados pretendem empreender no rural. Além de investigar como se manifestam essas intenções, visa também ampliar o entendimento das variáveis que influenciam esta tomada de decisão.

Assim sendo, a temática desta dissertação versa sobre a possibilidade do empreendedorismo rural, nas intenções dos estudantes acadêmicos dos cursos de

graduação da área de ciências agrícolas, portanto, correlatos ao agronegócio das universidades públicas e privadas do noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A literatura contemporânea sobre o futuro do meio rural tem focado cada vez mais a importância de incentivar os jovens a permanecerem ou estabelecerem-se no meio rural e o empreendedorismo rural é uma alternativa. Políticas públicas tem sido criadas nos mais diversos países neste sentido, porém, diante do exposto até aqui, as perguntas que embasam esta dissertação são: os estudantes dos cursos de graduação, das áreas relacionadas ao agronegócio, tem intenção de empreender no meio rural? Quais suas perspectivas com relação a empreender no meio rural após formados?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar as possibilidades de empreendedorismo rural entre os estudantes acadêmicos dos cursos superiores da área de ciências agrárias, relacionados aos agronegócios.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Caracterizar o perfil dos estudantes acadêmicos dos cursos da área de ciências agrárias;
- b) Identificar as intenções empreendedoras dos acadêmicos dos cursos das ciências agrárias;
- c) Identificar a percepção dos acadêmicos dos cursos das ciências agrárias sobre fatores limitadores e/ou potencializadores do empreendedorismo rural;
- d) Identificar a existência dos comportamentos empreendedores nas atitudes dos acadêmicos dos cursos de ciências agrárias.

1.3 JUSTIFICATIVA

O tema do empreendedorismo está em voga na atualidade, porém, na maioria das vezes com um olhar voltado as áreas empresariais e da indústria. As pesquisas de

empreendedorismo rural em sua maioria são conduzidas sob o enfoque da sociologia e da economia rural. Ao enfatizar as semelhanças das propriedades rurais com as empresas dos setores em geral, Alsos, Carter, *et al.*, (2011) questionam por que o domínio de pesquisa de empreendedorismo ignorou o setor agrícola por tanto tempo?

No Brasil, existem poucos estudos relacionados ao empreendedorismo rural e as perspectivas dos jovens sobre ele. Neste sentido a presente pesquisa torna-se relevante pois pretende lançar luz sobre estas perspectivas a fim de elucidar um pouco mais do tema, neste caso, sob a ótica dos jovens acadêmicos da área de conhecimento das ciências agrárias, portanto, correlatas ao agronegócio.

Este trabalho tem especial relevância pessoal ao seu autor, por se tratar de um filho de pequenos agricultores que teve de experimentar, ainda na sua juventude o êxodo rural como alternativa à falta de expectativas, estudos, condições econômicas e políticas públicas de incentivo ao desenvolvimento e empreendedorismo rural.

A relevância social desta pesquisa reside em fornecer algumas tendências relacionadas ao empreendedorismo rural. Com isso espera-se contribuir aos legisladores na criação de políticas públicas e incentivos voltados especificamente aos jovens e estudantes que tem interesse no rural, intentando oferecer um panorama de seus anseios, para assim criar mecanismos que possam ao menos mitigar as questões que assolam esta problemática.

No que tange à academia a pesquisa poderá proporcionar as instituições de ensino, seus departamentos e seus coordenadores de curso, uma visão atualizada e tanto realista, capaz de instigar reformulações nos currículos escolares. Pretende trazer colaboração no sentido de fomentar e desenvolver o empreendedorismo rural como alternativa profissional. Intenta ainda, contribuir na inspiração de novas e possíveis pesquisas acadêmicas, no assunto, que venham a contribuir para aprofundar o entendimento sobre o tema, especialmente no que diz respeito ao Brasil e especificamente ao Estado do Rio Grande do Sul.

2. DESENVOLVIMENTO RURAL - CONCEITOS

A temática do desenvolvimento rural tem ocupado vasta parte da literatura acadêmica e dos documentos e ações de organizações políticas e instituições em todo o mundo nas últimas décadas. De acordo com Navarro (2001) durante muito tempo o desenvolvimento rural esteve associado às ações de governos e organismos internacionais que tinham o objetivo de intervir nas áreas rurais das regiões mais pobres que não conseguiam se integrar aos processos de modernização agrícola. Esta foi também a tônica da intervenção no meio rural do Brasil e alguns países da América Latina durante o período da chamada “Revolução Verde” que atuava de forma dirigida e orientada para os agricultores que não conseguiam se modernizar (SCHNEIDER, 2010). Ainda de acordo com este autor, essa forma de atuação do Estado e das agências de desenvolvimento fez com que houvesse um afastamento de pesquisadores e estudiosos do tema, por considerá-lo excessivamente político.

No Brasil, somente a partir dos anos 1990, após o período da chamada “década perdida”, dos anos 1980, caracterizada pela hiperinflação e desequilíbrio econômico é que o tema do desenvolvimento rural retorna sob nova configuração. Para Schneider (2010) o debate volta à tona por conta de um novo entendimento sobre desenvolvimento rural e ressurgem sob novos e diversificados enfoques onde três aspectos são importantes: a) o processo de estabilização da economia a partir do ano de 1995 e a entrada em vigor das muitas regulamentações estabelecidas pela nova constituição de 1988; b) as mudanças da sociedade civil como um todo onde os movimentos e organizações sociais, antes reprimidos ganham força e espessura e passam de reivindicatórios e contestatórios para proativos e propositivos com relação as questões de desenvolvimento; c) a introdução da noção de sustentabilidade e meio ambiente no contexto da discussão de desenvolvimento rural. Neste sentido a Eco-92 (conferência da ONU para o meio ambiente), que aconteceu no Rio de Janeiro e o estabelecimento da Agenda 21, trouxeram consigo importante mobilização política, com impacto relevante sobre o Estado, instituições e sobretudo nos intelectuais que pesquisam o assunto.

Para além de todas as questões históricas, políticas, ideológicas e econômicas Navarro (2001) aponta que a globalização trouxe um quadro de mudanças rápidas e o

desenvolvimento rural gradativamente reaparece na arena dos debates e das disputas sociais em escala global. Para este autor, há ainda o impacto da revolução tecnológica na agricultura que está (re)criando compreensões radicalmente diferentes sobre os sistemas agrícolas e o modo de vida rural.

No Brasil, até recentemente o debate girava em torno da economia agrícola, do agronegócio e seus mercados. Neste sentido Navarro (2001) afirma que, por conta de não existir por aqui uma consolidada tradição de análise das políticas públicas e de iniciativas que investigassem o desenvolvimento rural, há um conjunto de expressões sendo utilizadas de forma trocada, apesar de seus distintos significados. Essas expressões, segundo ele são, o desenvolvimento agrícola ou agropecuário que se refere às condições de produção e o desenvolvimento agrário que se refere ao mundo rural e suas relações com a sociedade. Para ele o desenvolvimento rural difere das expressões anteriores por tratar-se de uma ação previamente articulada que induz, ou pretende induzir, mudanças em um determinado ambiente rural.

Assim, essa afirmação concorda com o que diz Dufumier (1996) que o desenvolvimento rural é, em primeiro lugar, um encadeamento de transformações técnicas, ecológicas, econômicas e sociais e que por isso mesmo, convém entender sua dinâmica passada, as contradições presentes para prever suas tendências futuras. É notório que nas últimas décadas o rural brasileiro não é mais o mesmo. As mudanças não aconteceram somente do ponto de vista econômico que prioriza os ganhos de produção, mas sobretudo, sob o prisma das transformações sociais, culturais e ambientais. É necessário um novo olhar sobre o rural e seu desenvolvimento. Um olhar que, levando em conta o caminho passado, possa enxergar as realidades atuais e atualizar conceitos, dar sentido ao novo e projetar o futuro.

Ainda nos anos 2000 Van Der Ploeg, Renting, *et al.*, (2000) já afirmavam que havia a emergência de um novo modelo de desenvolvimento rural e o paradigma da modernização estava sendo substituído por um novo paradigma de desenvolvimento rural. Com relação aos países da América Latina, Giarraca (2001) afirmava que muitas coisas haviam acontecido nas teorias sociais e que não se poderia mais pensar o rural como há algumas décadas anteriores. Para ela, as imagens rurais na América Latina mudaram com tanta intensidade que sugeriam pensar em uma “nova ruralidade”, pois no cenário rural de então, passam a coexistir empresas altamente tecnológicas, grupos multinacionais, empresas de agroturismo, grandes, pequenos e médios produtores

rurais além de camponeses e diferentes grupos étnicos. Era necessário, portanto, uma nova definição de desenvolvimento rural, para dar conta de tanta diversidade. Foi então que muitos cientistas tiveram dificuldades, pois, se depararam com a inexistência de uma definição ampla de desenvolvimento rural capaz de abranger essas discussões críticas.

Num âmbito mais globalizado Van Der Ploeg (2011) em sua pesquisa comparativa internacional, corrobora trazendo uma análise dos processos de desenvolvimento rural entre Brasil, China e União Europeia onde afirma que, apesar da informação abundante e das trajetórias diferentes amplamente documentadas nesses países, a maior dificuldade está centrada, sobretudo na natureza conceitual e metodológica da questão. Para ele a principal dificuldade está em definir o que é desenvolvimento rural. A noção de desenvolvimento rural é então entendida como a síntese mais ou menos concisa do que acontece no rural. Ampliando a visão das décadas anteriores, seria ainda o desenvolvimento rural um amálgama de práticas heterogêneas, estilos mutuamente contrastantes, tendências de desenvolvimento divergentes, posições hegemônicas e mudanças que podem mudar a paisagem.

As concepções de desenvolvimento rural tem se modificado a medida que ficam mais claras a diversidade e a complexidade das realidades do meio rural. Há uma multiplicidade de possibilidades, explicações, restrições e alcances. Dessa forma as sociedades rurais tem experimentado mudanças estruturais que possibilitam entender o desenvolvimento rural em um sentido mais amplo, como um processo de melhoria do nível de bem estar, não só da população rural, mas da contribuição que ele pode oferecer em termos de bem estar a toda a população, seja ela rural ou urbana. (PÉREZ, 2001).

A sociedade brasileira parece ter hoje um novo olhar sobre o meio rural. A visão de algumas décadas atrás de que o rural era um lugar de muitos problemas e atrasado, dá lugar a um mundo de novas possibilidades que mostram o rural brasileiro como um lugar que pode também oferecer diversas soluções. De acordo com Wanderley (2001) este novo olhar positivo encontra no meio rural possibilidades, oportunidades e alternativas com relação ao emprego, a melhoria da qualidade de vida pelo contato com a natureza; o turismo rural e de forma intermitente ou mesmo permanente pela residência rural. Para Graziano Da Silva e Del Grossi (2002) o espaço rural tem sido foco de valorização para fins não-agrícolas, como o estabelecimento de indústrias

tradicionais que transferem suas plantas para as áreas rurais em busca principalmente da redução de custos. Para estes autores há uma nova onda de valorização do rural capitaneados pelas questões ecológicas (preservação da cultura *Country* ex: festas de peões pelo interior brasileiro), de lazer (chácaras e sítios para passar finais de semana, pesque-pague, etc.), turismo rural (hotéis fazenda e pousadas rurais) e moradia, pois a facilidade de transporte e acesso ao meio urbano proporciona esta realidade. Os autores apontam ainda a emergência de uma vasta gama de empresas prestadoras de serviços especializados como preparo do solo, colheita, pulverizações, inseminações entre outras tarefas. Assim as famílias, agora tem a oportunidade de combinarem atividades agrícolas e não-agrícolas e ganha espaço também a pluriatividade.

De acordo com Van Der Ploeg, Renting, *et al.*, (2000) o paradigma da modernização que através de teoria, prática e política preconizava a elevação da renda e o desenvolvimento das comunidades, dá lugar a um “desenvolvimento rural”. Este desenvolvimento é visto como um processo multinível, multiator e multifacetado. Multinível porque leva em consideração a globalização e a relação entre agricultura e sociedade nas questões locais e regionais com destaque para as formas de alocação do trabalho familiar e a pluriatividade. Multifacetado porque as novas práticas (administração da paisagem, conservação ambiental, turismo rural, agricultura orgânica, agroindústrias rurais familiares, produção de especialidades regionais, vendas diretas, etc.) com que se vê envolvido o rural exige que as propriedades rurais assumam novos papéis e estabeleçam novas relações sociais com empresas e setores urbanos. Por fim, multiator porque a complexidade das instituições envolvidas nesse processo abrangem um contexto de relações não só locais, mas entre essas localidades e a economia global. Desta forma, para estes autores o desenvolvimento rural é um processo que está enraizado nas questões históricas e portanto, pode ser visto como a busca de um “novo modelo” de desenvolvimento agrícola. Afirmam ainda que seria impossível referir-se ao desenvolvimento rural como um novo “modelo” sem a compreensão de quais elementos devem incluir esse novo modelo que está emergindo rapidamente.

2.1 ELEMENTOS E CONDICIONANTES ATUAIS DO DESENVOLVIMENTO RURAL

As transformações, agrícolas, econômicas, históricas, sociais e culturais que povoam a linha do tempo do desenvolvimento rural, apontam como foi sendo construída a nova noção de desenvolvimento rural tanto a nível nacional quanto a nível global. Denotam ainda o surgimento de uma nova ruralidade, conforme já apontado pelos diversos autores visitados na construção deste trabalho. Ruralidade esta baseada em alguns elementos e condicionantes que, para além da contemporaneidade, nortearão os rumos futuros do desenvolvimento rural em termos econômicos, sócio-políticos, de pesquisa e de meios de vida.

Ao ser transformada nas últimas décadas, no Brasil, a noção de desenvolvimento rural foi sendo influenciada por diversas conjunturas e por novos condicionantes que para Almeida (2009) o desenvolvimento social mais geral, impôs aos grupos sociais e as atividades rurais. O peso da tradição e os limites históricos e sociais, constituem uma agenda temática em torno desses condicionantes e potencialidades dos processos de mudança social onde os temas giram em torno do clientelismo, do patriarcalismo e das formas políticas de dominação das pessoas e grupos sociais. Para ele, no campo acadêmico ganharam força as temáticas ambiental e local ou territorial, envolvendo diversas áreas do conhecimento como as ciências agrárias, sociais aplicadas, multidisciplinar e humanas. Este autor considera ainda sobre a importância de alguns elementos como a globalização, a sustentabilidade e a valorização da agricultura familiar. Pondera também que existem alguns desafios atuais para as pesquisas em desenvolvimento rural no que tange a dependência energética, produção de biocombustíveis e o espaço da agricultura familiar que vem causando grandes transformações no meio rural.

Com relação as transformações do mundo rural nas sociedades modernas avançadas, Wanderley (2000) considera que a modernização agrícola e as transformações recentes no meio rural fazem com que ocorra a emergência de uma nova ruralidade. Esta realidade se encontra caracterizada por diversos elementos nos quais se destacam: a) a diversificação social, onde a distância física e a “paridade” econômica e social foi sendo reduzida e os modos de vida uniformizados; b) o estabelecimento de relações de complementariedade com o urbano fazendo as populações rurais e urbanas interagirem cotidianamente nas diferentes e múltiplas

dimensões da vida social; c) o crescimento demográfico que através da adoção de políticas econômicas (transportes e comunicação), sociais (aposentadoria) e regionais (estímulo ao desenvolvimento local), favoreceu tanto a redução do fluxo migratório do rural para o urbano, quanto a atração ao meio rural de outras categorias sociais; d) a “modernização rural” que modificou as condições sociais, econômicas e de vida dos habitantes do rural ; e) a valorização dos patrimônios natural e cultural das localidades (tradições, contato com a natureza, turismo rural, estilo de vida), além dos novos papéis dos agricultores (profissionais que necessitam de novas competências para gerir suas propriedades como um negócio; que precisam ser dinamizadores e agentes diretos da transformação em curso) .

Estes elementos estabelecem uma nova relação entre o rural e o urbano, transformam a agricultura e os contornos da nova ruralidade. Nessa “nova ruralidade”, Favareto (2006) explica que a vitalidade do rural não se resume mais aos campos, como lugar de realização de atividades primárias, mas a uma trama complexa envolvendo os campos e suas cidades, com destaque para uma integração Inter setorial da economia, e para uma emergência da variável ambiental como elemento chave. Neste sentido, o estudo de Schneider (2010) analisando as diversas correntes de pesquisa e pensamento sobre o desenvolvimento rural no Brasil, aponta que na emergência deste debate aparecem quatro importantes fatores que ganharam projeção, escala e, sobretudo, legitimidade na construção de uma nova visão sobre o desenvolvimento rural.

O primeiro e mais importante fator, fica por conta da agricultura familiar e seu potencial como modelo social, econômico e produtivo. O segundo fator diz respeito a interferência do Estado na criação e implementação das políticas para o meio rural (reforma agrária, segurança alimentar, Pronaf). O terceiro fator refere-se as mudanças recentes nos campos político e ideológico caracterizado pelo agronegócio em oposição a agricultura familiar. O quarto fator importante está relacionado a questão da sustentabilidade ambiental, sugerindo uma agricultura alternativa em oposição ao modelo da revolução verde.

Para além de todas estas questões e a complexidade que vive atualmente, outro fator condicionante que o rural ainda enfrenta fica por conta do grau de esvaziamento de sua população (WANDERLEY, 2000). Este esvaziamento tem múltiplas causas que se desenvolvem historicamente. As baixas taxas de fecundidade que reduzem a

população rural; o envelhecimento dos agricultores; o êxodo rural; a masculinização e a falta de sucessores que ocasiona uma migração rural-urbana tanto dos mais velhos que não tem condições de desenvolver as atividades agrícolas, quanto dos jovens em busca de novas oportunidades e um modo de vida urbano conforme corroboram os autores a seguir: (CAMARANO e ABRAMOVAY, 1999); (SPANEVERELLO, MATTE, *et al.*, 2017) ; (MATTE, SPANEVERELLO e ANDREATTA, 2015); (PARQUET e LE COQ, 2017); (ZANOL, 2013); (MAIA, 2014)

Todos esses elementos, fatores ou condicionantes demarcam o presente e apontam o futuro das discussões, das políticas e das pesquisas sobre o desenvolvimento rural. Assim, diante do cenário que se apresenta, se faz necessário de acordo com Schneider (2010) analisar mais profundamente o papel dos agricultores nesses processos de mudança. É preciso conhecer como os agricultores e suas famílias reagem as mudanças tecnológicas e de mercado, além do ponto de vista e das estratégias que utilizam para dar conta das mudanças em questão. Para Wanderley (2000) nas condições atuais da produção e do mercado são necessários ao agricultor múltiplos conhecimentos (culturais, dos solos, veterinários, genéticos, administrativos, comerciais, mecânicos, até mesmo de informática etc.). Para ela a profissão de agricultor sofre uma profunda transformação pois, precisa adquirir competências cada vez mais complexas exigidas tanto pelas atividades agrícolas quanto pela ocupação dos novos espaços não agrícolas que surgem no meio rural. Assim, o futuro do rural, da nova ruralidade e seu desenvolvimento depende muito dos atores envolvidos, jovens e adultos do meio rural ou urbano que enxergam o rural como possibilidade de permanecer, retornar ou empreender como meio de vida e profissão.

Diante do exposto, se faz necessário entender o papel e a importância de um ator fundamental na dinâmica deste novo rural, o papel dos jovens, tanto rurais quanto urbanos, que significam o futuro, garantindo que o desenvolvimento rural possa se efetivar mesmo diante das complexidades que se apresentam na atualidade.

2.2 A JUVENTUDE NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO RURAL

Uma das preocupações da atualidade, principalmente em termos de políticas de desenvolvimento rural, está em “manter o homem no campo”. A respeito disso há que se perguntar se o “rural” é do interesse dos jovens e não somente dos jovens rurais,

mas também dos urbanos, pois o novo rural passa a ser visto como um lugar de oportunidades para toda a sociedade e não exclusivamente a rural. Assim como há o movimento migratório rural-urbano, o contrário também pode acontecer e nas palavras de Pedersen (2018) a sociedade moderna é caracterizada por um aumento de mobilidades; é por assim dizer uma sociedade em movimento. Para Puntel (2011) enquanto os adultos vivem uma perspectiva de sociedade que se decompõem, os jovens estão mergulhados em uma perspectiva completamente diferente e nova, vivendo e projetando intensamente o futuro.

Portanto, qualquer ação implementada, principalmente em termos de políticas de desenvolvimento, sem levar em consideração a perspectiva dos jovens seria nociva, pois é na juventude que geralmente se encontra mais disposição em arriscar, inovar e enfrentar novos desafios, enfim, movimentar-se (ABRAMOVAY, 2009). Este impulso ao novo é certamente importante não só para o desenvolvimento rural, mas para a sociedade como um todo.

O papel dos jovens tem sido importante temática, também, no que tange as pesquisas sobre empreendedorismo rural. Diversos estudos mencionando a importância de ensinar, desenvolver e apoiar os jovens para que empreendam no meio rural, tem sido desenvolvidos ao longo dos últimos anos (MORSELLI, 2017). Diversas políticas públicas, também tem sido desenvolvidas neste sentido, em vários países do mundo. No Brasil o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) possui uma linha de crédito e incentivo aos jovens que pensam em desenvolver seus projetos no meio rural. Este programa proporciona financiamento com taxas subsidiadas para investimento em atividades agropecuárias, turismo rural, artesanato e outras atividades no meio rural (MDA, 2017). Para Abramovay (2009) os jovens são os protagonistas mais importantes dessa redescoberta dos espaços rurais, conforme mencionado ao longo deste trabalho e para ele devem estar no centro de toda a política pública. Políticas essas que devem associar ativos importantes como a educação e ambientes que estimulem o desenvolvimento de projetos inovadores, capazes de tornar o meio rural não uma fatalidade mas uma opção de vida.

A participação dos jovens é vista como fundamental não só para o desenvolvimento rural, mas para a continuidade da ocupação do meio no futuro, garantindo a segurança alimentar. Neste sentido, O relatório da FAO (2017) “O Estado Mundial da Agricultura e da Alimentação 2017” mostra que até o ano de 2030 a

população jovem aumentará em 100 milhões em todo o mundo. Assim espera-se dos jovens uma contribuição para o aproveitamento do potencial dos sistemas alimentares, gerando transformações inclusivas que trarão impactos importantes na erradicação da pobreza e da fome que afeta principalmente os habitantes de áreas rurais.

De acordo com Parquet e Le Coq (2017) inclusive a agricultura familiar em pequena escala tem sido promovida pelas instituições internacionais como uma resposta a questões globais, e para estes autores, há um grupo de atores-chave que precisa ser analisado em estudos agrícolas: os jovens agricultores, pois eles são inovadores potenciais, eles asseguram a renovação geral e, assim, mantêm inclusive a agricultura familiar. Neste sentido Abramovay (2009) afirma que os futuros agricultores serão cada vez mais pluriativos e que suas rendas dependerão da agricultura mas também de atividades não agrícolas, então, quanto mais os jovens estiverem preparados para esta realidade, tanto maiores as chances de realização pessoal e profissional. Para Escher, Schneider, *et al.*, (2014) no Brasil, desde os anos 1990 foram desenvolvidas várias pesquisas que permitiram dimensionar e caracterizar a presença e a importância econômica das atividades e rendas não agrícolas entre os agricultores familiares.

No entanto, para que estas propensões se realizem é necessário um ambiente social que estimule o conhecimento e favoreça que estas ideias e inovações se transformem em empreendimentos. Assim, o papel dos jovens tem sido importante temática também nas pesquisas sobre empreendedorismo rural. Diversos estudos mencionando a importância de ensinar, desenvolver e apoiar os jovens para que empreendam no meio rural, tem sido desenvolvidos ao longo dos últimos anos (MORSELLI, 2017). Conforme enfatizam Newbery, Siwale e Henley, (2017) o empreendedorismo rural desempenha um papel fundamental no aproveitamento da inovação, manutenção e desenvolvimento de comunidades, proporcionando oportunidades de trabalho e moderando a relação entre agricultura, uso da terra, desenvolvimento comunitário e econômico. Desta forma é importante entender o que é empreendedorismo e como ele se insere no meio rural.

2.4 O EMPREENDEDORISMO: FENÔMENO COLETIVO, COMUNITÁRIO E TRANSFORMADOR

O termo empreendedorismo parece estar na moda na contemporaneidade não só no mundo dos negócios, mas principalmente em escolas de graduação e pós-graduação e inclusive é tratado sob diferentes enfoques como: o empreendedorismo; a gestão de pequenas empresas; o crescimento empresarial; a criação de novos empreendimentos; a gestão de novos empreendimentos ou o desenvolvimento empresarial (AHMAD, BAKARB e AHMADC, 2018).

Vários programas de graduação e pós-graduação nas mais variadas instituições e áreas do conhecimento oferecem educação empresarial e as disciplinas de empreendedorismo como sujeito obrigatório ou eletivo. Apesar deste destaque o empreendedorismo vem sendo estudado há vários séculos, tendo recebido uma maior atenção na atualidade, principalmente a partir dos anos 1980. Ainda no século XVII, quando ocorreu a primeira concepção mais clara sobre o termo, até meados dos anos 1960, o campo do empreendedorismo foi dominado pelos economistas, que acreditavam que este tinha impacto direto no crescimento econômico de uma determinada região (TOMEI e LIMA, 2015). A partir dos economistas o conceito se expandiu às mais variadas áreas do conhecimento e cada uma delas foi moldando o conceito à sua realidade, tornando difícil para as pessoas defini-lo e por isso é mister trazer a luz alguns conceitos sobre o termo para que se possa clarear o assunto.

Empreendedorismo é uma livre tradução que se faz da palavra *entrepreneurship*, que contém as ideias de iniciativa e inovação. É um termo que implica uma forma de ser, uma concepção de mundo, uma forma de se relacionar (DOLABELA, 2006). Diante desta definição pode-se inferir que o conceito pressupõe novas formas de fazer as coisas, além de ter iniciativas diferenciadas não só no mundo dos negócios mas na forma de ver, viver e conviver.

Para este autor o empreendedorismo é uma das manifestações da liberdade humana, portanto não é um fenômeno individual, mas sim coletivo e comunitário, porque o fundamento do empreendedorismo é a cidadania e visa a construção de um bem-estar coletivo de espírito comunitário e de cooperação. Jones e English (2004) trazem o conceito de empreendedorismo como sendo o processo de proporcionar aos indivíduos a capacidade de reconhecer as oportunidades comerciais, a percepção, a autoestima, o conhecimento e as habilidades para atuar neles.

O conceito trazido por estes autores denota a importância do ensino do empreendedorismo como forma de transformação, pois para aproveitar oportunidades é preciso saber identificá-las. Além de reconhecer as características pessoais é necessário também desenvolvê-las para poder ser empreendedor e assim transformar a realidade não só pessoal mas também social. Assim, em sua pesquisa conduzida em 34 países, McClelland (1967) a partir de três características: realização, planejamento e poder, identificou 10 comportamentos dos empreendedores: 1) Busca de oportunidades e iniciativa; 2) Correr riscos calculados; 3) Persistência; 4) Exigência de qualidade e eficiência; 5) Comprometimento; 6) Busca de informações; 7) Estabelecimento de metas; 8) Planejamento e monitoramento sistemáticos; 9) Persuasão e redes de contato; 10) Independência e autoconfiança.

Certamente, através desses comportamentos atitudinais, o empreendedorismo tem impacto direto na sociedade pois trata-se de uma forma de ser e de se relacionar e nisto tem a capacidade de transformar o ambiente e as pessoas trazendo prosperidade a indivíduos, comunidades e países. Além dos comportamentos dos empreendedores, o empreendedorismo em si é classificado por necessidade e por oportunidade.

Dentro das classificações de empreendedorismo por necessidade¹ e por oportunidade², o relatório Brasil do *Global Entrepreneurship Monitor GEM (2017)* enfatiza que em função da desaceleração da economia brasileira desde o ano de 2014 o cenário se mostrou menos favorável ao empreendedorismo por oportunidade e, em decorrência da situação de maior desocupação no país, acarretou um incremento no empreendedorismo por necessidade. O relatório aponta ainda que no Brasil de cada 100 empreendedores 57 empreendem por oportunidade.

Este é um fator relevante para a economia, pois demonstra a capacidade dos indivíduos de enfrentar e ultrapassar períodos de instabilidade econômica, além de gerar emprego e renda. Outro dado importante que este estudo traz são as taxas de empreendedores iniciais (composta por empreendedores nascentes e novos)

¹ Empreendedores por necessidade são aqueles que decidem empreender por não possuírem melhores alternativas de emprego, propondo-se criar um negócio que gere rendimentos, visando basicamente a sua subsistência e de seus familiares.

² Empreendedores por oportunidade aqueles capazes de identificarem uma chance de negócio ou um nicho de mercado, empreendendo mesmo possuindo alternativas concorrentes de emprego e renda.

mostrando que no Brasil 43% dos empreendedores está na faixa etária entre os 18 e 34 anos.

Esta taxa é superior a países mais desenvolvidos como Alemanha e Estados Unidos, o que denota mais uma vez a importância dos jovens na capacidade de aproveitar as oportunidades e alavancar o desenvolvimento. Os dados do OECD/EU (2017) apontam que na União Europeia, 4,9% dos jovens estavam trabalhando ativamente na criação de um negócio entre 2012 e 2016 e dentro dos países da OCDE esta proporção estava em 6,6%. Nesse mesmo período, aproximadamente um em cada cinco jovens empreendedores iniciou seu próprio negócio e esta taxa está acima da proporção para a população adulta.

Um Destaque nesta publicação fica também por conta dos jovens chilenos que tem uma taxa empreendedora de 14,4%. O relatório aponta ainda que dois terços da juventude da União Europeia reconhece que a falta de habilidade e conhecimento é uma barreira para a criação de empresas, e por isso é evidente que os decisores políticos devem apresentar e melhorar a qualidade da educação para o empreendedorismo oferecido na educação formal e melhorar a qualidade dos cursos de empreendedorismo oferecidos no ensino superior.

Ensinar e incentivar o empreendedorismo tem sido um empreendimento abarcado por diversos organismos, governos, universidades no mundo todo, promovendo um despertar para o assunto nas mais diversas áreas do conhecimento. Assim o estudo de Ahmad, Bakar b e Ahmadi (2018) fazendo uma avaliação do método de ensino de empreendedorismo na área de hotelaria e turismo nos trazem a informação de que nestes cursos se desenvolveu inclusive um conceito de empreendedorismo, como devendo ser concentrado na criação de uma proposta de valor do serviço, invés de concentrar-se apenas na criação de novos empreendimentos.

Esta pluralidade de áreas do conhecimento e de negócios por onde tem sido difundido o empreendedorismo, chega inclusive ao rural. O Empreendedorismo rural ganha força a medida que há a necessidade de desenvolver este setor, garantir a permanência do homem no campo ou ainda incentivar os jovens a pensarem no rural como possibilidade de negócio para estabelecerem-se por lá.

2.5 EMPREENDEDORISMO RURAL: UM PROPULSOR DO DESENVOLVIMENTO

O Setor agrícola passou por profundas mudanças nos últimos anos (econômicas, sociais, ambientais) conforme já visto na construção deste trabalho. Políticas agrícolas foram criadas e implementadas em diversos países do mundo e os agricultores demonstraram capacidades distintas e respostas diferentes ao que acontecia com o setor. Esta heterogeneidade e complexidade foi sendo pesquisada e estudada sob o ponto de vista dos economistas agrícolas e sociólogos rurais que documentaram o impacto dessas mudanças no setor agrícola e em suas comunidades circunvizinhas (ALSOS, CARTER, *et al.*, 2011). Para estes autores, a nova realidade que vive o meio rural, em nível global, traz consigo novas exigências principalmente no lado da demanda, pois há uma maior concentração de varejistas, além dos complexos padrões de preferência dos consumidores. Assim, o estudo teórico das forças que estão por trás do desenvolvimento nas áreas rurais carece de uma disciplina específica, por isso é necessário recorrer a outras disciplinas que tratam do “desenvolvimento econômico em regiões rurais”, como a economia regional e o campo multidisciplinar dos estudos rurais (economia rural, sociologia rural, geografia rural, demografia, etc.) (TERLUIN, 2003). Para Kageyama (2004) o desenvolvimento das áreas rurais dificilmente pode ser explicado satisfatoriamente por apenas uma das teorias desses diversos campos de estudo.

A realidade (exigências de demanda, concentração varejista e padrões de consumo) a qual se referem Alsos, Carter, *et al.*, (2011) sugere que os agricultores precisam se adaptar e criar estratégias para enfrentá-las e uma delas é a visão de que a propriedade seja vista como um negócio familiar, como uma atividade empreendedora, conforme sugerem Gasson, Crow, *et al.*, (1988) por isso o domínio das pesquisas de empreendedorismo precisa se debruçar mais sobre o rural, porque se ele é visto como um lugar de oportunidades e negócios, então pode também contribuir para o desenvolvimento rural.

Assim como nas demais áreas do conhecimento ou mesmo nos segmentos da indústria, o empreendedorismo está presente também no setor rural e seu conceito vem sendo discutido por diversos autores (PINDADO e SÁNCHEZ, 2017). Estes autores, trazem em sua pesquisa sobre o comportamento de empreendimentos novos e existentes na agricultura europeia que vários estudiosos relacionaram o conceito de

empreendedorismo agrícola com o desenvolvimento de negócios não-agrícolas por agricultores e proprietários rurais já estabelecidos e que outros ainda consideram que a atividade agrícola também oferece oportunidades empresariais, como o desenvolvimento de novos produtos (por exemplo, agricultura orgânica e alimentos funcionais) e inovações em processos de negócios, distribuição e comercialização. Partindo desta premissa o conceito de empreendedorismo agrícola pode ser entendido como um processo através do qual os indivíduos aproveitam oportunidades de mercado positivas para criar e expandir novas empresas ou novas atividades.

Este conceito nos leva a entender duas possibilidades de empreendedorismo onde uma seria atitudinal onde o agricultor iniciaria um empreendimento por conta própria e outra comportamental onde envolveria o perfil empreendedor em perceber e aproveitar uma oportunidade de negócios. Para Dolabela (2006) o empreendedor é alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade, é um ser social, produto do meio em que vive (época e lugar). Se uma pessoa vive em um ambiente em que ser empreendedor é visto como algo positivo, terá motivação para criar seu próprio negócio. Moreira e Martins (2009) afirmam que os empreendedores percebem, buscam oportunidades e criam novos negócios em torno deles e com isso ajudam a criar empregos e riqueza inclusive para a sociedade e que, portanto, são cruciais para o desenvolvimento e sucesso de qualquer economia. Neste sentido entende-se que o empreendedorismo rural tem papel importante no combate as fraquezas econômicas e ambientais das comunidades rurais porque podem criar empregos, riqueza e renda, porém depende das capacidades dos agricultores.

Pindado e Sánchez, (2017) concluem que os agricultores têm capacidades empresariais mais fracas do que profissionais de outros setores da economia porém, os novos participantes (novos agroempreendedores) são tão empreendedores quanto os de outros setores. Por outro lado, os agroempreendedores estabelecidos (aqueles agricultores ou proprietários rurais que atuam há bastante tempo no setor) são menos proativos do que outros setores. Os autores sugerem ainda que os novos participantes na agricultura são mais empreendedores que os estabelecidos.

Oportunidades de empreendedorismo rural podem ser aproveitadas de várias maneiras pelos agricultores tais como: diversificação de culturas; turismo rural; serviços rurais; lazer; transformação dos produtos na propriedade; inovação em novas formas de produzir e comercializar. Isto desencadeia a pluriatividade dos estabelecimentos

agrícolas, que pode ser considerada uma forma de inovar perante os desafios impostos por diversos fatores (macroeconomia, políticas agrícolas, condições de mercado entre outros).

Numa perspectiva global, em 2010, a União Europeia adotou a noção de "inteligente" na sua nova estratégia de crescimento de dez anos, Europa 2020, afirmando que a Europa deve se tornar uma economia inteligente, sustentável e inclusiva (NALDI, NILSSON, *et al.*, 2015). Os autores argumentam que este conceito de crescimento e desenvolvimento inteligente é parte de uma resposta estratégica às baixas taxas de crescimento, inovação e produtividade em todas as regiões da Europa. Foi adotada para superar a crise econômica mundial que afetou mais ou menos todas as economias da Europa, resultando em altas taxas de desemprego e altas dívidas governamentais. Esta estratégia levaria a uma especialização que leva em conta as diferenças regionais, inclusive do ponto de vista rural, onde cada região deve identificar os setores, as áreas tecnológicas ou sua principal vantagem competitiva e, em seguida, concentrar suas políticas regionais para promover a inovação nesses campos. Em outras palavras, especialização inteligente.

Morris, Henley e Dowell (2017) em seu estudo sobre diversificação agrícola, empreendedorismo e adoção de tecnologia com agricultores de Terras Altas no País de Gales enfatizam que diante das políticas agrícolas e do referendo do Reino Unido de 2016 sobre a adesão à UE e suas implicações para a política de desenvolvimento rural, surgirão pressões que podem estimular, em diferentes níveis de intensidade, uma série de respostas, incluindo o aumento da pluriatividade da fazenda, a inovação na busca tanto da intensificação como de diversificação na fazenda implicando no desenvolvimento, transferência e utilização de novas tecnologias, exploração de marketing e outras inovações de processos em busca de oportunidades de valor agregado. Para Alsos, Carter, *et al.*, (2011) o conceito de pluriatividade, que envolve os agricultores em atividades (dentro e fora da fazenda) além das tradicionais, reflete paralelamente o conceito de empreendedorismo de carteira, utilizado para definir a propriedade de múltiplos negócios no domínio do empreendedorismo empresarial. Essa comparação leva a entender que o empreendedorismo e a pluriatividade podem servir como um canteiro para, inovar e desenvolver novas atividades.

No Brasil, os estudos acerca da pluriatividade envolvendo as pequenas propriedades rurais alcançaram destaque nos últimos anos, tendo em vista as

condições macroeconômicas que o país tem atravessado e que de certa forma foram desfavoráveis ao desenvolvimento econômico dos mercados em geral. Uma nova dinâmica tem sido observada no que diz respeito as ocupações agrícolas e não-agrícolas, do ponto de vista dos mercados de trabalho que movimentam as economias locais através da geração de receita e renda impactando e desenvolvendo territórios além de influenciar na criação e proposição de políticas públicas para este setor. Para Escher, Schneider, *et al.*, (2014) no Brasil, desde os anos 1990 foram desenvolvidas várias pesquisas que permitiram dimensionar e caracterizar a presença e a importância econômica das atividades e rendas não agrícolas entre os agricultores familiares.

Em seu estudo que analisa como a resiliência dos agricultores contribuiu para o desenvolvimento da região Oeste do Estado de Santa Catarina-Brasil, Exterckoter, Silva e Pujol (2015) relatam que ciclos e crises econômicas fazem parte do cotidiano das comunidades rurais e que os agricultores sempre tiveram que encontrar soluções para enfrentar eventos inesperados relacionados ao meio ambiente (granizo, geada, seca), bem como a incerteza econômica e de mercado. Os autores concluem ainda que uma das estratégias inovadoras encontradas pelos agricultores da região explorada em seu estudo foi a de usar a diversificação produtiva. Isso permitiu aproveitar o uso do capital social local, o conhecimento artesanal e cultural da região para agregar valor aos produtos da pequena propriedade rural. A partir de então as indústrias caseiras (agroindústrias rurais familiares), surgem como alternativa de processamento de alimentos em pequena escala, mostrando sua capacidade de resposta adaptativa aos períodos de crise econômica, o que reforça a capacidade empreendedora dos indivíduos e a importância do empreendedorismo rural para o desenvolvimento. De acordo com Alsos, Carter, *et al.*, (2011) novos empreendimentos baseados nas propriedades podem dar uma contribuição importante para o desenvolvimento econômico e social rural.

Se tanto o empreendedorismo como os jovens são fundamentais para o futuro da agricultura e o desenvolvimento das regiões rurais, se faz necessário compreendê-los mais amplamente. Compreender melhor como os domínios, as técnicas e ferramentas do empreendedorismo podem ajudar os jovens a estabelecerem-se, a retornarem ou mesmo escolherem o rural como modo de vida e trabalho. Assim, alguns estudos já foram feitos em diversos países e ajudam a elucidar esta relação entre os jovens, seus anseios e o empreendedorismo rural como forma de desenvolvimento.

O estudo de Parquet e Le Coq (2017) que compara dois assentamentos de jovens agricultores e pluriatividade na Costa Rica, mostram que embora agricultura naquele país ainda represente 6% do produto interno bruto e 37% das exportações, sua importância está diminuindo em relação ao setor terciário, que se concentra em torno das cidades e atrai a juventude rural. Este estudo entrevistou 27 jovens agricultores de dois assentamentos rurais além de 13 proprietários rurais e constatou, dentre outras coisas, que cerca de 60% dos jovens, diferentemente dos proprietários, trabalham em tempo parcial nas propriedades, ou seja, sua atividade principal está fora da fazenda. Ressalta ainda que dentre os jovens que trabalham somente nas propriedades, gerenciam suas propriedades e que tem maior nível educacional produzem comercialmente e com um viés internacional. Quanto maior o seu nível de educação, mais ele vê sua propriedade como um negócio e introduz mudanças.

Estes autores ressaltam ainda que os jovens agricultores que aprenderam ou melhoraram seus conhecimentos agrícolas fora do círculo familiar trazem mais mudanças do que aqueles que só conheceram o exemplo paterno. Aqueles que iniciam projetos novos, por conta própria é porque não gostam de receber comandos. Concluem ainda que algumas condições (acesso à terra, educação, capital financeiro) são necessárias para que os jovens se instalem na agricultura e implementem seus projetos.

Naafs e Skelton (2018) em sua pesquisa com diversas publicações sobre futuros juvenis, aspirações, educação e emprego na Ásia, enfatizam que a formação no ensino médio e superior faz os jovens mudarem sua visão e suas ideias quanto ao tipo de emprego que desejam para sua carreira profissional. Salientam ainda que os jovens asiáticos precisam se adaptar a uma urbanização acelerada porque os efeitos da globalização fortaleceram indústrias estratégicas como o agronegócio, as plantações em larga escala, parques e aglomerados empresariais de tecnologia e finanças. Por conta disso a juventude rural parece estar cada vez mais orientada para futuros não agrários.

Mwaura (2017) por sua vez, pesquisou jovens quenianos que possuem curso de graduação, sobre como eles constroem novas identidades como fazendeiros. Por lá, os que possuem tal condição, são considerados elitizados. Segundo ela, o conceito de pequenos agricultores no Quênia está estigmatizado.

A autora examina os efeitos desta estigmatização da agricultura como sendo algo ruim, entre os jovens graduados que se dedicam a agricultura como fonte de renda e fuga ao desemprego. Destaca que existem políticas e programas governamentais e não-governamentais de incentivo aos jovens rurais usando termos como jovens “agroempreendedores”, “jovens agricultores campeões” e ainda “agronegócios juvenis” para atraí-los à agricultura, porém apesar da mídia promover a agricultura para os jovens como algo lucrativo apresentando histórias de jovens agricultores bem sucedidos, apenas 11% dos jovens quenianos estão interessados em ocupações agrícolas e 63% ainda espera que o governo promova políticas que gerem emprego à eles.

Isto comprovaria que apesar dos incentivos, a maioria dos jovens não querem ser agroempreendedores. Segundo a autora é necessário que haja uma mudança de percepção para que os jovens passem a ver-se não apenas como agricultores mas como empresários com possibilidades de aproveitar oportunidades e aumentar a renda. Concluiu mostrando que a graduação no ensino superior está deixando de ser uma rota de fuga da agricultura para ser uma alternativa que lhe ofereça status empresarial e destaque na sociedade.

Já na Finlândia, Kuhmonen, Kuhmonen e Luoto (2016) realizaram uma pesquisa com os jovens a nível nacional que ilustrou quais são as expectativas dos futuros pessoais em áreas rurais. Os entrevistados foram convidados a descrever seu futuro de sonho numa projeção para o ano de 2030, em termos de meios de subsistência (como pretende ganhar a vida), acomodação (onde pretende morar) e receita de estilo de vida (como pretende levar a vida).

Os autores fazem uma explanação dos macro-futuros rurais em geral (tecnologias, sociedades, regiões e crenças heterogêneas) que podem prejudicar os micro-futuros pessoais (riqueza, negócios, políticas, desejos e crenças pessoais).

A Finlândia é um país desenvolvido e no que tange a sua transformação rural. Desde os anos 60 houve um esvaziamento da mão de obra rural que migra para as indústrias urbanas e as projeções atuais indicam que ainda poderá perder um sexto da população rural até 2040. Os autores salientam que este cenário se repete em outros países, como Suécia e a própria Europa.

Novas formas de consumir o rural (lazer, residência, turismo) podem ser alternativas para o progresso através do que, os autores consideram como uma

característica de bem-estar imaterial (preservação, proteção, conservação do meio natural) e que segundo eles, países como Canadá, Reino Unido e Austrália já tem isso como fonte de renovação do meio rural. Isto tudo em combinação com o empreendedorismo culminaria num maior desenvolvimento, porém para o futuro, a realização desse potencial é especialmente afetada pelas demandas da juventude atual. Suas aspirações e recursos, juntamente com as possibilidades externas, definem o que, onde e como o espaço rural será realmente usado.

Esta pesquisa destaca ainda que os elementos considerados de uma “boa vida” na questão rural são o patrimônio cultural, o alimento limpo e ético, o espaço, a paz e as experiências rurais. Estes elementos apareceram entre as opiniões dos jovens para se hospedar, entrar ou visitar as áreas rurais. Como resultado, esta pesquisa trouxe que, um jovem típico finlandês sonha em ter um trabalho assalariado no setor de serviços; viver perto de uma cidade em uma casa espaçosa, com a possibilidade de interagir com a natureza e outras pessoas.

Os jovens que preferem um futuro nas cidades são atraídos por oportunidades pessoais para uma vida comercial versátil e privada e por habitação fácil. Assim a população do campo vai envelhecendo e sua continuidade e desenvolvimento ficam comprometidos. No Brasil, o estudo de Spanevello, Matte, *et al.*, (2017) com relação a problemática do envelhecimento no meio rural sob a ótica dos agricultores familiares sem sucessores, aponta algumas razões pelas quais os jovens não permanecem no meio rural, quais sejam: a falta de reconhecimento por parte da família sobre o seu trabalho na propriedade; o controle do pai sobre os negócios; a ausência de remuneração financeira; não gostar das atividades rurais, o apreço pelo modo de vida da cidade entre outros.

Outro estudo de Matte, Spanevello e Andreatta (2015) com perspectivas de sucessão em propriedades de pecuária familiar no município de Dom Pedrito – RS, apontam que a migração do meio rural para o meio urbano, pelos jovens pecuaristas se dá em busca da realização de seus sonhos e anseios, mas que tanto os que saem, quanto os que ficam o fazem buscando o bem estar de suas famílias. Este bem-estar, refere-se ao conforto necessário para viver bem, não almejando lucros extraordinários.

Conforme apontado até aqui, emerge, na atualidade, o protagonismo dos jovens como atores importantes no desenvolvimento rural. O empreendedorismo rural apresenta-se como uma alternativa para o aproveitamento de oportunidades de

inovação e negócios. Oportunidades que permitem não só a permanência do jovem no campo mas também o retorno dos que migraram ao urbano ou ainda a percepção dos jovens urbanos de que o rural é também um lugar de soluções e boas oportunidades. Sendo assim, é mister investigar, também no Brasil, e nesse caso especificamente no estado do Rio Grande Do Sul, se os jovens pretendem empreender no meio rural e quais suas expectativas. Assim para dar conta dos objetivos desta pesquisa formulamos o método a seguir descrito.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia científica compreende o estudo de um conjunto sistemático e lógico dos métodos empregados nas ciências, seus fundamentos, validade e relações com as teorias científicas. O método por sua vez, constitui-se num conjunto de dados e operações ordenadas trilhando um caminho em direção ao objetivo (GERHARDT e SILVEIRA, 2009). Assim o presente projeto, está estruturado conforme o método a seguir descrito.

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Quanto a sua abordagem, de acordo com o problema de pesquisa e para atingir os objetivos propostos, a presente pesquisa segue uma classificação quali-quantitativa. Para Gil (2007) a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicos no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave. A pesquisa quantitativa está centrada na objetividade e recorre a linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno e a existência de relações entre determinadas variáveis. Para Gerhardt e Silveira (2009) a utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa oferece a possibilidade de recolher maior número de informações do que isoladamente.

A presente pesquisa, quanto a sua natureza, trata-se de pesquisa básica, pois objetiva gerar conhecimentos novos sem aplicação prática prevista e quanto aos objetivos trata-se de pesquisa explicativa. De acordo com Gil (2007) a pesquisa explicativa preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos.

Quanto aos procedimentos trata-se de pesquisa com *survey* pois busca informações, dados ou características diretamente com um grupo de pessoas representantes de determinada população-alvo (GERHARDT e SILVEIRA, 2009). Desta forma, o universo e a amostra da pesquisa foram definidos conforme segue.

3.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A elaboração da presente dissertação demandou um delineamento prévio a fim de melhor perseguir os objetivos propostos e para tanto definiu-se os seguintes passos:

Passo 1: A partir do problema de pesquisa e dos objetivos propostos, foram pesquisados bibliograficamente nas bases Scopus, Scielo e Google acadêmico no portal de periódicos CAPES/MEC as seguintes palavras-chave: “*rural entrepreneurship*”, “*Youth*” e “*personal futures*”, “*Rural Development*”, “*entrepreneurship*”. Alguns filtros foram necessários para refinar os resultados, dos quais foram selecionados inúmeros artigos, de diversos países, além de livros e sítios eletrônicos apresentando assim um panorama atual de afinidade com o tema proposto.

Passo 2: Para definição do método proposto, além dos referenciais e modelo estatístico escolhido, foi realizada uma pesquisa virtual, nos sítios oficiais dos organismos governamentais do Estado do Rio Grande do Sul afim de delimitar a região geográfica onde foi executada a pesquisa. Nos sítios eletrônicos dos organismos oficiais da educação brasileira foram levantadas as instituições de ensino superior cadastradas oficialmente e com reconhecimento público atuantes no Estado do Rio Grande do Sul – Brasil, que possuem cursos autorizados na área do conhecimento de Ciências Agrárias, correlatas aos agronegócios a saber (agronomia, recursos florestais e engenharia florestal, engenharia agrícola, zootecnia, medicina veterinária, recursos pesqueiros e engenharia de pesca, ciência e tecnologia de alimentos), além desses cursos, por afinidade com o tema de pesquisa proposto foram acrescentados os cursos de agronegócio. Desta forma, definiu-se universo e amostra da pesquisa.

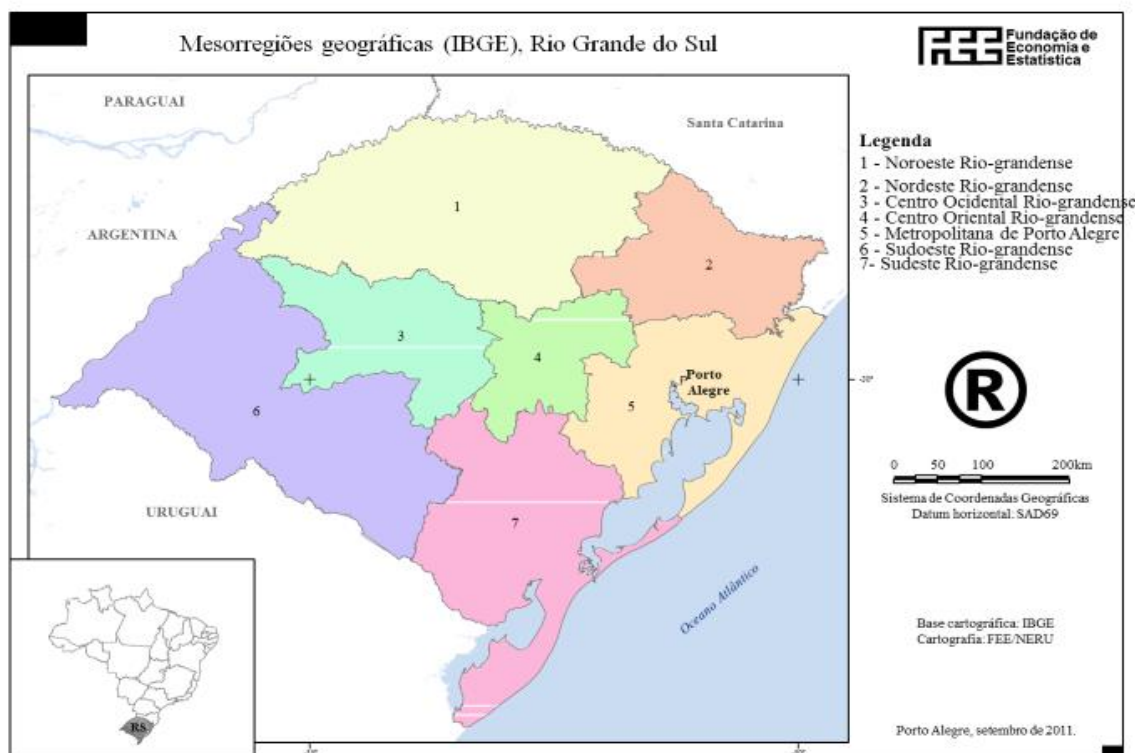
Passo 3: O instrumento de pesquisa foi um formulário estruturado de acordo com os objetivos propostos com afirmações sobre cinco dimensões: modo de vida; conhecimentos; empreendedorismo rural; motivações para empreender e comportamento empreendedor e mensurado pela escala *Likert* de 10 pontos. O formulário foi aplicado presencialmente pelo pesquisador com estudantes universitários dos cursos de graduação mencionados no passo 2.

Passo 4: Para a tabulação dos dados utilizou-se o *Software Statistic Package for Social Science* (SPSS) e a análise foi multivariada a partir de fatorial e *clusters*.

3.3 UNIVERSO E AMOSTRA

O Estado do Rio Grande do Sul está geopoliticamente dividido em sete mesorregiões geográficas, que por sua vez, estão subdivididas em microrregiões agrupadas por municípios (FEE-RS, 2018). O mapa a seguir (figura 2) demonstra a divisão do Rio Grande do Sul por mesorregiões.

Figura 1 - Mesorregiões geográficas do Rio Grande do Sul



Fonte: (FEE-RS, 2018)

Cada mesorregião está dividida em diversas microrregiões geográficas que são formadas por um agrupamento de municípios, conforme mostra o quadro 1.

Tabela 1 - Mesorregiões do estado do Rio Grande Do Sul

Estado do Rio Grande do Sul			
	Mesorregião	Nº de Microrregiões	Nº de Municípios
1	Noroeste	13	216
2	Nordeste	3	54
3	Centro Ocidental	3	31
4	Centro Oriental	3	54
5	Metropolitana	6	98
6	Sudoeste	3	19
7	Sudeste	4	25
	TOTAL	35	497

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de (FEE-RS, 2018)

A pesquisa foi realizada na mesorregião (1) Noroeste, por ser a que possui maior número de microrregiões (13) e o maior número de municípios (216). A mesorregião Noroeste concentra cerca de 77% dos 497 municípios que formam o estado do Rio Grande do Sul e sua economia está baseada na agricultura e no agronegócio. O quadro 2 mostra a subdivisão da mesorregião em microrregiões e seu respectivo número de municípios.

Tabela 2 - Mesorregião Noroeste riograndense e suas microrregiões

	Microrregião	Nº municípios
Mesorregião 1 - Noroeste Riograndense	Santa Rosa	13
	Três Passos	20
	Frederico Westphalen	27
	Erechim	30
	Sananduva	11
	Cerro Largo	11
	Santo Ângelo	16
	Ijuí	16
	Carazinho	18
	Passo Fundo	26
	Cruz Alta	13
	Não-me-Toque	7
	Soledade	8
	TOTAL	216

Fonte: Elaborado pelo autor com base em (FEE-RS, 2018)

A distribuição da população desta pesquisa se deu com base nos cursos de graduação que possuem conceito 4 ou superior atribuído pelo MEC (2018) e que compõem a área de conhecimento das ciências agrárias, conforme constam da tabela de áreas do conhecimento da Capes, a saber: agronomia, recursos florestais e engenharia florestal, engenharia agrícola, zootecnia, medicina veterinária, recursos pesqueiros e engenharia de pesca, ciência e tecnologia de alimentos (CAPES, 2017). Para as instituições de ensino superior selecionadas pelos critérios definidos acima, foram acrescentados os cursos de Agronegócio (apesar de não pertencerem a área de ciências agrárias conforme tabela Capes), por se tratar de cursos que tem alta correlação com a pesquisa em questão.

Com base nessas informações, delimitou-se o universo da pesquisa através de uma busca no portal do MEC (ministério da educação) a fim de identificar as universidades públicas federais e privadas, além dos Institutos federais presentes na mesorregião noroeste riograndense. Para tanto, foi utilizado o seguinte filtro avançado:

- Busca por instituições de ensino superior³;
- Como categoria administrativa a busca foi por: pública federal; privada sem fins lucrativos; privada com fins lucrativos;
- Quanto a organização acadêmica: institutos federais; universidades
- Quanto ao tipo de credenciamento: presencial – superior;
- Quanto a situação: ativa

O filtro acima foi aplicado selecionando-se o estado do Rio Grande do Sul e na sequência, cada um dos municípios que compõem as microrregiões do Noroeste riograndense (MEC, 2018). Desta busca resultaram as instituições de ensino superior (IES) e os cursos a serem pesquisados conforme apresentado no quadro 3.

³ O sitio eletrônico do MEC (ministério da educação) possui em seu cadastro de instituições de ensino superior, como forma de organização acadêmica, a seguinte classificação: faculdade; centro universitário; institutos federais; universidade. Nossa pesquisa será aplicada somente nos Institutos federais e nas universidades públicas e particulares que possuam cursos de graduação na área do conhecimento das ciências agrárias com conceito 4 ou superior atribuído pela Capes. Por afinidade com este trabalho serão selecionados também os cursos de Agronegócio.

Quadro 1 - IES, Cursos e Conceito Capes

IES	Sigla	Organização acadêmica	Categoria	Curso	Conceito	Campus
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões	URI	Universidade	Privada Sem Fins Lucrativos	Agronegócio	4	Frederico Westphalen
				Agronomia	4	Erechim
Universidade Federal da Fronteira Sul	UFFS	Universidade	Pública Federal	Agronomia	4	Erechim/Cerro Largo
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul	IFRS	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia	Pública Federal	Agronegócio	4	Sertão
				Agronomia	4	Sertão/Ibirubá
				Alimentos	4	Sertão
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha	IFFAR	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia	Pública Federal	Gestão do Agronegócio	4	Santo Augusto
				Alimentos	5	Santo Augusto
Universidade de Passo Fundo	UPF	Universidade	Privada Sem Fins Lucrativos	Agronomia	4	Passo Fundo
				Engenharia de Alimentos	5	Passo Fundo
				Medicina Veterinária	4	Passo Fundo
				Gestão do Agronegócio	4	Passo Fundo
Universidade Federal de Santa Maria	UFSM	Universidade	Pública Federal	Engenharia Florestal	5	Frederico Westphalen

Fonte: elaborado pelo autor com base em (MEC, 2018)

Este recorte sofreu alterações, pois as IES foram contatadas e não obtivemos autorização para proceder a pesquisa nos cursos de Agronomia e Medicina Veterinária em uma das universidades privadas. Também não foi investigado o curso de Alimentos de uma instituição pública pois segundo informação da própria IES, está em fase de extinção. A partir deste contato, foi solicitado a informação quanto ao número total de estudantes matriculados em cada curso que somados formam a população desta pesquisa num total de 1541 estudantes matriculados. Após este levantamento, foi aplicada fórmula para o cálculo da amostra sugerida por Santos (2015) conforme segue:

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}{Z^2 \cdot p \cdot (1 - p) + e^2 \cdot (N - 1)}$$

Onde:

n - amostra calculada

N - população

Z - variável normal padronizada associada ao nível de confiança

p - verdadeira probabilidade do evento

e - erro amostral

Para este autor, a população é o conjunto total de indivíduos a serem investigados, a margem de erro é o índice de variação dos resultados da pesquisa, que geralmente utiliza um erro amostral de 5%. O nível de confiança é a probabilidade de se obter os mesmos resultados quando um grupo de indivíduos em uma mesma população for entrevistado. Assim para ele uma amostra é um subgrupo de indivíduos selecionados dentro de uma população, capaz de caracterizar e representar a população total.

Através de informações prestadas pelos coordenadores dos cursos pesquisados obtivemos o número de estudantes matriculados atualmente em cada curso. O quadro 4 mostra o resultado dessas informações.

Quadro 2 - Número de alunos matriculados por curso

IES	Cursos	Campus	Total de matriculados
URI	Tecnologia em Agropecuária	Frederico Westphalen	87
	Agronomia	Erechim	120
UFFS	Agronomia	Cerro Largo	273
	Agronomia	Erechim	250
IFRS	Agronegócio	Sertão	80
	Agronomia	Sertão	180
	Agronomia	Ibirubá	154
IFFAR	Gestão do Agronegócio	Santo Augusto	60
	Alimentos	Santo Augusto	60
	Engenharia de Alimentos	Passo Fundo	49
	Gestão do Agronegócio	Passo Fundo	68
UFSM	Engenharia Florestal	Frederico Westphalen	160
			1541

Fonte: elaborado pelo autor com informações das IES

Assim, aplicando-se a fórmula sugerida acima, assumindo-se uma população de 1541 estudantes, uma margem de erro de 5% e um nível de confiança de 95% obtêm-se uma amostra de 309 indivíduos a serem pesquisados, porém como obtivemos 659 respondentes o nível de confiança passou a ser de 99% e a margem de erro de 4%

A partir dos dados acima pode-se inferir a participação relativa dos cursos perante a amostra e o número mínimo de respondentes em cada curso, conforme mostra a tabela 2.

Tabela 3 - Participação relativa por curso e número mínimo de respondentes

IES	Cursos	Campus	Total de matriculados	Participação relativa	Nº mínimo de respondentes	Total de respondentes
URI	Tecnologia em Agropecuária	Frederico Westphalen	87	6%	37	35
	Agronomia	Erechim	120	8%	51	72
UFFS	Agronomia	Cerro Largo	273	18%	117	103
	Agronomia	Erechim	250	16%	107	72
IFRS	Agronegócio	Sertão	80	5%	34	52
	Agronomia	Sertão	180	12%	77	85
	Agronomia	Ibirubá	154	10%	66	75
IFFARR	Gestão do Agronegócio	Santo Augusto	60	4%	26	19
	Alimentos	Santo Augusto	60	4%	26	27
UPF	Engenharia de Alimentos	Passo Fundo	49	3%	21	25
	Gestão do Agronegócio	Passo Fundo	68	4%	29	39
UFSM	Engenharia Florestal	Frederico Westphalen	160	10%	68	55
			1541	Amostra	659	659

Fonte: elaborado pelo autor

A seguir a estruturação do instrumento e procedimentos da coleta de dados.

3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O procedimento de coleta de dados foi executado presencialmente pelo pesquisador, através de um formulário construído a partir de afirmações baseadas em 05 dimensões temáticas. Este instrumento levantou as intenções e comportamentos dos jovens estudantes com relação aos objetivos da pesquisa. Assim, com base no referencial teórico aqui apresentado formulou-se os blocos, que além do perfil

socioeconômico, nortearam a construção das afirmações do formulário conforme quadro 5.

Quadro 3 - Dimensões e perspectivas do formulário de coleta de dados

Dimensão	Objetivo específico	Perspectivas investigadas
Modo de vida	Identificar as perspectivas profissionais, pessoais e de modo de vida dos estudantes dos agronegócios com relação ao empreendedorismo rural.	Futuros Pessoais: permanência, retorno e estabelecimento no meio rural; modo de vida (rural, urbano). Futuros profissionais: Trabalhar em uma empresa, atuar na área em que se formou; ter seu próprio negócio; ter uma experiência profissional no mercado e depois empreender
Conhecimentos	Identificar se os conhecimentos curriculares e extracurriculares incentivam os estudantes a empreender no rural.	Conhecimento acadêmico de empreendedorismo; ensino de empreendedorismo; cursos, experiências;
Empreendedorismo Rural	Identificar as possibilidades de empreendedorismo rural entre os estudantes que pretendem permanecer ou se estabelecer no meio rural.	Empreendedorismo Rural; por necessidade; por oportunidade; em série; agrícolas; não agrícolas; pluriatividade
Incentivos para empreender	Identificar a importância das políticas e incentivos para a motivação às possibilidades de empreender no rural.	Políticas públicas, incentivos, acesso a capital; financiamentos; oportunidades; conhecimentos
Comportamento Empreendedor	Identificar a existência dos comportamentos empreendedores nas intenções dos estudantes dos agronegócios.	Iniciativa; Assumir riscos calculados; Criatividade e inovação; ideias e facilidade de comunicação; busca de oportunidades; experiência de mercado; planejamento; Desafios e mudança de vida; atingimento de objetivos; curiosidade, estudos e pesquisa.

Fonte: o autor

O formulário com as afirmações está mensurado seguindo o modelo de escala do tipo *Likert*. Para Da Cunha (2007) escalas do tipo *Likert*, são compostas por um conjunto de frases ou itens onde se pede ao sujeito que está sendo avaliado, para que manifeste o seu grau de concordância desde o *discordo totalmente* (nível 1) até o *concordo totalmente* (nível 5, 7 ou 11). Assim mede-se a atitude do sujeito somando ou calculando a média para cada item (DA CUNHA, 2007).

Ainda para esta autora, a forma de construção de uma escala *Likert* deve conter uma lista de frases que manifestem opiniões radicais, claramente positivas ou negativas em relação a atitude que se quer investigar. Para ela, é preciso ter o cuidado de abranger as diversas vertentes que se relacionam com o assunto a ser estudado.

O formulário de pesquisa teve como base os conceitos apresentados na revisão bibliográfica e assim foram definidas as cinco dimensões pesquisadas, as afirmativas apresentadas aos respondentes, além da estrutura analítica estatística referenciada no método. A escala de mensuração foi de 1 (discordo totalmente) até 11 (concordo totalmente).

3.5 TABULAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados desta pesquisa são de ordem primária pois foram coletados presencialmente pelo pesquisador através do instrumento anteriormente descrito. A tabulação dos mesmos foi organizada a partir de sua inserção no *Software Statistic Package for Social Science* (SPSS). Esta ferramenta permite a compilação e análise dos dados através de diversas inferências estatísticas. Para Waquil e Concha-Amim (2015) esses métodos possibilitam trazer evidências, caracterizar e descrever formas de intervenção em distintas situações; por isso a importância do tratamento e análise dos dados.

Os dados desta pesquisa foram tratados de forma quantitativa, através de técnicas de estatística multivariada. Esta análise se refere a todas as técnicas estatísticas que analisam simultaneamente múltiplas medidas sobre indivíduos ou objetos de investigação. Desta forma toda a análise simultânea de mais do que duas variáveis pode ser considerada multivariada (HAIR, BLACK, *et al.*, 2009).

Esta pesquisa assume a possibilidade de que entre os jovens acadêmicos das áreas das ciências agrárias, portanto correlatas aos agronegócios, existem especificidades de perfis empreendedores e diferenças quando se trata dos fatores que

os motivam a empreender ou não no meio rural. Estas diversidades são multidimensionais e para entendê-las se fez necessário estruturar técnicas estatísticas capazes de lançar luz representativa sobre a realidade.

Assim se pôde proceder uma análise quantitativa a partir de duas técnicas estatísticas multivariadas. Uma análise fatorial e uma análise de *clusters*. Para Andreatta (2009) a utilização de técnicas de análise multivariada (análise fatorial e de *clusters*) permitem estratificações a partir de um conjunto de variáveis. Estas técnicas captam relações multidimensionais que as estatísticas descritivas não captam. Dessa forma, por exemplo, se pode analisar os fatores que influenciam a tomada de decisão dos jovens com relação ao empreendedorismo rural, comparando-se os fatores que influenciam (condições econômicas, ensino de empreendedorismo na universidade, políticas públicas, acesso ao capital, financiamentos, motivações pessoais etc.) aos diversos grupos (homens X mulheres; universidades públicas X privadas; querem empreender X não querem empreender; intraempreendedores X empreendedores rurais, etc.).

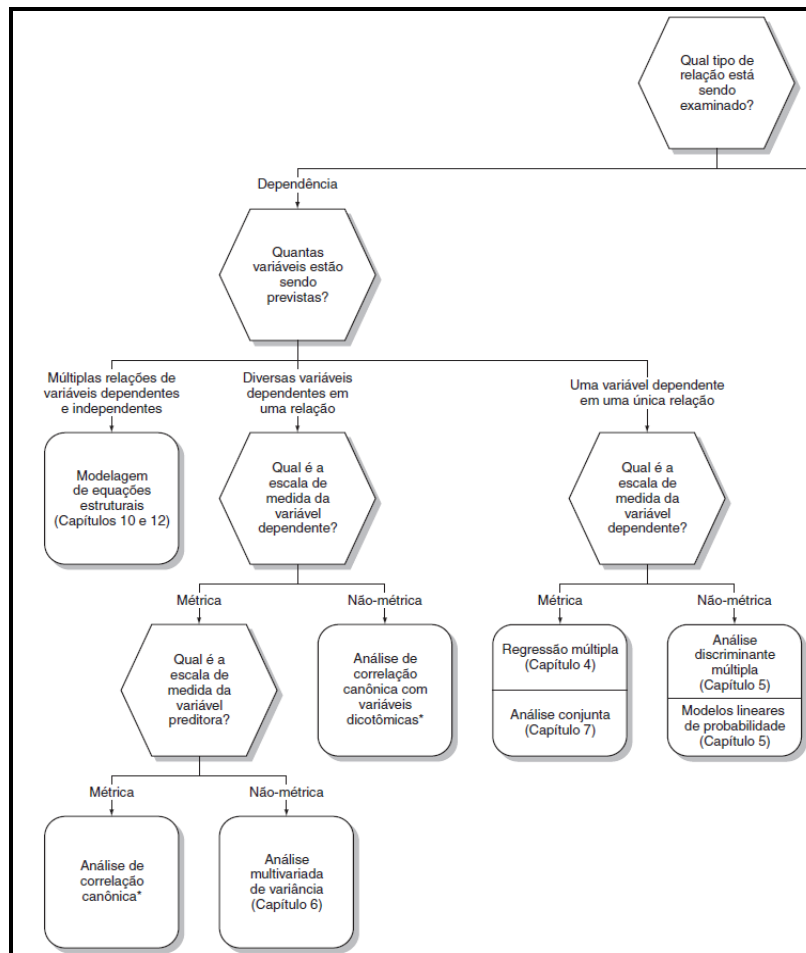
Para Waquil e Concha-Amim (2015) a análise fatorial possibilita a combinação de variáveis conforme suas correlações formando fatores e a análise de agrupamentos ou a *clusterização* possibilita agrupar indivíduos de acordo com suas semelhanças ou proximidades e identificar diferenças entre tipos ou grupos de indivíduos. Assim foi possível analisar fatores e construir tipologias que auxiliarão no entendimento da realidade dos jovens frente as diversas questões do desenvolvimento rural.

Esta estrutura de análise poderá ser útil para estudantes, pesquisadores, coordenadores dos cursos de graduação e formuladores de políticas públicas, pois poderá lançar luz as condições necessárias ao empreendedorismo rural como possibilidade de desenvolvimento sustentável. De acordo com estes autores há no Brasil vários estudos que utilizam estes métodos combinados para estudar a heterogeneidade e construir tipologias com base em amplos conjuntos de dados. Para ilustrar cita-se o estudo de Andreatta (2009) que utilizando-se da análise fatorial e de *clusters*, tipificou os pecuaristas da bovinocultura de corte no Rio Grande Do Sul, a partir de seus perfis e da organização dos estabelecimentos agrícolas, chegando a quatro tipos diferentes de pecuaristas.

Hair, Black, *et al.*, (2009) apresentam um esquema de classificação para

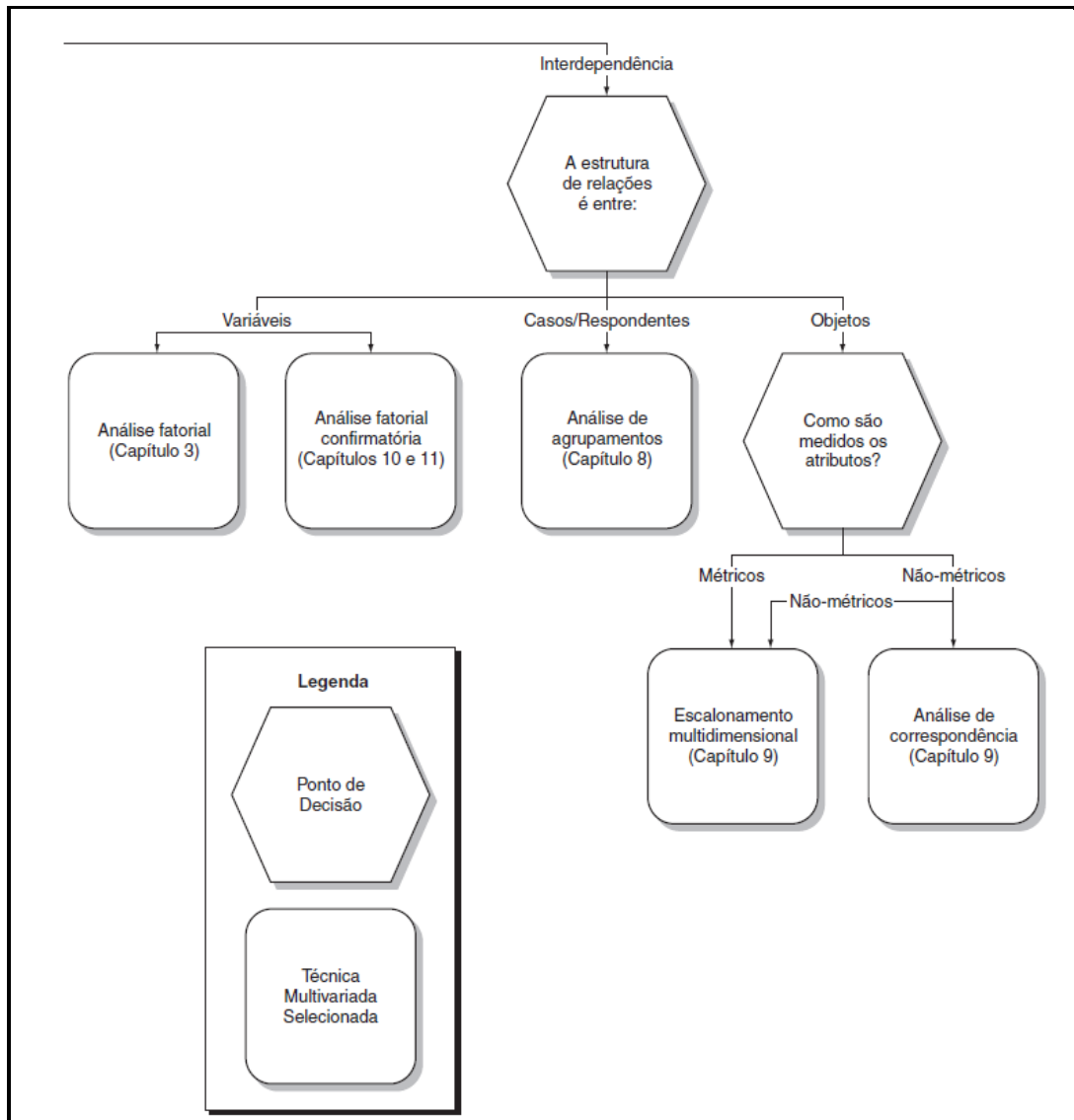
auxiliar na seleção da técnica apropriada de acordo com os objetivos da pesquisa (relação de independência ou dependência) e dos tipos de dados (métricos ou não métricos). Para eles o pesquisador deve basear a classificação de sua pesquisa em três questionamentos: 1) as variáveis podem ser divididas em dependentes e independentes com base em alguma teoria? 2) Se sim, quantas variáveis são tratadas como dependentes em uma única análise? 3) Como essas variáveis são medidas? Assim, os autores sugerem um roteiro para classificação das pesquisas com base no fluxograma das figuras 4 e 5, onde indicam as possíveis técnicas estatísticas de acordo com as respostas aos questionamentos anteriores e os objetivos da pesquisa.

Figura 1 - Seleção de uma técnica multivariada



Fonte: extraído de (HAIR, BLACK, *et al.*, 2009)

Figura 2 - Seleção de uma técnica multivariada



Fonte: extraído de (HAIR, BLACK, *et al.*, 2009)

Desta forma, foi avaliado que de acordo com os objetivos da pesquisa e respondendo aos questionamentos do autor, a mesma se sustenta na interdependência de suas variáveis. Assim sua estrutura de relações é entre as variáveis bem como entre os indivíduos respondentes, portanto, de acordo com Hair, Black, *et al.*, (2009) a técnica adequada é a análise fatorial e a análise de agrupamentos.

A organização deste trabalho acompanha a estruturação proposta, conforme descrição do método apresentado na seção anterior que culmina com a análise fatorial para agrupar as variáveis significativas empregadas para coletar as intenções dos

seiscentos e cinquenta e nove sujeitos e a análise de *cluster*, com o objetivo de agrupar os indivíduos de acordo com características e perfis homogêneos.

3.6 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Esta pesquisa assume a possibilidade de que entre os jovens acadêmicos das áreas das ciências agrárias, portanto correlatas aos agronegócios, existem especificidades de perfis empreendedores e diferenças quando se trata dos fatores que os motivam a empreender ou não no meio rural. Estas diversidades são multidimensionais e para entendê-las foram utilizadas técnicas estatísticas capazes de lançar luz representativa sobre a realidade.

Além da estatística descritiva básica (média, desvio padrão e frequência), foi utilizada Análise Fatorial Exploratória Método de Componentes Principais. A primeira técnica foi utilizada com o intuito de realizar uma seleção de variáveis, em que se utiliza a variância no conjunto de dados. Assim, a Análise de Componentes Principais (ACP), utiliza um procedimento que diminui o total original de variáveis a um grupo menor de variáveis compostas, em que cada componente é desenvolvido pela combinação contínua das variáveis originais (HAIR, BLACK, *et al.*, 2009).

Para a extração dos fatores utilizou-se o Método dos Componentes Principais, com *eigenvalues* acima de 1; para a rotação dos fatores utilizou-se método de rotação ortogonal *Varimax* com *Normalization Kaiser*. Ambos os métodos foram utilizados, uma vez que o primeiro é apropriado quando a preocupação principal é a previsão ou o número mínimo de fatores necessários para explicar a parte máxima de variância representada no conjunto original de variáveis. Já o método *Varimax, Normalization Kaiser* maximiza a soma de variâncias de cargas exigidas da matriz fatorial. Embora não exista um critério técnico específico para escolher um ou outro método de rotação, a vantagem do *Varimax* parece fornecer uma separação mais clara dos fatores. (HAIR, BLACK, *et al.*, 2009).

Por intermédio da Análise Fatorial Exploratória, do total de 41 variáveis foram extraídas 15 variáveis que, dimensionadas em cinco fatores, respondem por 69,63% da variância dos dados (TAB.2). Compõe a matriz fatorial variáveis que apresentam comunalidades acima 0,550. Destaca-se no entanto, que 13 delas possuem comunalidades acima de 0,620.

A opção por cinco fatores se deu uma vez que a inserção de novas variáveis na matriz fatorial não apresentava associação com as demais, ou ainda, respondiam por uma variância relativamente baixa, não justificando a permanência na respectiva matriz. O valor referenciado significa o percentual de variância total (69,63%) explicada pelo conjunto de variáveis que compõem cada fator em específico.

Tabela 4 - Variância explicada

	Variância Explicada	Variáveis	Componentes				
			1	2	3	4	5
Comportamento empreendedor	31,78	Sou sempre muito curioso e estudioso com relação a tudo.	,793	,016	-,056	,110	-,093
		Eu sou um (a) profissional criativo (a) e inovador (a).	,770	,059	,180	,101	,040
		Quando eu coloco algum objetivo na minha vida, não descanso enquanto não realizar.	,731	,011	-,039	,193	-,068
		Eu sempre vejo oportunidades de negócios onde ninguém vê.	,728	,164	,219	,064	,127
Conhecimentos	12,95	Vou herdar as terras de minha família e administrar tudo a minha maneira.	,057	,880	,052	,081	,010
		Estou estudando, para voltar a propriedade da minha família e mudar para melhor a realidade de todos.	,057	,837	,180	,149	-,133
		Com o conhecimento acadêmico que eu adquirir na faculdade, vou voltar ao meio rural e implementar varias atividades diferentes para ganhar dinheiro e viver bem.	,136	,590	,363	,369	-,002
Modo de vida	11,08	Nos primeiros anos depois de formado vou trabalhar em uma empresa para adquirir experiência e depois vou montar meu próprio negócio no meio rural.	,016	,003	,807	,074	,178
		Sonho em ter meu próprio negócio(empresa) no meio rural para inovar e fazer coisas diferentes.	,105	,216	,793	,193	-,051
		Vou juntar a experiência profissional e acadêmica que tenho e abrir meu próprio negócio no meio rural.	,154	,323	,705	,325	-,089
Motivações para empreender no rural	7,07	Se eu tiver incentivos públicos, com certeza eu empreendo no meio rural para gerar empregos e renda para muita gente.	,144	,047	,199	,842	,081
		Se eu tiver incentivos como empréstimos, financiamentos e políticas governamentais, vou aproveitar e tirar meus projetos do papel.	,215	,178	,090	,818	,044
		Se eu tiver acesso a capital financeiro, prefiro empreender no meio rural do que no meio urbano.	,138	,340	,310	,577	-,047
Modo de vida	6,73	Depois de formado eu vou morar na cidade e trabalhar no campo.	,002	,084	,124	,120	,843
		Gosto de trabalhar no meio rural, mas prefiro o modo de vida urbano.	-,018	-,199	-,058	-,045	,839
	69,63						

Fonte: o autor

O Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy. (KMO and Bartlett Test) de 0,826 aponta que a amostra é adequada e pode ser classificada como boa (HAIR, BLACK, *et al.*, 2009). O Teste de Esfericidade de Bartlett foi significativo (0,000). Na sequência procedeu-se a análise de *clusters*.

A análise de *Clusters* pressupõe a ideia de que os grupos apresentem homogeneidade interna (interior dos grupos) e elevada heterogeneidade externa (entre grupos) podendo, com isso, criar segmentos diferenciados (HAIR, BLACK, *et al.*, 2009). Assim análise de *Cluster*, variáveis, fatores, elementos ou unidades constituem grupos homogêneos a partir de indicadores de semelhança ou de afinidades entre eles. Esses indicadores estão contidos em uma matriz chamada de “matriz de proximidade ou similaridade”. Foi utilizada a análise de cluster hierárquico, Método de *W'ard*, também foi utilizada a “Distância Euclidiana Quadrada”, como medida de similaridade. Os valores foram padronizados pelo *Z Score* (TAB. 2).

A partir desses dois métodos de análise, foram identificados quatro grandes agrupamentos significativos, ou seja, quatro perfis de estudantes, em maior ou menor grau, com perfil empreendedor conforme nomeados no quadro 6.

Quadro 4 - Denominação dos clusters

<i>Cluster 1</i> 375 estudantes	<i>Cluster 2</i> 105 estudantes	<i>Cluster 3</i> 129 estudantes	<i>Cluster 4</i> 49 estudantes
Os Agroempreendedores	Potenciais Agroempreendedores	Possíveis Agroempreendedores	Não Agroempreendedores

Fonte: o autor

Em relação à decisão do número de *Clusters*, optou-se por respeitar o critério dos coeficientes expressos na tabela “*Agglomeration Schedule*”, e trabalhou-se com estes quatro grandes agrupamentos.

Posteriormente foi realizado um teste anova. Das 41 variáveis foram desconsideradas duas, por não darem significância entre os grupos, conforme tabela 5.

Tabela 5 - Variáveis desconsideradas

	Cluster 1 375 estudantes		Cluster 2 105 estudantes		Cluster 3 129 estudantes		Cluster 4 49 estudantes	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
Não faço a mínima ideia do que seja “Empreendedorismo Rural”.	2,78	2,67	2,81	2,94	3,40	2,76	1,71	1,72

Já fiz cursos de empreendedorismo em instituições de apoio ao rural, pois pretendo ganhar muito dinheiro na área.	4,54	3,26	3,33	2,91	3,74	2,40	2,04	2,21
---	-------------	------	-------------	------	-------------	------	-------------	------

Fonte: o autor

Esta pesquisa parte do interesse em investigar, as intenções empreendedoras da juventude do agronegócio. A descrição e as análises estão dispostas nas próximas sessões, onde apresentaremos a caracterização geral dos sujeitos da pesquisa. Em seguida, suas intenções quanto ao modo de vida e seus conhecimentos com relação ao empreendedorismo rural. Na sequência, serão reveladas as intenções quanto ao empreendedorismo rural, as motivações para empreender no rural e os comportamentos empreendedores.

Vale ressaltar que devido a especificidade e o recorte do tema escolhido o mesmo reserva certo grau de ineditismo. A busca bibliográfica não nos retornou estudos suficientes e com a devida correlação com o objetivo desta pesquisa, portanto, a análise dos resultados fica limitada a presente investigação.

3. OS ACADÊMICOS DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS: CARACTERÍSTICAS GERAIS

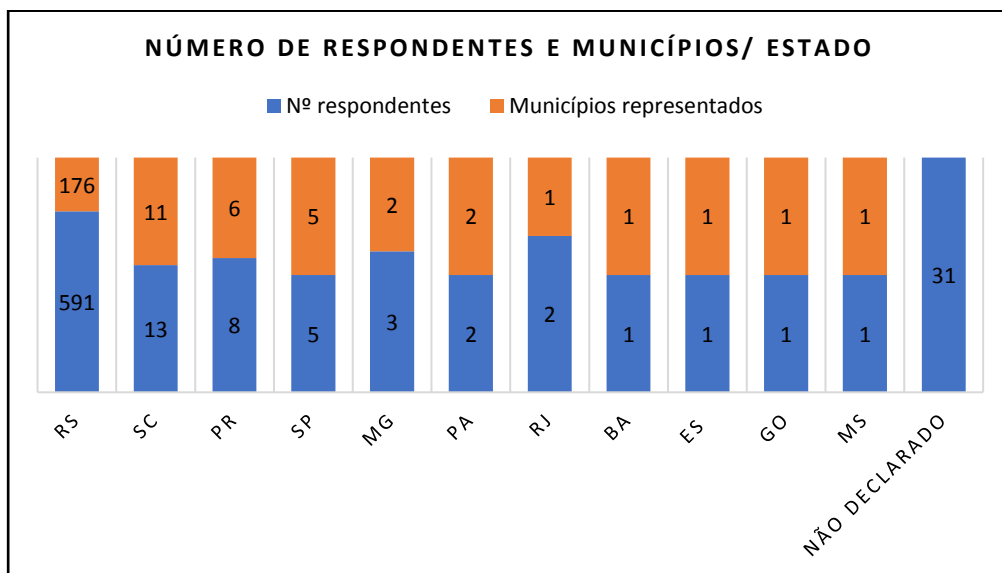
Esta etapa se concentra na descrição das características dos sujeitos da pesquisa a saber: 659 estudantes dos cursos de graduação, da área de ciências agrárias de instituições de ensino públicas e privadas do noroeste gaúcho, conforme descrito no método da presente pesquisa.

Um dado chama a atenção nesta coleta, pois apesar da delimitação ter sido aplicada à região Noroeste riograndense, aparecem representados um total de 207 municípios das diversas mesorregiões do Rio Grande do Sul, além de outros estados brasileiros. Apenas 31 respondentes não declararam seu município de origem. Desta forma, o Rio Grande do Sul(RS) está representado por 591 respondentes de 176 distintos municípios abrangendo as diversas mesorregiões.

Aparecem na amostra ainda, 37 respondentes de municípios que pertencem a outros 10 estados brasileiros a saber: Santa Catarina(SC), 13 respondentes de 11 municípios; Paraná(PR), 8 respondentes de 6 municípios; São Paulo(SP), 5 respondentes de 5 municípios; Minas Gerais(MG), 3 respondentes de 2 municípios; Pará(PA), 2 respondentes de 2 municípios. Bahia(BA); Espírito Santo(ES); Goiás(GO)

e Mato Grosso do Sul(MS) aparecem com 1 respondente e 1 município cada, conforme gráfico 1.

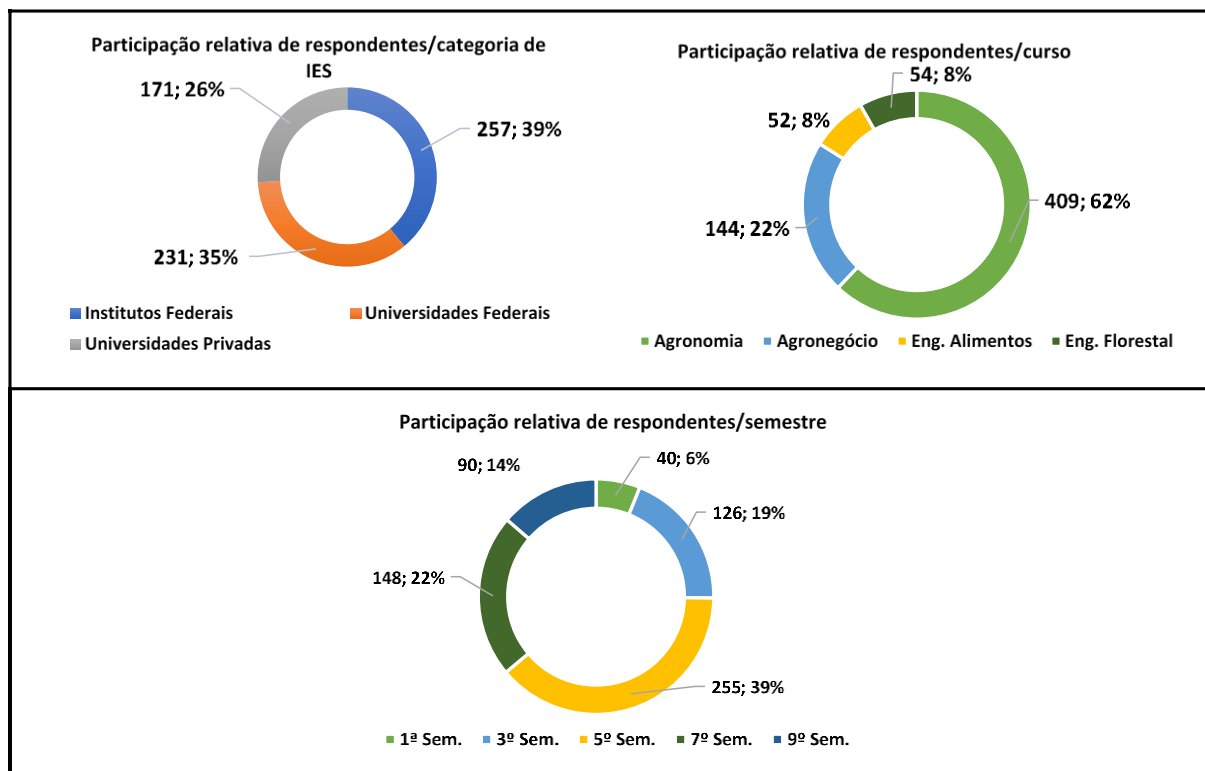
Gráfico 1 - Respondentes e municípios representados por estado



Fonte: o autor

Foram selecionadas, de acordo com os critérios estabelecidos no método, 06 instituições de ensino superior e pesquisados, 09 *campus*. 02 Universidades Privadas em 03 *campus*; 02 Universidades Públicas Federais em 03 *campus* e 02 institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia em 03 *campus*. Foram investigados os estudantes de 04 cursos de graduação (Agronomia, Agronegócio, Alimentos, Engenharia Florestal) que estavam cursando os semestres finais (3º, 5º, 7º e 9º) ou que se encontravam em aula no dia da intervenção. A figura 5 mostra as respectivas participações relativas dos dados acima apresentados.

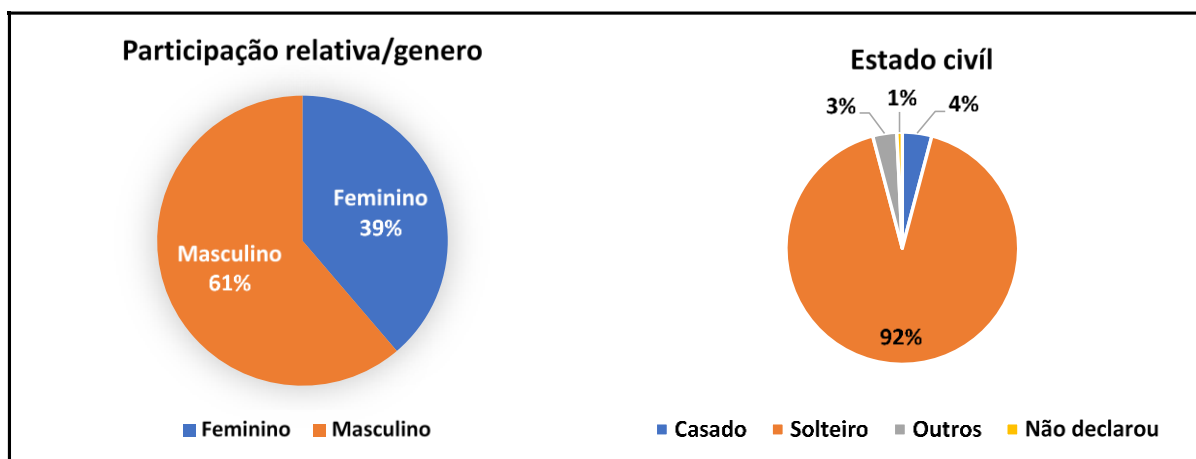
Figura 3 - Participação relativa de respondentes/categoria IES/curso/semestre



Fonte: o autor

A idade média dos respondentes é de 22 anos. Quanto ao item renda média mensal da família, 463 respondentes declararam a renda e 196 não declararam e a renda média mensal das famílias, entre os respondentes que declararam, é de R\$ 4.168,15. Com relação ao gênero, 255 respondentes são mulheres e 403 homens e somente 01 respondente não declarou. Quanto ao estado civil, 27 respondentes declararam-se casados, 605 solteiros, 05 não responderam e 22 marcaram a opção “outros” através de situações como: divorciado, separado, união estável, morando junto e morando com a(o) namorada(o). Apenas 05 respondentes não declararam o estado civil. A figura 6 mostra as respectivas participações relativas quanto ao gênero e estado civil.

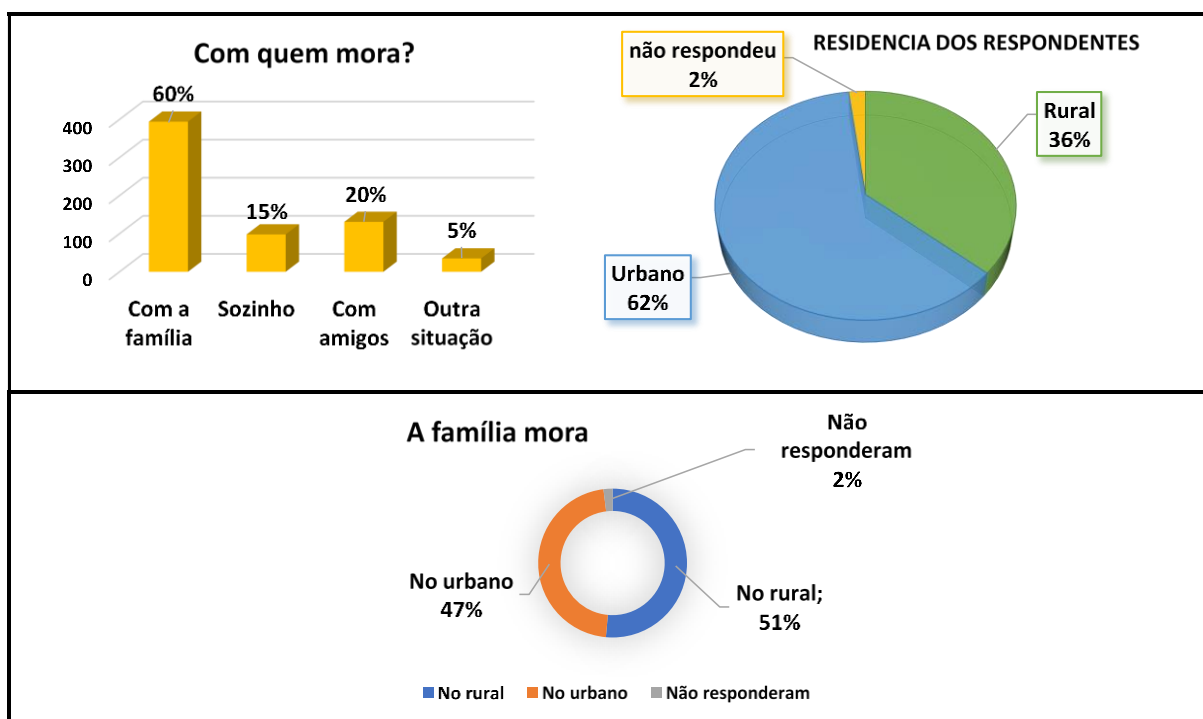
Figura 4 - Participação relativa/sexo e estado civil



Fonte: o autor

A caracterização dos respondentes com relação a com quem moram atualmente, mostra que 394 moram com a família, 98 moram sozinhos, 131 moram com amigos, 35 declararam outra situação e descreveram por exemplo: com parentes ou em casas de estudantes e 01 respondente não declarou. Quando perguntados onde moram 239 respondentes disseram morar no meio rural, 407 no meio urbano e 13 não responderam. Com relação a onde a família dos respondentes reside, 339 residem no meio rural, 307 no meio urbano e 13 não responderam. A figura 7 mostra os respectivos percentuais.

Figura 5 - Com quem mora, sua residência atual e da família



Fonte: o autor

De forma geral a amostra se caracteriza por um equilíbrio participativo entre as instituições pesquisadas, porém entre os cursos o mais expressivo é o de agronomia com mais da metade dos respondentes. Os 5º semestres foram os que mais tiveram respondentes. Quanto aos sujeitos da pesquisa a maioria é do sexo masculino, solteiro, mora com a família. Metade das famílias moram no meio rural, porém a maioria dos estudantes declarou que atualmente mora no urbano o que revela que os filhos de agricultores moram fora de casa para poder estudar.

De acordo com o método definido a amostra foi agrupada em 4 *clusters*, os agroempreendedores, os potenciais agro empreendedores, os possíveis agroempreendedores e os não agroempreendedores que foram nomeados de acordo com a análise fatorial e serão caracterizados a seguir.

5.1 CLUSTER 1 – OS AGROEMPREENDEDORES

Este cluster é formado por 375 estudantes, com idade média de 22,09 anos, sendo 154 vinculados aos Institutos Federais, 116 as Universidades Federais e 105 as Universidades Privadas. A renda média mensal das famílias é de R\$ 4.453,61. Quanto aos cursos, 248 são estudantes de agronomia, 90 do agronegócio, 18 de Alimentos e 19 de Engenharia Florestal. Com relação ao gênero, 123 estudantes declararam-se do sexo feminino e 252 do sexo masculino. No que diz respeito ao estado civil, 12 estudantes declararam-se casados, 345 solteiros, 14 declararam outra situação (divorciado, união estável...) e 04 não declararam. A tabela 4 explicita estes números em percentuais.

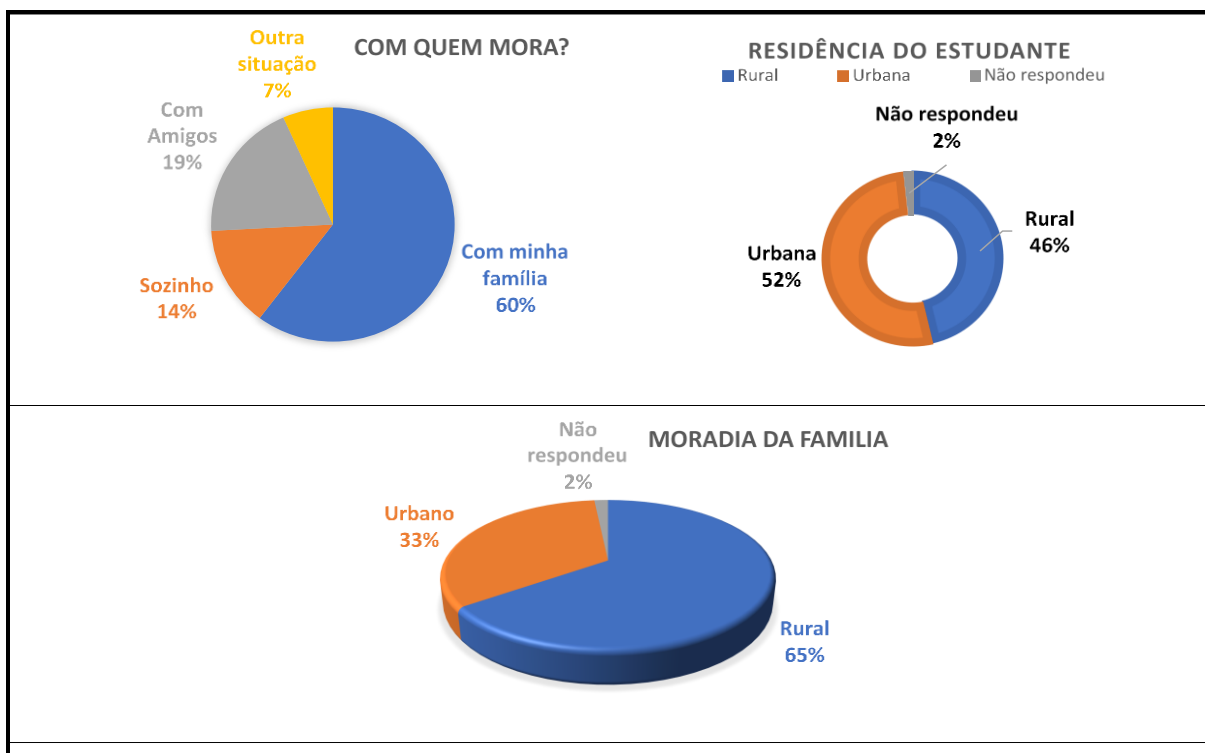
Tabela 6 - Caracterização em % do *cluster* 1 - Os Agroempreendedores

% Estudantes/ Instituição		% de Estudantes/curso		% Genero		% Estado civil	
Institutos Federais	41,06%	Agronomia	66,13%	Masculino	67,20%	Casado	3,20%
		Agronegócio	24%			Solteiro	92%
Universidades Federais	30,94%	Alimentos	4,8%	Feminino	32,80%	Outro	3,73%
		Engenharia Florestal	5,07%			Não respondeu	1,07%
Universidades Privadas	28%	Idade Média 22,09 anos		Renda média mensal da família R\$ 4.453,61			

Fonte: o autor

Quando responderam as questões de residência própria e da família, 226 estudantes disseram que atualmente moram com a família, 52 moram sozinhos, 72 com amigos, e 25 declararam outra situação (com parentes, com namorado(a), casa do estudante...). Quanto a onde residem atualmente, se no meio urbano ou rural, 174 responderam que residem no meio rural, 195 no meio urbano e 6 não responderam. A questão que levantava a moradia da família revelou que 224 estudantes tem suas famílias residindo no meio rural, 125 no meio urbano e 06 não responderam. A figura 8 explicita estes números em percentual.

Figura 6 - *cluster 1* - Residência do estudante e família



Fonte: o autor

Desta forma os agroempreendedores são em sua maioria estudantes dos institutos federais, do curso de agronomia, do sexo masculino, solteiros, moram com a família no meio rural, porém declaram que sua residência atual é no meio urbano, o que confirma a característica de morar fora de casa para poder estudar. A sessão a seguir destaca a caracterização do *cluster 2*.

5.2 CLUSTER 2 – POTENCIAIS AGROEMPREENDEDORES

Este cluster é formado por 105 estudantes, com idade média de 22,5 anos, sendo 38 vinculados aos Institutos Federais, 44 as Universidades Federais e 23 as Universidades Privadas. A renda média mensal das famílias é de R\$ 4.026,12. Quanto aos cursos, 59 são estudantes de Agronomia, 20 do agronegócio, 12 de Alimentos e 14 de Engenharia Florestal. Com relação ao gênero, 42 estudantes declararam-se do sexo feminino e 63 do sexo masculino. No que diz respeito ao estado civil, 08 estudantes declararam-se casados, 93 solteiros e 04 declararam outra situação (divorciado, união estável...). A tabela 5 explicita estes números em percentuais.

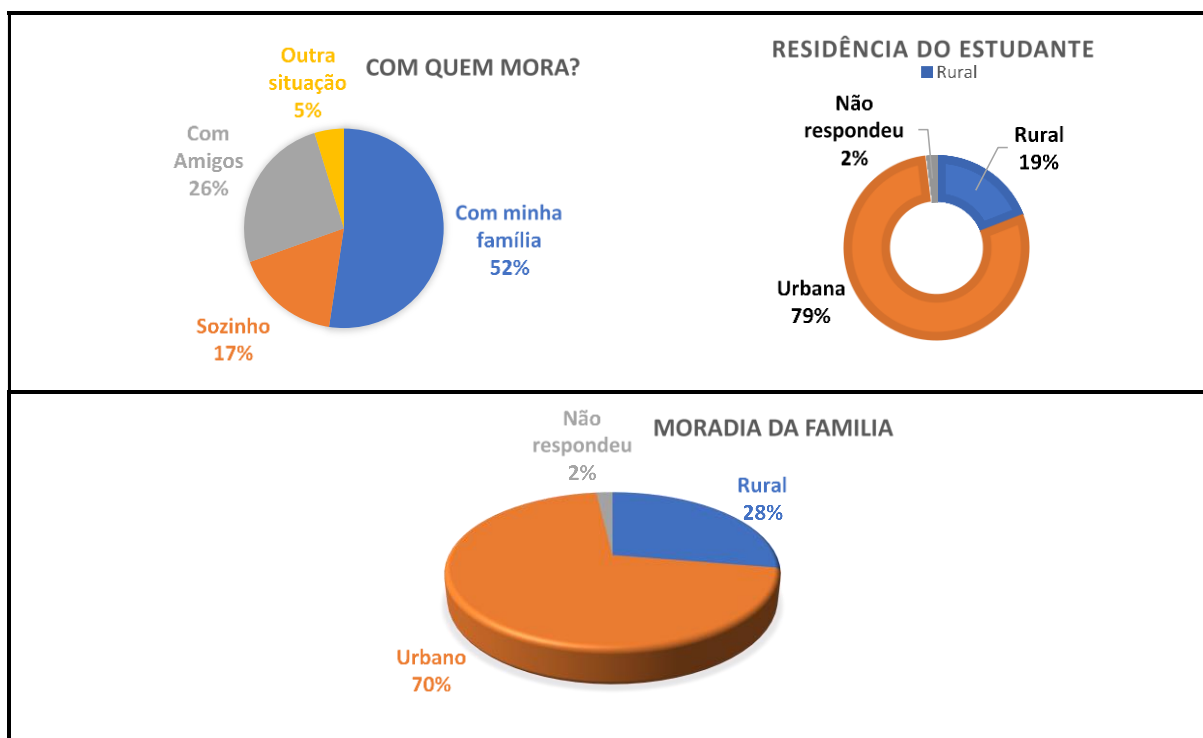
Tabela 7 - Caracterização em % do *cluster 2* - Potenciais agroempreendedores

% Estudantes/ Instituição		% de Estudantes/curso		% Gênero		% Estado civil	
Institutos Federais	36,19%	Agronomia	56,19%	Masculino	60%	Casado	7,62%
		Agronegócio	19,05%			Solteiro	88,57%
Universidades Federais	41,09%	Alimentos	11,43%	Feminino	40%	Outro	3,81%
		Engenharia Florestal	13,33%			Não respondeu	0,00%
Universidades Privadas	22%	Idade Média 22,56 anos		Renda média mensal da família R\$ 4.026,12			

Fonte: o autor

Quando responderam as questões de residência própria e da família, 55 estudantes disseram que atualmente moram com a família, 18 moram sozinhos, 27 com amigos, e 05 declararam outra situação (com parentes, com namorado(a), casa do estudante...). Quanto a onde residem atualmente, se no meio urbano ou rural, 20 responderam que residem no meio rural, 83 no meio urbano e 02 não responderam. A questão que levantava a moradia da família revelou que 29 estudantes têm suas famílias residindo no meio rural, 74 no meio urbano e 02 não responderam. A figura 9 explicita estes números em percentual.

Figura 7 - *cluster 2* - Residência do estudante e da família



Fonte: o autor

Desta forma os potenciais agroempreendedores são em sua maioria das Universidades Federais, estudantes de agronomia com destaque para os do agronegócio que aparecem com quase 20%. Há um equilíbrio maior entre homens e mulheres, apesar de os homens somarem 60% do *cluster*. A maioria é solteiro(a), a metade mora com a família, porém quase 80% mora no meio urbano e a maioria das famílias mora no meio urbano. A sessão a seguir destaca a caracterização do *cluster* 3.

5.3 CLUSTER 3 – POSSÍVEIS AGROEMPREENDEDORES

Este cluster é formado por 129 estudantes, com idade média de 21,9 anos, sendo 45 vinculados aos Institutos Federais, 55 as Universidades Federais e 29 as Universidades Privadas. A renda média mensal das famílias é de R\$ 3.691,82. Quanto aos cursos, 86 são estudantes de Agronomia, 29 do agronegócio, 02 de Alimentos e 12 de Engenharia Florestal. Com relação ao gênero, 47 estudantes declararam-se do sexo feminino e 81 do sexo masculino. No que diz respeito ao estado civil, 05 estudantes declararam-se casados, 119 solteiros, 04 declararam outra situação (divorciado, união estável...) e 01 não declarou. A tabela 6 explicita estes números em percentuais.

Tabela 8 - Caracterização em % do *cluster* 3 - Possíveis agroempreendedores

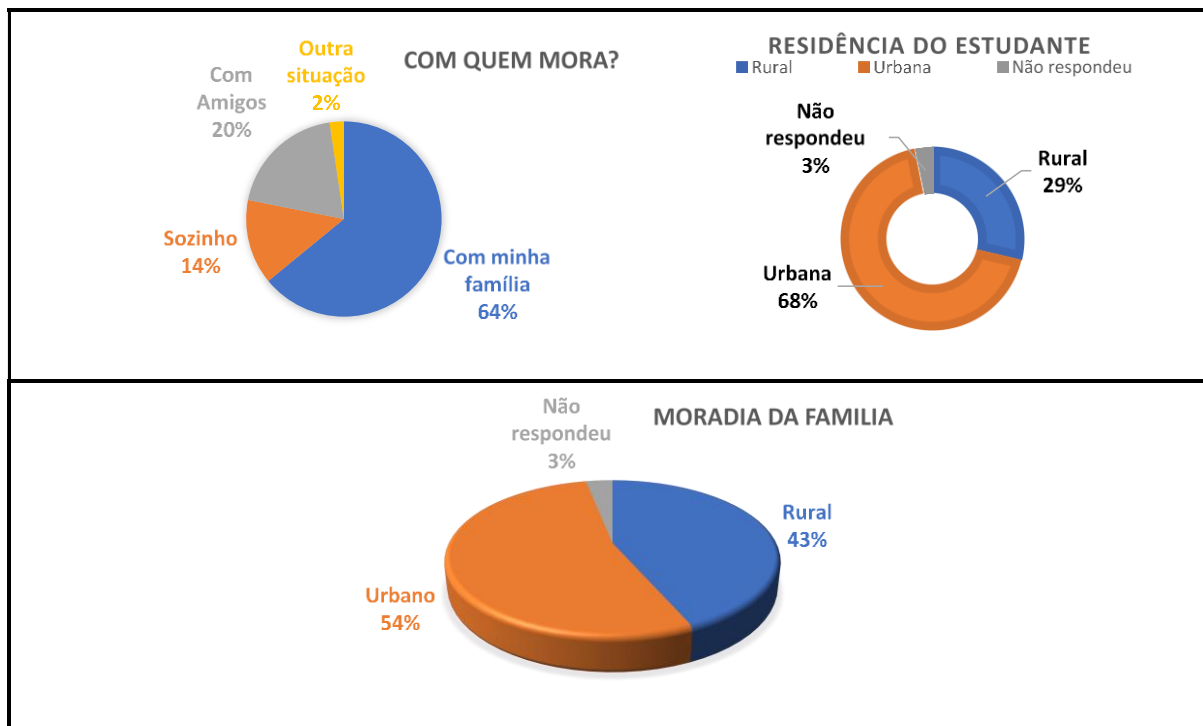
% Estudantes/ Instituição		% de Estudantes/curso		% Genero		% Estado civil	
Institutos Federais	34,89%	Agronomia	66,67%	Masculino	62,79%	Casado	3,88%
		Agronegócio	22,48%			Solteiro	92,25%
Universidades Federais	42,63%	Alimentos	1,55%	Feminino	36,43%	Outro	3,70%
		Engenharia Florestal	9,30%			Não respondeu	0,78%
Universidades Privadas	22%	Idade Média 21,91 anos		Renda média mensal da família R\$ 3.691,82			

Fonte: o autor

Quando responderam as questões de residência própria e da família, 82 estudantes disseram que atualmente moram com a família, 18 moram sozinhos, 25 com amigos, e 04 declararam outra situação (com parentes, com namorado(a), casa do estudante...). Quanto a onde residem atualmente, se no meio urbano ou rural, 37 responderam que residem no meio rural, 88 no meio urbano e 04 não responderam. A questão que levantava a moradia da família revelou que 56 estudantes têm suas

famílias residindo no meio rural, 69 no meio urbano e 04 não responderam. A figura 10 explicita estes números em percentual.

Figura 8 - *cluster 3* - Residência do estudante e da família



Fonte: o autor

A característica geral dos possíveis agroempreendedores é que são em maioria das Universidades Federais, com predominância dos cursos de agronomia, em maior parte do sexo masculino, solteiros, moram com a família e no meio urbano. A maioria das famílias deste *cluster* mora no urbano. A sessão a seguir destaca a caracterização do *cluster 4*.

5.4 CLUSTER 4 – OS NÃO AGROEMPREENDEDORES

Este cluster é formado por 49 estudantes, com idade média de 20,9 anos, sendo 20 vinculados aos Institutos Federais, 16 as Universidades Federais e 13 as Universidades Privadas. A renda média mensal das famílias é de R\$ 3.422,58. Quanto aos cursos, 15 são estudantes de Agronomia, 05 do agronegócio, 20 de Alimentos e 09 de Engenharia Florestal. Com relação ao gênero, 43 estudantes declararam-se do sexo feminino e 06 do sexo masculino. No que diz respeito ao estado civil, 02 estudantes

declararam-se casados e 47 solteiros. A tabela 7 explicita estes números em percentuais.

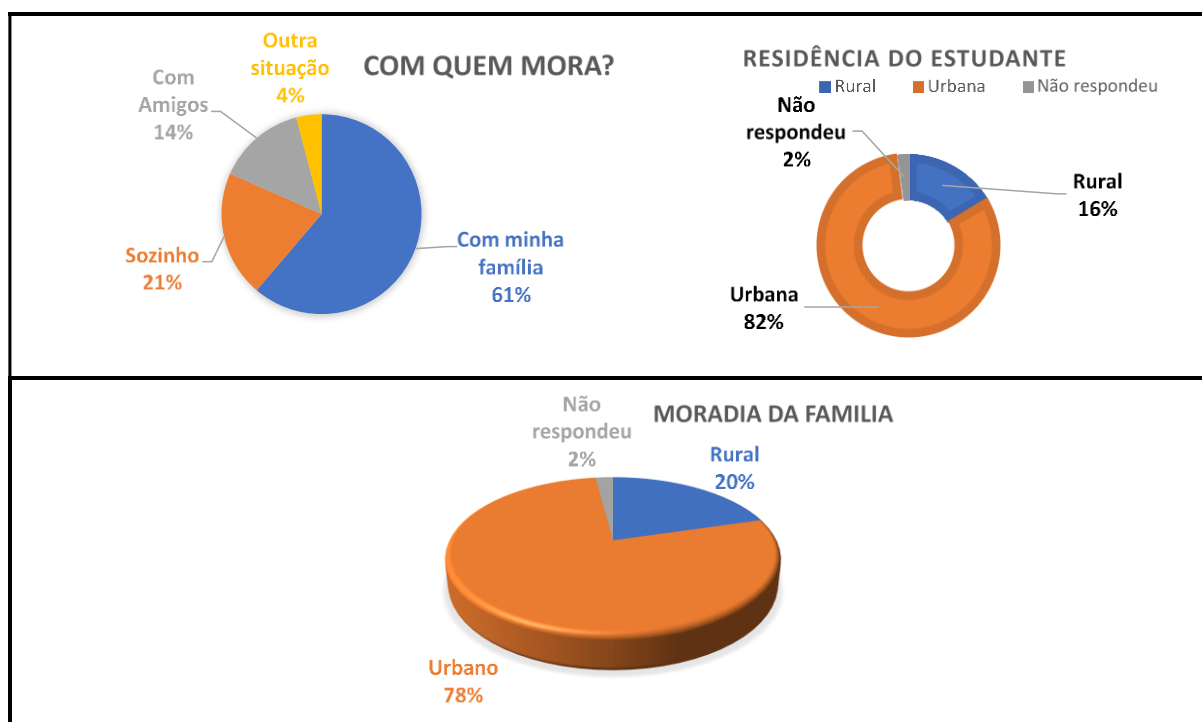
Tabela 9 - Caracterização em % do *cluster* 4 - Os não agroempreendedores

% Estudantes/ Instituição		% de Estudantes/curso		% Genero		% Estado civil	
Institutos Federais	40,82%	Agronomia	30,61%	Masculino	12,24%	Casado	4,08%
		Agronegócio	10,20%			Solteiro	95,92%
Universidades Federais	32,66%	Alimentos	40,82%	Feminino	87,76%	Outro	0,00%
		Engenharia Florestal	18,37%			Não respondeu	0,00%
Universidades Privadas	27%	Idade Média 20,96 anos		Renda média mensal da família R\$ 3.422,58			

Fonte: o autor

Quando responderam as questões de residência própria e da família, 30 estudantes disseram que atualmente moram com a família, 10 moram sozinhos, 07 com amigos, e 02 declararam outra situação (com parentes, com namorado(a), casa do estudante...). Quanto a onde residem atualmente, se no meio urbano ou rural, 08 responderam que residem no meio rural, 40 no meio urbano e 01 não respondeu. A questão que levantava a moradia da família revelou que 10 estudantes têm suas famílias residindo no meio rural, 38 no meio urbano e 01 não respondeu. A figura 11 explicita estes números em percentual.

Figura 9 - *cluster* 4 - Residência do estudante e da família



Fonte: o autor

Os não agroempreendedores estão em equilíbrio entre as instituições, porém com destaque para os cursos de alimentos que aqui aparecem em maioria. As mulheres são mais de 87% deste *cluster* e a maioria também é solteira(o). A maioria mora com a família e reside no meio urbano. A maioria das famílias também reside no meio urbano.

O próximo capítulo, fará uma explanação e análise dos resultados com relação as cinco dimensões pesquisadas: modo de vida; conhecimento; empreendedorismo rural; motivações para empreender; comportamento empreendedor.

4. DAS DIMENSÕES PESQUISADAS AS INTENÇÕES ENCONTRADAS

O empreendedorismo rural é um fenômeno de ação, que demanda do agroempreendedor, além de múltiplos conhecimentos e habilidades, um protagonismo que faça com que suas intenções sejam colocadas em prática. Por se tratar de um processo de ação, este protagonismo se torna essencial diante das transformações socioeconômicas que o rural está envolvido, onde carecem ainda políticas, programas, incentivos e estratégias que possam garantir o seu desenvolvimento e sustentá-lo no longo prazo. O desenvolvimento sustentado depende em grande parte do agroempreendedor, um agente de mudança, que num movimento de ação, põem em prática suas intenções, seus objetivos e projetos de vida transformando o meio onde vive. O empreendedorismo rural é estratégico para alavancar o desenvolvimento e a juventude do agronegócio é parte importante na continuidade desse processo. Neste contexto inserem-se os objetivos deste trabalho que levantaram as intenções empreendedoras desses sujeitos. De acordo com os objetivos propostos, foram definidas cinco dimensões à investigar: Modo de vida; Conhecimentos; Empreendedorismo rural; Incentivos para empreender e Comportamento empreendedor. Cada dimensão foi estruturada por diversas variáveis afirmativas que formaram o instrumento de coleta de dados, onde os respondentes expressaram suas intenções quanto ao empreendedorismo rural, conforme explicitado a seguir.

1) *Modo de vida* – Para Veiga (2007) apesar do triunfo da urbanização, torna-se cada vez mais forte a atração pelos espaços rurais. Empreender no meio rural tem particularidades diferentes do empreendedorismo empresarial que geralmente acontece no meio urbano. Especialmente para os jovens a decisão de estabelecer-se,

no rural exige uma conexão com a terra e a natureza, com o lugar e a vida social, com a família, a tradição e a cultura camponesa em uma relação direta com as oportunidades de ascender pessoal e profissionalmente. Decidir empreender no agronegócio leva em conta o gosto e o apeço ao modo de vida rural que de certa forma entra em contraste com o urbano por suas distintas particularidades. Ter sonhos pessoais e profissionais, ter acesso a terra, capital, tecnologias, infraestrutura adequada e ter visão de negócios, são fatores fundamentais que somam ao perfil de quem deseja aproveitar as oportunidades do agronegócio. O quadro 7 mostra as variáveis elaboradas para investigar as perspectivas dos jovens com relação ao modo de vida.

Quadro 5 - Variáveis da dimensão modo de vida

Variáveis	
1)	O Modo de vida rural me encanta!
2)	Viver no campo é tudo o que eu desejo!
3)	Gosto de trabalhar no meio rural, mas prefiro o modo de vida urbano.
4)	Depois de formado, com certeza vou morar no meio rural.
5)	Com certeza, depois de formado vou trabalhar em uma empresa como empregado.
6)	Sonho em ter meu próprio negócio(empresa) no meio rural para inovar e fazer coisas diferentes.
7)	Nos primeiros anos depois de formado vou trabalhar em uma empresa para adquirir experiência e depois vou montar meu próprio negócio no meio rural.
8)	Meu sonho é ter uma propriedade rural para administrar do jeito que eu quiser.
9)	Depois de formado eu vou morar na cidade e trabalhar no campo.
10)	Vou herdar as terras de minha família e administrar tudo a minha maneira.
11)	O Agronegócio é muito promissor e vou ganhar muito dinheiro nesta área.
12)	Prefiro morar na cidade e ter meu próprio negócio por lá mesmo!
13)	Vou me formar, trabalhar na cidade em grandes empresas para juntar dinheiro e comprar um sítio pra quando me aposentar morar lá.

Fonte: o autor

Além dessas características, é necessário ainda certo nível de conhecimentos em empreendedorismo e negócios.

2) *Conhecimentos* – A complexidade em que está envolvido o agronegócio em suas inúmeras cadeias produtivas, exige do agroempreendedor uma multiplicidade de conhecimentos. O agricultor contemporâneo precisa de conhecimentos em manejo de solos e animais, sementes, culturas, clima, meio ambiente, agronomia, veterinária, entre outros, se quiser fazer frente a um mercado cada vez mais competitivo e exigente do ponto de vista da qualidade e da produtividade.

O agronegócio passa atualmente por um momento de transformação importante por vários fatores tais como novas tecnologias produtivas, acessibilidade a internet e a mercados consumidores diferenciados. Os efeitos da globalização ampliaram mercados, mudaram o comportamento dos consumidores e abriram novas janelas de oportunidade. O rural passa a ser visto e consumido de outra forma. Essas novas formas de ver e consumir o rural, trazem consigo a perspectiva de um olhar sobre a propriedade rural não mais como um estabelecimento de produção agrícola e subsistência, senão como um negócio, porque abrem a possibilidade, inclusive, da exploração das atividades não agrícolas.

Esse olhar empresarial no campo dos negócios não agrícolas, exige novamente do agroempreendedor conhecimentos na área de gestão e negócios e principalmente do empreendedorismo. A juventude do agronegócio precisa enfrentar esse desafio complexo de adquirir múltiplos conhecimentos. Neste sentido, assumem papel importante as instituições de ensino e pesquisa (universidades, faculdades e cursos técnicos), além dos organismos setoriais (associações, cooperativas, sindicatos, empresas de apoio ao agronegócio e a extensão rural como Emater, Senar, Sebrae), no sentido de ensinar a gestão, despertar para as inovações e novas oportunidades de negócios.

Das 06 instituições de ensino contempladas nesta pesquisa, apenas 02 oferecem a disciplina de empreendedorismo na grade das obrigatórias e uma na grade das optativas. Entre os 09 campus pesquisados somente 02 oferecem a disciplina de empreendedorismo como obrigatória na grade curricular dos alunos. Dos cursos que ofertam a disciplina de empreendedorismo, tanto obrigatória como optativa, todos à oferecem em parceria com o curso de administração de empresas.

Neste sentido, Kim, Taylor e Guzman (2018) ao salientar que apesar de haver um engajamento crescente na educação empreendedora dos jovens rurais, enfatizam que a maioria dos programas de formação profissional e empresarial, são concebidos para comunidades urbanas. Para estes autores a educação empreendedora deve ser adaptada aos contextos rurais para que se torne relevante aos jovens do agronegócio. Uma educação empreendedora que faça sentido, dentro dos contextos do agronegócio, proporcionará aos estudantes uma compreensão clara de como as competências e habilidades adquiridas na formação escolar podem ajudar a identificar e abrir novas oportunidades em suas próprias comunidades rurais e não somente no urbano.

É necessário unir os objetivos educacionais com os desejos e objetivos da juventude de permanecer ou se estabelecer no meio rural. A faculdade e os cursos extra classe precisam ajudar, de alguma forma, os jovens a adquirirem conhecimentos, experiências e vivências que os façam criar novas redes, possibilidades e conexões com seus objetivos de vida e com suas próprias comunidades. O quadro 8 mostra as variáveis estruturadas para investigar as intenções dos estudantes quanto a dimensão conhecimento.

Quadro 6 - Variáveis da dimensão conhecimento

Variáveis	
14)	Não faço a mínima ideia do que seja “Empreendedorismo Rural”
15)	A disciplina de empreendedorismo que tem no meu curso de graduação, me despertou a vontade de ter meu próprio negócio voltado para o rural.
16)	Vou juntar a experiência profissional e acadêmica que tenho e abrir meu próprio negócio no meio rural.
17)	A faculdade me mostrou novos caminhos e possibilidades de empreender e ganhar dinheiro no meio rural.
18)	Eu leio muito e me informo sobre as novidades e possibilidades de ganhar dinheiro com o Agronegócio.
19)	Já fiz cursos de empreendedorismo em instituições de apoio ao rural, pois pretendo ganhar muito dinheiro na área.
20)	Com o conhecimento acadêmico que eu adquirir na faculdade, vou voltar ao meio rural e implementar várias atividades diferentes para ganhar dinheiro e viver bem.

Fonte: o autor

Assim o empreendedorismo rural pode ser alternativa ao desenvolvimento sustentado dos espaços rurais.

3) *O empreendedorismo rural* – A promoção do trabalho e do empreendedorismo rural é fator importante para o desenvolvimento econômico sustentável das áreas rurais. Para Alsos, Carter, *et al.*, (2011) o empreendedorismo sempre esteve presente no setor agrícola, porém menos estudado e fomentado, por conta de uma perspectiva que a agricultura era um caso especial e portanto deveria ser analisada separadamente de outras atividades econômicas.

Nas últimas décadas, as transformações econômicas especificamente no agronegócio, fomentaram a discussão e as pesquisas sobre o empreendedorismo rural como alternativa para equilibrar produção, qualidade de vida e futuros profissionais. O empreendedorismo rural implica em um envolvimento com o ambiente rural natural, com desafios específicos como os baixos níveis de capital humano, financeiro, de infraestrutura e comunicação. Neste sentido a atividade empreendedora dos agricultores e principalmente dos jovens é essencial para enfrentar o ambiente complexo e multifacetado que a eles se apresenta.

O empreendedor rural deve ser alguém capaz de identificar oportunidades, criar estratégias para resolver problemas e inovar. Precisa estar preparado e encorajado a mudar a realidade pessoal e local através das diversas possibilidades agrícolas e não-agrícolas, para empreender por necessidade, oportunidade ou em série e assim, contribuir para o desenvolvimento sustentado do setor. O quadro 9 mostra as variáveis estruturadas para investigar as intenções dos estudantes quanto ao empreendedorismo rural.

Quadro 7 - Variáveis da dimensão empreendedorismo rural

Variáveis	
21)	Estou estudando, para voltar a propriedade da minha família e mudar para melhor a realidade de todos.
22)	Tenho muitas ideias diferentes e inovadoras de como ganhar dinheiro em uma propriedade rural.
23)	Tenho muitas ideias de atividades e serviços que posso prestar para ganhar dinheiro no rural.
24)	Quero ter minha propriedade rural, produzir muitas coisas, mas ao mesmo tempo vou trabalhar na cidade.
25)	Eu acho que uma propriedade rural pode ganhar mais dinheiro com atividades “não agrícolas” do que com atividades agrícolas.
26)	Eu quero ser dono de várias coisas ao mesmo tempo: uma área rural com diversas plantações, explorar o turismo rural em minha propriedade; ter uma agroindústria para processar minha produção, ter açudes de peixes; estufas de morangos, oferecer serviços veterinários, florestais etc...

Fonte: o autor

Diante dessa realidade assumem importância, especialmente aos jovens, os incentivos e políticas de apoio ao empreendedorismo rural.

4) *Incentivos para empreender* - Promover o empreendedorismo é estratégico também para o setor rural, tendo em vista as possibilidades econômicas que ele pode oferecer como emprego, renda e desenvolvimento. Um olhar diferenciado por parte dos governos e instituições ao público jovem é importante pois aproveitaria o potencial intelectual que está sendo formado para atuar na área. Para empreender em qualquer setor, além dos acessos ao conhecimento, tecnologias e infraestrutura é certamente essencial o acesso e disponibilidade de capital financeiro. Linhas de crédito, financiamentos, empréstimos e demais políticas de acesso ao capital são primordiais a qualquer empreendedor e os governos precisam proporcionar essa realidade aos jovens porque eles são o futuro do agronegócio. Conforme mencionado no desenvolvimento deste trabalho diversos países tem políticas públicas e programas voltados ao incentivo do empreendedorismo rural entre os jovens, conforme apresentado entre outros, por (MORSELLI, 2017); (NEWBERY, SIWALE e HENLEY, 2017).

No Brasil, apesar de o agronegócio ter grande participação no Produto Interno Bruto (PIB) e ser um dos mais importantes setores para a economia, carecem ainda as políticas específicas voltadas ao incentivo do empreendedorismo e principalmente à juventude empreendedora rural, sendo o Pronaf Jovem, um dos poucos em andamento na atualidade, porém ainda com destinação financeira aquém das necessidades e da realidade econômica do país. O quadro 10 mostra as variáveis estruturadas para investigar as intenções dos jovens quanto aos incentivos para empreender.

Quadro 8 - Variáveis da dimensão incentivos para empreender

Variáveis	
27)	Se eu tiver incentivos como empréstimos, financiamentos e políticas governamentais, vou aproveitar e tirar meus projetos do papel.
28)	Se tiver incentivos públicos, com certeza eu empreendo no meio rural para gerar empregos e renda há muita gente.
29)	O meio rural é muito mais promissor que o meio urbano, porém faltam conhecimentos na área de gestão
30)	Se eu tiver acesso a capital financeiro, prefiro empreender no meio rural do que no meio urbano.
31)	Nunca empreenderei no rural porque não tem infraestrutura necessária.

Fonte: o autor

Para além de todas as questões mencionadas até aqui, ainda são necessários aos jovens ter características e comportamentos empreendedores.

5) *Comportamentos empreendedores* – Ter perfil e comportamento empreendedor ajuda os indivíduos a enfrentar os desafios de encarar as oportunidades que se apresentam e ter sucesso. Diante do atual cenário do agronegócio o agroempreendedor precisa manter-se atualizado, buscar informações constantemente e aprender cada vez mais. Precisa ter iniciativa, ser proativo para gerar oportunidades e colocar em ação todo o potencial característico da juventude. É importante estabelecer metas na conquista dos objetivos, planejar e assumir desafios e riscos de forma a responder as expectativas da continuidade do agronegócio, quando assumir a gestão deste. O jovem agroempreendedor precisa experimentar alternativas, assumir responsabilidades e preparar-se para resolver, de forma criativa e inovadora, os problemas contemporâneos do agronegócio e do desenvolvimento.

O quadro 11 mostra a estruturação das variáveis investigadas para levantar as intenções dos estudantes quanto aos comportamentos empreendedores.

Quadro 9 - Variáveis da dimensão comportamento empreendedor

Variáveis
32) Eu gosto e participo de iniciativas empreendedoras
33) Com relação a dinheiro e negócios, eu gosto de me arriscar ou assumir riscos calculados.
34) Eu sou um (a) profissional criativo (a) e inovador (a)
35) Tenho muita facilidade em me comunicar e espalhar minhas ideias
36) Eu sempre vejo oportunidades de negócios onde ninguém vê
37) Eu tenho bastante experiência de mercado (trabalho e negócios) na minha área de formação
38) Sempre planejo muito bem minhas atividades pessoais e profissionais
39) Gosto de desafios e de realizar coisas que mudem a minha realidade de vida e dos outros também
40) Quando eu coloco algum objetivo na minha vida, não descanso enquanto não realizar
41) Sou sempre muito curioso e estudioso com relação a tudo.

Fonte: o autor

Na sequência passaremos a análise dos achados estatísticos em cada um dos 4 *clusters* que compõem este trabalho, com relação as dimensões e variáveis investigadas. As afirmações foram respondidas em escala *Likert* de 1 a 11 onde 1 era considerado “discordo totalmente da afirmação” e 11 “concordo totalmente com a afirmação”. Para cada variável foi calculado a média e desvio padrão e assim expressam os resultados obtidos em cada *cluster* por variável.

6.1 OS AGROEMPREENDEDORES: DIMENSÕES E INTENÇÕES

Este cluster contém 375 respondentes e concentra 57% da amostra pesquisada. Está assim denominado porque em todas as variáveis pesquisadas, as médias e o desvio padrão encontrados revelam alta concordância com a variável, em todas as dimensões pesquisadas.

Quanto a dimensão modo de vida, na escala *Likert* de 10 pontos a afirmação “*O modo de vida rural me encanta*” foi a que recebeu maior média (9,72) e menor desvio padrão (1,5) o que demonstra a forte relação destes jovens com o meio rural e necessária a quem decide ser agroempreendedor. A preferência pelo modo de vida urbano recebeu média 5,04.

Outra afirmação que se destaca com média 9,22 é “*meu sonho é ter uma propriedade rural, para administrar do jeito que eu quiser*”. Este resultado confirma que os jovens não só gostam do rural como o contemplam em seus sonhos profissionais, porém para administrar tudo do seu jeito. Os agroempreendedores também sonham em ter seu próprio negócio no meio rural para inovar e fazer coisas diferentes. Esta

variável tem média 8,83, o que demonstra que eles se consideram inovadores e com capacidade de fazer diferente do que está sendo feito pelos atuais gestores do agronegócio. Eles consideram que o agronegócio é muito promissor e que ganharão muito dinheiro empreendendo nele (média 8,42). Este é um fator muito importante para qualquer empreendedor, pois denota as macro-visões (macro-economia, mercados, oportunidades) sobre a área em que deseja atuar. Demonstra ainda que estão atualizados e informados com relação ao setor.

Viver no campo é tudo o que desejam os respondentes deste cluster (média 8,29), porém uma grande parcela também demonstra a intenção de, nos primeiros anos após formado, trabalhar em grandes empresas do meio urbano afim de adquirir a experiência necessária para depois administrar seu próprio negócio no meio rural. O fator experiência prática de gestão é importante para qualquer empreendedor pois pode significar o sucesso ou o fracasso do empreendimento. Corroboram com este resultado as variáveis que pesquisaram a intenção de morar no meio rural logo após formado (média 6,98) e morar na cidade e trabalhar no campo (média 5,91). A possibilidade de morar na cidade e ter o próprio negócio por lá mesmo também recebeu baixa intenção com média de 3,97.

A possibilidade de herdar as terras da família e administrar tudo a sua maneira também recebeu menor intenção com média 6,84 e a possibilidade de trabalhar na cidade para juntar dinheiro e adquirir uma propriedade rural e morar nela depois de aposentado recebeu baixa intenção com média 4,98. O apêndice 1 mostra as médias e o desvio padrão de cada variável que compõem a dimensão “modo de vida”.

Com relação aos conhecimentos, os agroempreendedores revelaram que a faculdade lhes mostrou novos caminhos e possibilidades de ganhar dinheiro no meio rural (média 8,99), que vão juntar a experiência acadêmica e profissional para abrir um negócio no meio rural (média 8,09) ou ainda implementar várias atividades diferentes para ganhar dinheiro e viver bem (média 8,21). Consideram que leem muito e se informam sobre as novidades e possibilidades de ganhar dinheiro no agronegócio (média 7,64). Revelaram saber o que é empreendedorismo rural, porém a disciplina de empreendedorismo que tem no curso que frequentam, pouco desperta a vontade e a iniciativa de empreender no rural (média 6,73) e pouco fazem cursos extra classe de empreendedorismo rural. O apêndice 2 mostra as médias e o desvio padrão de cada variável que compõem a dimensão “conhecimento”.

Quanto a dimensão empreendedorismo rural, os jovens agroempreendedores revelaram que tem muitas ideias de atividades de prestação de serviços para ganhar dinheiro no meio rural (média 8,15) e também ideias inovadoras de como ganhar dinheiro com uma propriedade rural (média 8,10). Ter boas ideias de negócio e ser inovador é parte importante do perfil de um empreendedor. É alta também a intenção dos jovens deste *cluster* de estudar para voltar a propriedade rural e melhorar a realidade de todos por lá (média 7,82). Esta é uma intenção importante, que comprova o perfil do agroempreendedor, pois é sempre alguém preocupado consigo, com a própria família e a comunidade em que está inserido. Os respondentes revelaram baixa concordância com relação a possibilidade de ganhar mais dinheiro em uma propriedade com atividades não agrícolas do que com as agrícolas (média 3,99), baixa intenção quanto a pluriatividade e ao empreendedorismo de carteira. O apêndice 3 mostra as médias e o desvio padrão de cada variável que compõem a dimensão “empreendedorismo rural”.

No que tange as motivações para empreender no meio rural todas as variáveis apresentaram média acima de 8,10. Os agroempreendedores consideram que se tiverem capital financeiro disponível, preferem empreender no meio rural do que no urbano (9,71), pois o consideram mais promissor, porém faltam conhecimentos de gestão (8,98). Declararam ainda que se tiverem incentivos como empréstimos, financiamentos e políticas governamentais, tiram seus projetos do papel (8,52), pois com isso conseguem empreender e gerar emprego e renda para muita gente (8,12). Por fim revelam que a falta de infraestrutura do rural não é impedimento para o empreendedorismo rural (2,66). Desta forma, percebe-se a importância das políticas públicas e dos programas de apoio, desenvolvimento e incentivo aos jovens do agronegócio. O apêndice 4 mostra as médias e o desvio padrão de cada variável que compõem a dimensão “motivações para empreender”.

Quanto ao comportamento empreendedor, os jovens pertencentes a este *cluster* demonstraram alto grau em relação ao perfil e aos comportamentos característicos de um empreendedor. Consideram-se focados em seus objetivos e metas a ponto de não descansarem enquanto não os atingirem (9,01), são curiosos e estudiosos com relação a tudo (8,86), gostam de realizar feitos que mude pra melhor a sua realidade de vida e a dos outros (8,47). São bons planejadores pois consideram que sempre planejam muito bem suas atividades pessoais e profissionais (8,11), são criativos e inovadores

(7,77) e tem facilidade de comunicação (7,59). Disseram gostar e participar de iniciativas empreendedoras (7,07) e ter facilidade em enxergar oportunidades de negócio onde ninguém vê (6,71), porém tem pouca experiência de mercado em suas áreas de formação (5,83) e são cautelosos com relação a assumir riscos com dinheiro e negócios (6,56). O apêndice 5 mostra as médias e o desvio padrão de cada variável que compõem a dimensão “comportamento empreendedor”.

Assim os jovens estudantes pertencentes a este agrupamento podem ser considerados agroempreendedores de imediato, pois são altamente encantados com o modo de vida rural, constantemente buscam conhecimentos sobre o agronegócio e a área que estão cursando, tem boas e inovadoras ideias de negócios e se tiverem apoio e incentivos financeiros tiram seus projetos do papel e empreendem no rural, além de terem alto perfil comportamental empreendedor.

6.2 OS POTENCIAIS AGROEMPREENDEDORES: DIMENSÕES E INTENÇÕES

Este *cluster* contém 105 respondentes e concentra 16% da amostra pesquisada. Está assim denominado porque em todas as variáveis pesquisadas, as médias e o desvio padrão encontrados ficaram ligeiramente abaixo das encontradas no *cluster* 1 dos agroempreendedores, em todas as dimensões pesquisadas. Os potenciais são muito parecidos com os agroempreendedores.

Quanto a dimensão modo de vida, na escala *Likert* de 10 pontos a afirmação “*O modo de vida rural me encanta*” foi a que recebeu maior média (9,70) e menor desvio padrão (1,64) o que demonstra a importante relação destes jovens com o meio rural. A preferência pelo modo de vida urbano recebeu média 4,51.

Outra afirmação que se destaca com média 9,10 é “*meu sonho é ter uma propriedade rural, para administrar do jeito que eu quiser*”. Este resultado confirma que os jovens não só gostam do rural como o contemplam em seus sonhos profissionais, porém para administrar tudo do seu jeito. Os potenciais agroempreendedores também sonham em ter seu próprio negócio no meio rural para inovar e fazer coisas diferentes. Esta variável tem média 8,00, o que demonstra que eles se consideram inovadores e com capacidade de fazer diferente do que está sendo feito pelos atuais gestores do agronegócio. Eles consideram que o agronegócio é promissor e que ganharão muito dinheiro empreendendo nele (média 7,43). Este é um fator muito importante para qualquer empreendedor, pois denota as macro-visões (macro-economia, mercados,

oportunidades) sobre a área em que deseja atuar. Demonstra ainda que estão atualizados e informados com relação ao setor.

Viver no campo é também o desejo dos respondentes deste cluster (média 7,29), demonstram moderada intenção de, nos primeiros anos após formados, trabalhar em grandes empresas do meio urbano afim de adquirir a experiência necessária para depois administrar seu próprio negócio no meio rural. O fator experiência prática de gestão é importante para qualquer empreendedor. Corroboram com este resultado as variáveis que pesquisaram a intenção de morar no meio rural logo após formado (média 6,29) e morar na cidade e trabalhar no campo (média 4,94). A possibilidade de morar na cidade e ter o próprio negócio por lá mesmo também recebeu baixa intenção com média de 3,27.

A possibilidade de herdar as terras da família e administrar tudo a sua maneira também recebeu menor intenção com média 6,25 e a possibilidade de trabalhar na cidade para juntar dinheiro e adquirir uma propriedade rural e morar nela depois de aposentado recebeu baixa intenção com média 3,68. O apêndice 1 mostra as médias e o desvio padrão de cada variável que compõem a dimensão “modo de vida”.

Com relação aos conhecimentos, os potenciais agroempreendedores revelaram que a faculdade lhes mostrou novos caminhos e possibilidades de ganhar dinheiro no meio rural (média 8,50), que em menor grau pretendem juntar a experiência acadêmica e profissional para abrir um negócio no meio rural (média 6,56) ou ainda implementar várias atividades diferentes para ganhar dinheiro e viver bem (média 7,16). Consideram que não leem muito e não se informam muito sobre as novidades e possibilidades de ganhar dinheiro no agronegócio (média 6,52). Revelaram saber o que é empreendedorismo rural, porém a disciplina de empreendedorismo que tem no curso que frequentam, pouco desperta a vontade e a iniciativa de empreender no rural (média 6,19) e quase não fazem cursos extra classe de empreendedorismo rural. O apêndice 2 mostra as médias e o desvio padrão de cada variável que compõem a dimensão “conhecimento”.

Quanto a dimensão empreendedorismo rural, os jovens potenciais agroempreendedores revelaram em menor grau que tem ideias de atividades de prestação de serviços para ganhar dinheiro no meio rural (média 7,12) e também ideias inovadoras de como ganhar dinheiro com uma propriedade rural (média 6,71). Ter boas ideias de negócio e ser inovador é parte importante do perfil de um empreendedor. Não

é muito alta a intenção dos jovens deste *cluster* de estudar para voltar a propriedade rural e melhorar a realidade de todos por lá (média 6,53). Esta é uma intenção importante, que comprova o perfil do agroempreendedor, pois é sempre alguém preocupado consigo, com a própria família e a comunidade em que está inserido. Os respondentes revelaram baixa concordância com relação a possibilidade de ganhar mais dinheiro em uma propriedade com atividades não agrícolas do que com as agrícolas (média 3,28), baixíssima intenção quanto a pluriatividade e ao empreendedorismo de carteira. O apêndice 3 mostra as médias e o desvio padrão de cada variável que compõem a dimensão “empreendedorismo rural”.

No que tange as motivações para empreender no meio rural todas as variáveis apresentaram média acima de 6,88. Os potenciais agroempreendedores consideram que se tiverem capital financeiro disponível, preferem empreender no meio rural do que no urbano (9,33), pois o consideram mais promissor, porém faltam conhecimentos de gestão (8,27). Em menor grau declararam que se tiverem incentivos como empréstimos, financiamentos e políticas governamentais, tiram seus projetos do papel (7,71), e pouco consideram empreender e gerar emprego e renda para muita gente (6,88).

Por fim revelam que a falta de infraestrutura do rural não é impedimento para o empreendedorismo rural (2,38). Desta forma, percebe-se também, neste agrupamento a importância das políticas públicas e dos programas de apoio, desenvolvimento e incentivo aos jovens do agronegócio, pois assim se pode recuperar aqueles que não tem muita intenção ou perfil empreendedor. O apêndice 4 mostra as médias e o desvio padrão de cada variável que compõem a dimensão “motivações para empreender”.

Quanto ao comportamento empreendedor, os jovens pertencentes a este *cluster* demonstraram alto grau em relação ao perfil e aos comportamentos característicos de um empreendedor, ainda que com uma diferença de quase um ponto com relação ao grupo dos agroempreendedores.

Consideram-se bastante focados em seus objetivos e metas a ponto de não descansarem enquanto não os atingirem (8,52), são curiosos e estudiosos com relação a tudo (8,23), em menor grau gostam de realizar feitos que mude pra melhor a sua realidade de vida e a dos outros (7,55). Não são bons planejadores pois consideram que nem sempre planejam bem suas atividades pessoais e profissionais (6,74), são pouco criativos e inovadores (6,52) e tem pouca facilidade de comunicação (6,42).

Disseram gostar e participar pouco de iniciativas empreendedoras (6,30) e não tem muita facilidade em enxergar oportunidades de negócio onde ninguém vê (5,91). Tem pouca experiência de mercado em suas áreas de formação (4,94) e são muito cautelosos com relação a assumir riscos com dinheiro e negócios (5,80). O apêndice 5 mostra as médias e o desvio padrão de cada variável que compõem a dimensão “comportamento empreendedor”.

Assim os jovens estudantes pertencentes a este agrupamento podem ser considerados potenciais agroempreendedores no médio prazo, pois, assim como os agroempreendedores são altamente encantados com o modo de vida rural, frequentemente buscam conhecimentos sobre o agronegócio e a área que estão cursando, em menor grau, mas tem boas e inovadoras ideias de negócios e se tiverem apoio e incentivos financeiros também tiram seus projetos do papel e empreendem no rural. Quanto ao perfil comportamental empreendedor, estão abaixo dos agroempreendedores, por isso, se forem incentivados através dos estudos, cursos, programas de governo ou de entidades promotoras do agronegócio, talvez, no médio prazo possam despertar mais e desenvolver melhor os comportamentos empreendedores..

6.3 OS POSSÍVEIS AGROEMPREENDEDORES: DIMENSÕES E INTENÇÕES

Este *cluster* contém 129 respondentes e concentra 19,6% da amostra pesquisada. Está assim denominado porque na quase totalidade das variáveis pesquisadas, as médias ficam abaixo de 7,00 em todas as dimensões. Os possíveis agroempreendedores se distanciam dos dois primeiros *clusters*.

Quanto a dimensão modo de vida, na escala *Likert* de 10 pontos a afirmação “*O modo de vida rural me encanta*” foi a que recebeu maior média (8,29) e menor desvio padrão (2,06) o que demonstra apesar dos demais resultados, a importante relação destes jovens com o meio rural. A preferência pelo modo de vida urbano recebeu média 4,26, o que confirma o gosto pelo rural.

A afirmação “*meu sonho é ter uma propriedade rural, para administrar do jeito que eu quiser*” recebeu média de intenção de 7,19. Este resultado expressa que os jovens deste grupo também gostam do rural e em boa medida o contemplam em seus sonhos profissionais. Os possíveis agroempreendedores pouco sonham em ter seu próprio negócio no meio rural para inovar e fazer coisas diferentes. Esta variável tem

média 6,80, o que demonstra que eles não se consideram muito inovadores e com capacidade de fazer diferente do que está sendo feito pelos atuais gestores do agronegócio. Eles não consideram que o agronegócio seja muito promissor e que ganharão bastante dinheiro empreendendo nele (média 6,58). Este é um fator muito importante para qualquer empreendedor, pois denota as macro-visões (macro-economia, mercados, oportunidades) sobre a área em que deseja atuar. Demonstra ainda o quão estão atualizados e informados com relação ao setor.

Viver no campo não é muito o desejo dos respondentes deste cluster (média 6,15), demonstram pouca intenção de, nos primeiros anos após formados, trabalhar em grandes empresas do meio urbano afim de adquirir a experiência necessária para depois administrar seu próprio negócio no meio rural. O fator experiência prática de gestão é importante para qualquer empreendedor. Corroboram com este resultado as variáveis que pesquisaram a intenção de morar no meio rural logo após formado (média 5,44) e morar na cidade e trabalhar no campo (média 5,00). A possibilidade de morar na cidade e ter o próprio negócio por lá mesmo também recebeu baixa intenção com média de 3,53.

A possibilidade de herdar as terras da família e administrar tudo a sua maneira também recebeu baixa intenção com média 5,38 e a possibilidade de trabalhar na cidade para juntar dinheiro e adquirir uma propriedade rural e morar nela depois de aposentado recebeu baixa intenção com média 4,07. O apêndice 1 mostra as médias e o desvio padrão de cada variável que compõem a dimensão “modo de vida”.

Com relação aos conhecimentos, os possíveis agroempreendedores revelaram em menor grau que a faculdade lhes mostrou novos caminhos e possibilidades de ganhar dinheiro no meio rural (média 7,02), que quase não pretendem juntar a experiência acadêmica e profissional para abrir um negócio no meio rural (média 5,80) ou ainda implementar várias atividades diferentes para ganhar dinheiro e viver bem (média 6,13). Consideram que leem pouco e se informam pouco sobre as novidades e possibilidades de ganhar dinheiro no agronegócio (média 5,62). Revelaram saber o que é empreendedorismo rural, porém a disciplina de empreendedorismo que tem no curso que frequentam, quase não desperta a vontade e a iniciativa de empreender no rural (média 5,12) e quase não fazem cursos extra classe de empreendedorismo rural. O apêndice 2 mostra as médias e o desvio padrão de cada variável que compõem a dimensão “conhecimento”.

Quanto a dimensão empreendedorismo rural, os jovens possíveis agroempreendedores revelaram em menor grau que tem ideias de atividades de prestação de serviços para ganhar dinheiro no meio rural (média 6,05) e também ideias inovadoras de como ganhar dinheiro com uma propriedade rural (média 5,90). É baixa a intenção dos jovens deste *cluster* de estudar para voltar a propriedade rural e melhorar a realidade de todos por lá média 5,74. Os respondentes revelaram baixa concordância com relação a possibilidade de ganhar mais dinheiro em uma propriedade com atividades não agrícolas do que com as agrícolas (média 3,61), baixíssima intenção quanto a pluriatividade e ao empreendedorismo de carteira. O apêndice 3 mostra as médias e o desvio padrão de cada variável que compõem a dimensão “empreendedorismo rural”.

No que tange as motivações para empreender no meio rural todas as variáveis apresentaram média abaixo de 7,29. Os possíveis agroempreendedores consideram que mesmo tendo capital financeiro disponível, tem baixa propensão a empreender no meio rural (7,29), pois não o consideram efetivamente promissor e nem que há falta de conhecimentos em gestão (6,91). Declararam que mesmo se tiverem incentivos como empréstimos, financiamentos e políticas governamentais, não estão totalmente propensos a tirar seus projetos do papel (6,76), e pouco consideram empreender e gerar emprego e renda para muita gente (6,04).

Por fim revelam que a falta de infraestrutura do rural não é impedimento para o empreendedorismo rural (2,80). Aqui, percebe-se que a presença ou não das políticas públicas e dos programas de apoio, desenvolvimento e incentivo aos jovens do agronegócio, não terão muito impacto sobre as intenções desses jovens. O apêndice 4 mostra as médias e o desvio padrão de cada variável que compõem a dimensão “motivações para empreender”.

Quanto ao comportamento empreendedor, os jovens pertencentes a este *cluster* demonstraram baixo grau em relação ao perfil e aos comportamentos característicos de um empreendedor, pois a maioria das medias ficaram abaixo de 7,11.

Consideram-se pouco focados em seus objetivos e metas (7,11), são pouco curiosos e estudiosos com relação a tudo (6,82), não são muito interessados em realizar feitos que mudem pra melhor a sua realidade de vida e a dos outros (6,65). Não são bons planejadores pois consideram que nem sempre planejam bem suas atividades pessoais e profissionais (6,04), não se consideram criativos e inovadores (5,63) e tem

pouca facilidade de comunicação (5,44). Disseram gostar e participar pouco de iniciativas empreendedoras (5,44) e não tem muita facilidade em enxergar oportunidades de negócio onde ninguém vê (5,10). Quase não tem experiência de mercado em suas áreas de formação (4,99) e são muito cautelosos com relação a assumir riscos com dinheiro e negócios (5,09). O apêndice 5 mostra as médias e o desvio padrão de cada variável que compõem a dimensão “comportamento empreendedor”.

Assim os jovens estudantes pertencentes a este agrupamento podem ser considerados possíveis agroempreendedores no longo prazo, pois, apesar de terem um certo encantamento com o modo de vida rural, precisam ser motivados, desenvolvidos, e preparados para empreender no agronegócio e isso demanda um certo tempo. Não tem a disciplina de buscar conhecimentos sobre o agronegócio e a área que estão cursando. São medianos com relação as boas e inovadoras ideias de negócios e mesmo tendo apoio e incentivos financeiros resistem em tirar seus projetos do papel e empreender no rural, além de terem um fraco perfil comportamental empreendedor.

6.4 OS NÃO AGROEMPREENDEDORES: DIMENSÕES E INTENÇÕES

Este *cluster* contém 49 respondentes e concentra 7,4% da amostra pesquisada. Está assim denominado porque na quase totalidade das variáveis pesquisadas, as médias estão baixas em todas as dimensões. Os não agroempreendedores se distanciam dos demais *clusters* em todas as características.

Quanto a dimensão modo de vida, na escala *Likert* de 10 pontos a afirmação “*O modo de vida rural me encanta*” foi a que recebeu maior média (8,20) o que demonstra apesar dos demais resultados, que eles também gostam do meio rural. A preferência por trabalhar no rural e o gosto pelo modo de vida urbano recebeu média 2,22, o que confirma que eles preferem o modo de vida urbano.

A afirmação “*meu sonho é ter uma propriedade rural, para administrar do jeito que eu quiser*” recebeu média de intenção de 7,06. Este resultado expressa que os jovens deste grupo também gostam do rural e em certa medida o contemplam em seus sonhos profissionais. Os não agro empreendedores, pouco sonham em ter seu próprio negócio no meio rural para inovar e fazer coisas diferentes. Esta variável tem média 6,37, o que demonstra que eles se consideram menos inovadores e com capacidade

de fazer diferente do que está sendo feito pelos atuais gestores do agronegócio. Eles não consideram o agronegócio muito promissor e que ganharão bastante dinheiro empreendendo nele (média 5,22). Este é um fator muito importante para qualquer empreendedor, pois denota as macro-visões (macro-economia, mercados, oportunidades) sobre a área em que deseja atuar. Demonstra ainda o quão estão atualizados e informados com relação ao setor.

Viver no campo não é o desejo dos respondentes deste *cluster* (média 4,94), não demonstram intenção de, nos primeiros anos após formados, trabalhar em grandes empresas do meio urbano afim de adquirir a experiência necessária para depois administrar seu próprio negócio no meio rural, o que confirma o desinteresse desses respondentes pelo agronegócio. Corroboram com este resultado as variáveis que pesquisaram a intenção de morar no meio rural logo após formado (média 3,42) e morar na cidade e trabalhar no campo (média 3,18). A possibilidade de morar na cidade e ter o próprio negócio por lá mesmo também recebeu baixíssima intenção com média de 1,73 o que significa a não propensão ao empreendedorismo em geral.

A possibilidade de herdar as terras da família e administrar tudo a sua maneira também recebeu baixíssima intenção com média 3,39 e a possibilidade de trabalhar na cidade para juntar dinheiro e adquirir uma propriedade rural e morar nela depois de aposentado recebeu baixa intenção com média 2,18, o que demonstra novamente o baixo interesse deste *cluster* com o modo de vida rural. O apêndice 1 mostra as médias e o desvio padrão de cada variável que compõem a dimensão “modo de vida”.

Com relação aos conhecimentos, os não agroempreendedores revelaram em baixo grau que a faculdade lhes mostrou novos caminhos e possibilidades de ganhar dinheiro no meio rural (média 6,71), que pouco pretendem juntar a experiência acadêmica e profissional para abrir um negócio no meio rural (média 3,84) e baixa propensão a implementar várias atividades diferentes para ganhar dinheiro e viver bem (média 4,67). Consideram que leem e de informam pouco sobre as novidades e possibilidades de ganhar dinheiro no agronegócio (média 3,57). Revelaram saber o que é empreendedorismo rural, porém a disciplina de empreendedorismo que tem no curso que frequentam, pouco desperta a vontade e a iniciativa de empreender no rural (média 3,37) e fazem poucos cursos extra classe de empreendedorismo rural. O apêndice 2 mostra as médias e o desvio padrão de cada variável que compõem a dimensão “conhecimento”.

Quanto a dimensão empreendedorismo rural, os jovens não agroempreendedores revelaram baixo grau de ideias de atividades de prestação de serviços para ganhar dinheiro no meio rural (média 4,57) e menor ainda com ideias inovadoras de como ganhar dinheiro com uma propriedade rural (média 3,94). É baixa a intenção dos jovens deste *cluster* de estudar para voltar a propriedade rural e melhorar a realidade de todos por lá (média 3,80). Os respondentes revelaram quase nula a concordância com relação a possibilidade de ganhar mais dinheiro em uma propriedade com atividades não agrícolas do que com as agrícolas (média 2,00), baixa intenção quanto a pluriatividade e ao empreendedorismo de carteira. O apêndice 3 mostra as médias e o desvio padrão de cada variável que compõem a dimensão “empreendedorismo rural”.

No que tange as motivações para empreender no meio rural todas as variáveis apresentaram média abaixo de 7,92. Os não agroempreendedores consideram que tendo capital financeiro disponível, tem propensão a empreender no meio rural (7,92), porém o consideram efetivamente pouco promissor e que há falta de conhecimentos em gestão (6,55). Declararam que mesmo se tiverem incentivos como empréstimos, financiamentos e políticas governamentais, estão pouco propensos a tirar seus projetos do papel (5,80), e pouco consideram empreender e gerar emprego e renda para muita gente (4,14).

Por fim revelam que a falta de infraestrutura do rural não é impedimento para o empreendedorismo rural (1,45). Aqui, percebe-se que a presença ou não das políticas públicas e dos programas de apoio, desenvolvimento e incentivo aos jovens do agronegócio, não terão impacto sobre as intenções de empreender. O apêndice 4 mostra as médias e o desvio padrão de cada variável que compõem a dimensão “motivações para empreender”.

Quanto ao comportamento empreendedor, os jovens pertencentes a este *cluster* demonstraram baixo grau em relação ao perfil e aos comportamentos característicos de um empreendedor, pois a maioria das medias ficaram abaixo de 6,94.

Consideram-se menos focados em seus objetivos e metas (6,94), e também curiosos e estudiosos com relação a tudo (6,43). Em menor grau, são interessados em realizar feitos que mudem pra melhor a sua realidade de vida e a dos outros (5,73). São menos planejadores que os indivíduos de outros *clusters* pois consideram que nem sempre planejam bem suas atividades pessoais e profissionais (4,04), são em menor

grau criativos e inovadores (3,65) e tem menos facilidade de comunicação (3,47). Disseram gostar e participar pouco de iniciativas empreendedoras (3,45) e tem pouca facilidade em enxergar oportunidades de negócio onde ninguém vê (3,33). Tem menos experiência de mercado em suas áreas de formação (3,04) e são cautelosos com relação a assumir riscos com dinheiro e negócios (3,24). O apêndice 5 mostra as médias e o desvio padrão de cada variável que compõem a dimensão “comportamento empreendedor”.

Assim os jovens estudantes pertencentes a este agrupamento não podem ser considerados agroempreendedores, pois, apesar de simpatizarem com o modo de vida rural, se declararam menos motivados, desenvolvidos, e preparados para empreender no agronegócio. Tem pouca disciplina em buscar conhecimentos sobre o agronegócio e a área que estão cursando, e são menos intensos com relação as boas e inovadoras ideias de negócios. Mesmo tendo apoio e incentivos financeiros expressaram não pretender tirar seus projetos do papel e empreender no rural, além de terem baixo perfil comportamental empreendedor.

O quadro 12 sintetiza de forma geral as perspectivas de cada agrupamento de acordo com os resultados gerais inferidos pelas médias de respostas às variáveis investigadas.

Quadro 10 - Síntese dos resultados por *cluster*

	Os agroempreendedores	Os Potenciais agroempreendedores	Os Possíveis agroempreendedores	Os não agroempreendedores
% sobre o total da amostra	57%	16%	19,6%	7,4%
São agroempreendedores em que prazo?	Imediatos	de curto a médio prazo	no longo prazo	sem expectativa de prazo
Preferencia pelo modo de vida urbano	baixa	baixa	média	alta
Quanto ao modo de vida rural	São encantados e sonham viver no campo	São encantados e desejam viver no campo	Gostam e consideram viver no campo	Gostam mas não querem viver no campo
Quanto aos conhecimentos	A faculdade mostrou novos caminhos e eles buscam conhecimento além.	A faculdade mostrou novos caminhos e eles buscam conhecimento além	A faculdade não mostra muitos caminhos e eles pouco buscam conhecimento além.	A faculdade não mostra novos caminhos e eles não buscam conhecimento além
Quanto ao empreendedorismo rural	Alto potencial de idéias diferentes e inovadoras de como empreender no rural	médio potencial de idéias diferentes e inovadoras de como empreender no rural	baixo potencial de idéias diferentes e inovadoras de como empreender no rural	sem potencial de idéias diferentes e inovadoras de como empreender no rural
Quanto as motivações para empreender	Alta probabilidade de empreender caso tenham acesso a políticas, capital e incentivos	Alta probabilidade de empreender caso tenham acesso a políticas, capital e incentivos	média probabilidade de empreender caso tenham acesso a políticas, capital e incentivos	baixa probabilidade de empreender caso tenham acesso a políticas, capital e incentivos
Quanto aos comportamentos empreendedores	Alto padrão de perfil e comportamento empreendedor	médio padrão de perfil e comportamento empreendedor	baixo padrão de perfil e comportamento empreendedor	baixíssimo padrão de perfil e comportamento empreendedor

Fonte: o autor

Após a explanação dos resultados da pesquisa a sessão a seguir trata de elaborar algumas possíveis conclusões sobre o trabalho elaborado.

5. CONCLUSÃO

O rural e seu desenvolvimento tem experimentado muitas transformações nas últimas décadas. O futuro do meio rural tem sido enfoque da literatura contemporânea da área, mostrando cada vez mais a importância de incentivar os jovens a permanecerem ou estabelecerem-se no meio. O agroempreendedorismo passa a ser visto e estudado como parte estratégica do desenvolvimento rural por trazer expectativas de concretização de objetivos pessoais e profissionais especialmente à juventude do agronegócio.

Assim, a juventude do agronegócio é vista como protagonista dessa nova realidade que emerge cheia de transformações e exigências plurais e múltiplas. A educação e as políticas públicas assumem papel importante na tarefa de oferecer suporte aos sonhos e objetivos deste público que tem em suas mãos a responsabilidade de manter o rural ativo e promissor. A opinião dos próprios jovens é primordial para entender suas necessidades e expectativas. Neste sentido, a presente pesquisa buscou investigar as intenções desses jovens estudantes dos agronegócios quanto a estabelecerem-se e empreender no meio rural, como forma de aproveitar as oportunidades que se apresentam.

Analisando os resultados, podemos inferir que a idade média geral dos 659 pesquisados está em 22 anos, sendo 61% de homens e 39% mulheres. Estes dados apesar de confirmarem um grau elevado da chamada masculinização do campo, apontada por alguns autores, mostram uma boa participação das mulheres, interessadas no agronegócio e que vislumbram o rural como lugar de oportunidade de vida e negócios. Há um certo equilíbrio, entre as famílias dos pesquisados que moram no urbano(47%) e no rural(51%), o que indica também um alto grau de interesse dos jovens urbanos pelo agronegócio e pelo rural.

O grau de encantamento com o modo de vida rural pode ser considerado alto por todos os respondentes pois as médias para essa variável ficaram acima de 8,20 em todos os grupos. Este dado nos permite concluir que é mais fácil alguém escolher empreender em algo do qual goste e se encante e certamente mais promissor o

resultado do empreendimento. Uma grande parcela dos jovens também responderam que viver no campo é tudo o que desejam e nesse caso consideradas as médias acima de 7,00 somam 73% da amostra pesquisada. A preferência pelo modo de vida urbano recebeu média inferior a 5,04 e morar na cidade e empreender por lá mesmo (média inferior a 3,9) em todos os *clusters*, o que confirma a opção pelo rural.

Grande parte dos respondentes expressou que logo após formado pretende morar no meio rural, porém a maioria expressou o interesse em, nos primeiros anos após formado, trabalhar em uma empresa no meio urbano para adquirir experiência e depois voltar para empreender no rural. A juventude do agronegócio também sonha em ter seu próprio negócio no rural para administrar tudo ao seu jeito. Estas informações nos fazem refletir sobre a importância do ensino da gestão rural e do empreendedorismo rural nos cursos de graduação além do contato prático dessa realidade durante a graduação. Isso proporcionaria aos estudantes, quem sabe, encurtar caminhos ao agroempreendedorismo.

Com relação aos conhecimentos, a juventude do agronegócio considera que os cursos de graduação mostram novos caminhos e possibilidades, porém as disciplinas de empreendedorismo pouco os despertam e incentivam para o empreendedorismo rural. Apesar disso a maioria ainda pretende juntar a experiência acadêmica e de negócios para voltar ao rural e implementar várias atividades diferentes, ganhar dinheiro e viver bem. Este resultado aponta para a necessidade de um olhar mais aprofundado por parte das instituições de ensino e coordenadores de curso, quanto aos currículos escolares que deveriam contemplar e alinhar os objetivos dos estudantes com os objetivos dos cursos. Talvez essa seja também uma questão a ser analisada do ponto de vista da permanência e êxito dos estudantes, pois se os objetivos pessoais não são atendidos pelos objetivos do curso ocorre a frustração de expectativas e por consequência, em muitos casos a desistência ou a troca de curso.

No que tange as questões do empreendedorismo rural propriamente dito, a maioria dos jovens pensa em estudar para voltar a propriedade rural e modificar a realidade de todos por lá. Tem muitas e boas ideias de como ganhar dinheiro com uma propriedade rural. Isto mostra características importantes inerentes aos empreendedores que precisam ter conhecimento, boas ideias e iniciativa para mudar além da sua realidade, a da família e da comunidade onde vivem. Este é também um fator importante para o desenvolvimento rural. Esta dimensão revelou ainda a baixa

intenção dos jovens com relação a pluriatividade (ter uma propriedade rural e trabalhar no urbano ao mesmo tempo) e ao empreendedorismo em série ou de carteira (desenvolver variadas atividades ou negócios ao mesmo tempo), confirmando novamente o gosto pelo rural e a intenção de permanecer ou se estabelecer nele.

O que apareceu com maior destaque na dimensão empreendedorismo rural, foi o fato de que em todos os *clusters* os jovens não consideram que se possa ganhar mais dinheiro em uma propriedade rural com atividades não agrícolas do que com as agrícolas. Isto talvez se deva ao fato de que estas possibilidades não estejam sendo vistas como oportunidades ou estudadas na universidade, pouco fomentadas pelos organismos apoiadores do agronegócio ou ainda pouco divulgadas e conhecidas de um modo geral.

Quanto as motivações para empreender mais de 90% dos estudantes declararam que se tiverem incentivos como políticas públicas, programas, acesso a empréstimos e capital tiram seus projetos do papel e empreendem no rural para gerar empregos e renda a muita gente. Consideram ainda que o rural é muito mais promissor que o urbano e que se tiverem acesso a esses incentivos preferem empreender nele. Admitem ainda a falta de conhecimentos em gestão e que a falta de infraestrutura no rural não é impedimento para o agroempreendedorismo. Os resultados desta dimensão apresentam uma visão clara aos formuladores de políticas públicas, aos provedores de capital financeiro, investidores e demais organismos de fomento ao agronegócio, quanto as estratégias que devem formular para aproveitar o potencial da juventude do agronegócio. Políticas específicas para este público significam evitar a fuga de cérebros, aproveitar todo o potencial intelectual disponível e garantir em certa medida a sustentabilidade do desenvolvimento rural.

Com relação aos comportamentos empreendedores, há também entre mais da metade da juventude do agronegócio, um perfil alto de atitudes e comportamentos favoráveis ao agroempreendedorismo. Eles gostam de iniciativas empreendedoras, se consideram criativos e inovadores, e assumem riscos calculados. Se consideram focados em seus objetivos, com boa comunicação e planejamento e capazes de identificar oportunidades de negócio onde ninguém vê. Consideram ainda que falta-lhes experiência profissional e de mercado. Esta dimensão demonstra o grande potencial que pode ser desviado do rural para o urbano, caso não sejam oferecidas e estes jovens as condições necessárias para concretizar seus objetivos pessoais e profissionais. Mostra

com certa clareza o potencial da juventude do agronegócio e passa uma visão atualizada aos gestores rurais, aos pais, as instituições de ensino, aos organismos de fomento e desenvolvimento do agronegócio e aos formuladores de políticas públicas, quanto as estratégias que devem estruturar para não reprimir ou mesmo perder este capital intelectual.

Por fim, esta pesquisa lança luz apenas a uma pequena parte desta temática, tendo a consciência que restam ainda inúmeras possibilidades de pesquisar este manancial inesgotável que é o empreendedorismo rural, a juventude do agronegócio e o desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. Juventude Rural: Ampliando as Oportunidades. **Overmundo**, 25 Maio 2009. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/banco/juventude-rural-ampliando-as-oportunidades#-banco-33193>>. Acesso em: 10 Outubro 2018.

ABRAMOVAY, R. et al. **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Unesco, 1998. 104 p. ISBN 8585014377.

AHMAD, S. Z.; BAKARB, A. R. B.; AHMADC, N. An evaluation of teaching methods of entrepreneurship in hospitality and tourism programs. **The International Journal of Management Education**, v. I, n. 16, p. 14-25, March 2018. ISSN <https://doi.org/10.1016/j.ijme.2017.11.002>.

ALMEIDA, J. Ensino e pesquisa em desenvolvimento rural no Brasil. In: ALMEIDA, J.; MACHADO, J. A. D.; (ORGS) **Desenvolvimento Rural no Cone Sul - Desarrollo Rural en el Cono Sur**. Porto Alegre: Associação Holos, v. I, 2009. Cap. 6, p. 147-169. ISBN 9788563304001. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/publicacoes>>. Acesso em: 03 Out 2018.

ALSOS, G. A. et al. **THE HANDBOOK OF RESEARCH ON ENTREPRENEURSHIP IN AGRICULTURE AND RURAL DEVELOPMENT**. Cheltenham: Edward Elgar Publishing Limited, 2011. ISBN 978 1 84844 625 0.

ANDREATTA, T. **Bovinocultura de corte no Rio Grande do Sul: um estudo a partir do perfil dos pecuaristas e organização dos estabelecimentos agrícolas**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) UFRGS. Porto Alegre, p. 241. 2009.

ANJOS, F. S. D.; CALDAS, N. V.; COSTA, M. R. C. **Pluriatividade e sucessão hereditária na agricultura familiar**. CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 44., 2006. Fortaleza: Anais. SOBER, 2006. CD ROM. 2006.

BOSCARDIN, M. **Reprodução Social da Agricultura Familiar: uma análise demográfica em estabelecimentos familiares sem sucessores no município de Frederico Westphalen, RS (Dissertação)**. Porto Alegre: Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós

Graduação em desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, 2017. 165 p.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. **ÊXODO RURAL, ENVELHECIMENTO E MASCULINIZAÇÃO NO BRASIL: PANORAMA DOS ÚLTIMOS 50 ANOS**. IPEA. Rio de Janeiro. 1999. (TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 621. ISSN 1415-4765).

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Fundação Capes Ministério da Educação**, 2017. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>>. Acesso em: 21 Outubro 2018.

DA CUNHA, L. M. A. (Dissertação) **Modelos Rasch e Escalas de Likert e Thurstone na medição de atitudes**. UNIVERSIDADE DE LISBOA. FACULDADE DE CIÊNCIAS. Departamento de Estatística e Investigação Operacional (Dissertação de Mestrado). Lisboa, p. 78. 2007.

DOLABELA, F. **O Segredo de Luisa**. 30ª. ed. São Paulo: Editora de Cultura, v. I, 2006.

DUFUMIER, M. **Les projets de développement agricole – Manuel d'expertise**. Paris: CTA-Karthala, 1996.

EBC. Agencia Brasil. **http://agenciabrasil.ebc.com.br**, 31 Julho 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-07/nova-proposta-de-classificacao-territorial-do-ibge-ve-o-brasil-menos-urbano>>. Acesso em: 12 Outubro 2018.

ESCHER, F. et al. Caracterização da pluriatividade e dos plurirrendimentos da agricultura brasileira a partir do censo agropecuário 2006. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 52, n. 4, p. 643-668, Dezembro 2014. ISSN 0103-2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 17 Outubro 2017.

EXTERCKOTER, R. K.; SILVA, C. A.; PUJOL, A. F. T. Family farmers as agents of resilience in the western region of Santa Catarina (Brazil). **Revista de Estudios sobre Despoblación y Desarrollo Rural**, Zaragoza, v. I, n. 18, p. 115-138, Dezembro 2015. ISSN DOI 10.4422/ager.2015.04.

FAO. **2017 The State Of Food And Agriculture**. Food And Agriculture Organization of the United Nations. Rome. 2017. (978-92-5-109873-8).

FAVARETO, A. D. S. **Paradigmas do desenvolvimento rural em questão - do agrário ao territorial**. Tese (Doutorado em Ciência Ambiental) - Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 220. 2006. (Doi 10.11606/T.90.2006.tde-24042008-113514.).

FEE-RS. Fundação de Economia e Estatística. **Site da FEE**, 2018. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/estado/divisao-geopolitica-do-rs/>>. Acesso em: 21 Outubro 2018.

FILION, L. J. **From Entrepreneurship to Entreprenology**. [S.l.]: The University of Montreal Business School, 1997.

GASSON, R. G. et al. the farm as a family business: a review. **Journal of Agricultural Economics**, v. 39, n. 1, p. 1-41, 1988.

GASSON, R.; ERRINGTON, A. **The farm family business**. Wallingford: Cab International, 1993.

- GEM. **Empreendedorismo no Brasil : 2016 \ Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Greco**. Global Entrepreneurship Monitor. Curitiba, p. 208. 2017. (978-85-87446-22-0).
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. 1ª. ed. Porto Alegre: UFRGS, v. I, 2009. 120 p.
- GIARRACA, N. **Una nueva ruralidad en América Latina?** 1ª. ed. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2001. ISBN 950-9231-58-4. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/gt/20100929125458/giarraca.pdf>>.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GOMES, N. F. M. et al. Estudo descritivo do perfil sociodemográfico da população urbana e rural no estado de Minas Gerais. **Mundo Agrário**, v. XVIII, n. 38, Agosto 2017. ISSN 1515-5994. DOI 10.24215/15155994e061.
- GRAZIANO DA SILVA, J.; DEL GROSSI, M. E. **O NOVO RURAL BRASILEIRO**. Oficina de Atualização Temática. OCUPAÇÕES RURAIS NÃO-AGRÍCOLAS. [S.l.]. 2002.
- HAIR, J. J. F. et al. **Análise Multivariada de Dados**. Tradução de Adonai Schlup Sant'Anna. 6ª. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009. ISBN 978-85-7780-534-1.
- JONES, C.; ENGLISH, J. A contemporary approach to entrepreneurship education. **Education + Training**, v. I, n. 48, p. 416-423, 2004. ISSN 0040-0912.
- KAGEYAMA, A. Desenvolvimento Rural: conceito e medida. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 379-408, Set/Dez 2004.
- KAGEYAMA, A. A. **Desenvolvimento Rural. Conceitos e aplicação ao caso brasileiro**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- KIM, S.; TAYLOR, S.; GUZMAN, M. R. T. D. Addressing Declining Rural Communities Through Youth Entrepreneurship Education. **Journal of Extension**, Nebraska, v. 56, n. 6, October 2018. ISSN 1077-5315. Disponível em: <<https://www.joe.org/joe/2018october/comm1.php>>. Acesso em: 09 AGO 2019.
- KISCHENER, M. A. **A sucessão geracional na agricultura familiar num contexto de mercantilização e modernização: um estudo em duas comunidades do Sudoeste do Paraná**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Pato Branco, p. 175. 2015.
- KUHMENEN, T.; KUHMENEN, I.; LUOTO, L. How do rural areas profile in the futures dreams by the Finnish youth? **Journal of Rural Studies**, 2016. 89-100.
- MAIA, A. G. O esvaziamento demográfico rural. In: BUAINAIN, M. A., et al. **O mundo rural no Brasil do século 21: A formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília: Embrapa, 2014. Cap. 2.
- MARIN, M. Z. **JUVENTUDE RURAL E PLURIATIVIDADE NA AGRICULTURA FAMILIAR DO MUNICÍPIO DE GUARAPUAVA-PR**. VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária e IX Simpósio Nacional de Geografia Agrária GT V – Políticas públicas e perspectiva de desenvolvimento para o campo. Curitiba. 2017. (ISSN: 1980-4555).

MATTE, A.; MACHADO, J. A. D. Tomada de decisão e a sucessão na agricultura familiar no sul do Brasil. **Revista de Estudos Sociais**, Cuiabá, v. 18, n. 37, p. 130-151, 2016. ISSN 2358-7024.

MATTE, A.; SPANEVELLO, R. M.; ANDREATTA, T. PERSPECTIVAS DE SUCESSÃO EM PROPRIEDADES DE PECUÁRIA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE DOM PEDRITO - RS. **HOLOS**, v. I, n. 31, p. 144-159, 2015. ISSN 1807-1600 DOI: 10.15628/holos.2015.1964.

MCCLELLAND, D. C. **The achieving society**. New York: Simon e Schuster, 1967. 512 p. ISBN 0029205107, 9780029205105.

MDA. Plano Safra da Agricultura Familiar - 2017/2020. **Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário**, 2017. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br>>. Acesso em: 12 Dezembro 2017.

MEC. e-MEC. Instituições de ensino superior e cursos cadastrados. **e-MEC**, 2018. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 21 Outubro 2018.

MIRANDA, M. D. et al. Construção de uma Escala para Avaliar Atitudes de Estudantes de Medicina. **REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MÉDICA**, v. 1, n. 33, p. 104-110, 2009.

MOREIRA, A. C.; MARTINS, S. P. L. "CRER: An integrated methodology for the incubation of business ideas in rural communities in Portugal". **Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy**, III, n. 2, 2009. 176-192.

MORRIS, W.; HENLEY, A.; DOWELL, D. Farm diversification, entrepreneurship and technology adoption: Analysis of upland farmers in Wales. **Journal of Rural Studies**, 2017. 132-143.

MORSELLI, D. How do Italian vocational teachers educate for a sense of initiative and entrepreneurship? Development and initial application of the SIE questionnaire. **Education + training**, 2017. ISSN 0040-0912. <https://doi-org.ez47.periodicos.capes.gov.br/10.1108/ET-03-2017-0046>.

MWAURA, G. M. Just Farming? Neoliberal Subjectivities and Agricultural Livelihoods among Educated Youth in Kenya. **Development and Change**, v. VI, n. 48, 2017. ISSN 1310-1335 DOI: 10.1111/dech.12342.

NAAFS, S.; SKELTON, T. Youthful futures? Aspirations, education and employment in Asia. **Children's Geographies**, v. I, n. 16, p. 1-14, 29 November 2018. ISSN 1473-3285. DOI 10.1080/14733285.2018.1402164.

NALDI, L. et al. What is smart rural development? **Journal of Rural Studies**, July 2015. ISSN <http://dx.doi.org/10.1016/j.jrurstud.2015.06.006>.

NAVARRO, Z. Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. **Estudos Avançados 15 (43)**, 2001.

NEWBERY, R.; SIWALE, J.; HENLEY, A. Rural entrepreneurship theory in the developing and developed world. **The International Journal of Entrepreneurship and Innovation**, 2017. 3-4.

OECD/EU. "Youth self-employment and entrepreneurship activities", in **The Missing Entrepreneurs 2017: Policies for Inclusive Entrepreneurship**. OECD. Paris. 2017.

PARQUET, M.; LE COQ, J.-F. Installation des jeunes agriculteurs et pluriactivité au Costa Rica. **EDP Sciences**, v. I, n. 26, p. 11, Jan/Fev 2017. ISSN 15004. DOI 10.1051/cagri/2017003.

PEDERSEN, H. D. Is Out of Sight out of Mind? Place Attachment among Rural Youth Out-Migrants. **Sociologia Ruralis**, v. 58, n. III, July 2018. ISSN DOI 10.1111.

PÉREZ,. Hacia una nueva visión de lo rural. In: GIARRACA, N. **Una nueva ruralidad en América Latina?** 1ª. ed. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, v. I, 2001. Cap. 1, p. 368. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/gt/20100929125458/giarraca.pdf>>. Acesso em: 27 Setembro 2018.

PINDADO, E.; SÁNCHEZ, M. Researching the entrepreneurial behaviour of new and existing ventures in European agriculture. **Small Business Economics**, v. II, n. 49, p. 421-444, August 2017. ISSN 1573-0913. doi-org.ez47.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s11187-017-9837-y.

PUNTEL, A. **Situação e Perspectivas para o Desenvolvimento dos Jovens Rurais Um estudo a partir dos jovens formados no Programa de Empreendedorismo do Jovem Rural no Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural no Vale do Rio Pardo – RS.** Dissertação (Dissertação em Desenvolvimento Regional) UNISC universidade de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul, p. 175. 2011.

SANTOS, E. O. Calculo Amostral: calculadora on line. **http://www.calculoamostral.vai.la**, 2015. Disponível em: <<http://www.publicacoesdeturismo.com.br/calculoamostral/>>. Acesso em: 22 Outubro 2018.

SCHNEIDER, S. **A diversidade da agricultura familiar.** Porto Alegre: UFRGS, 2006.

SCHNEIDER, S. Reflexões Sobre Diversidade e Diversificação: agricultura, formas familiares e desenvolvimento rural. **Ruris**, Campinas, v. IV, n. 1, Março 2010. ISSN 2317-1480.

SCHNEIDER, S. Situando o desenvolvimento rural no Brasil: o contexto e as questões em debate. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 511-531, Jul/Set 2010. ISSN 1809-4538.

SILVESTRO, M. et al. **Os Impasses Sociais da Sucessão Hereditária na Agricultura Familiar.** Brasília: EPAGRI, v. I, 2001.

SPANEVELLO, R. M. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar.** Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto alegre, p. 236. 2008.

SPANEVELLO, R. M. et al. As estratégias para manter a sucessão em estabelecimentos familiares. In: RENK, A.; DORIGON, C.; (ORGS.) **Juventude rural, cultura e mudança social.** Chapecó: Argos, v. I, 2014. Cap. 7, p. 223. ISBN 9788578971236.

SPANEVELLO, R. M. et al. A Problemática do Envelhecimento no Meio Rural Sob a Ótica dos Agricultores Familiares Sem Sucessores. **DESENVOLVIMENTO EM QUESTÃO**, Ijuí, n. 40, p. 348-372, Jul/Set 2017. ISSN <http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2017.40.348-372>.

TERLUIN, I. J. Differences in economic development in rural regions of advanced countries: an overview and critical analysis of theories. **Journal of Rural Studies**, Oxford, v. 19, p. 327-344, 2003.

- TOMEI, P. A.; LIMA, D. A. O Empreendedor Rural e a Inovação no Contexto Brasileiro. **XI Congresso Nacional de Excelência em Gestão**, Agosto 2015. ISSN 1984-9354.
- VAN DER PLOEG,. Trajetórias do desenvolvimento rural: pesquisa comparativa internacional. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 13, n. 27, p. 114-140, Mai/Ago 2011.
- VAN DER PLOEG, J. D. et al. Rural Development: From Practices and Policies towards Theory. **Sociologia Ruralis**, Oxford, v. 40, n. 4, p. 391-408, October 2000. ISSN 0038-0199.
- VEIGA, J. E. D. Mudanças nas relações entre espaços rurais e urbanos. **Gestão & Desenvolvimento Regional**, v. III, n. 01, p. 123-149, Jan/Abr 2007. ISSN 1809-239X.
- WANDERLEY, M. D. N. B. A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACA, N. **Una nueva ruralidad en América Latina?** Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, v. I, 2001. Cap. II, p. 368. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/gt/20100929125458/giarraca.pdf>>. Acesso em: 27 Setembro 2018.
- WANDERLEY, M. N. B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 15, p. 87-145, Outubro 2000. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/quinze/nazare15>>. Acesso em: 04 Outubro 2018.
- WANDERLEY, M. N. B. A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. II, n. 1, p. 29-37, Jul/Dez 2000. ISSN 2176-9109. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/made/article/view/22105/14471>>. Acesso em: 04 Outubro 2018.
- WAQUIL, P. D.; CONCHA-AMIM, M. A construção de tipologias: uma aplicação das análises fatorial e de agrupamentos. In: RADOMSKY, F. W.; CONTERATO, M. A.; SCHNAIDER, S. **(orgs). Pesquisa em Desenvolvimento Rural. Técnicas, Bases de Dados e Estatística Aplicadas aos Estudos Rurais**. 2ª. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. p. 344. ISBN 978-85 386-0266-8.
- ZANOL, S. V. **Juventude rural: projetos juvenis no contexto das novas ruralidades** (Dissertação). Florianópolis: UFSC, Centro de Ciências Agrárias. Programa de pós graduação em agroecossistemas, 2013. 164 p.

APÊNDICES

Apêndice 1 - Resultados das variáveis que compõem a dimensão modo de vida

Dimensão Modo de Vida	Cluster 1 375 estudantes		Cluster 2 105 estudantes		Cluster 3 129 estudantes		Cluster 4 49 estudantes	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
O Modo de vida rural me encanta!	9,72	1,54	9,70	1,64	8,29	2,06	8,20	2,36
Viver no campo é tudo o que eu desejo!	8,29	2,25	7,29	2,02	6,15	2,50	4,94	3,22
Gosto de trabalhar no meio rural, mas prefiro o modo de vida urbano.	5,04	3,26	4,51	3,15	4,26	2,10	2,22	1,99
Depois de formado, com certeza vou morar no meio rural.	6,98	2,77	6,29	2,93	5,44	2,40	3,42	2,92
Com certeza, depois de formado vou trabalhar em uma empresa como empregado.	5,23	2,86	4,76	3,29	4,40	2,33	2,24	2,08
Sonho em ter meu próprio negócio(empresa) no meio rural para inovar e fazer coisas diferentes.	8,83	2,33	8,00	2,74	6,80	2,87	6,37	2,93
Nos primeiros anos depois de formado vou trabalhar em uma empresa para adquirir experiência e depois vou montar meu próprio negócio no meio rural.	7,63	2,80	6,47	3,12	5,53	2,14	3,57	2,97
Meu sonho é ter uma propriedade rural para administrar do jeito que eu quiser.	9,22	2,19	9,10	1,74	7,19	2,90	7,06	2,88

Depois de formado eu vou morar na cidade e trabalhar no campo.	5,91	3,24	4,94	2,89	5,00	2,55	3,18	2,97
Vou herdar as terras de minha família e administrar tudo a minha maneira.	6,84	3,38	6,25	3,17	5,38	2,75	3,39	2,78
O Agronegócio é muito promissor e vou ganhar muito dinheiro nesta área.	8,42	2,25	7,43	2,92	6,58	3,11	5,22	3,24
Prefiro morar na cidade e ter meu próprio negócio por lá mesmo.	3,97	2,88	3,27	2,89	3,53	2,35	1,73	1,11
Vou me formar, trabalhar na cidade em grandes empresas para juntar dinheiro e comprar um sítio pra quando me aposentar morar lá.	4,98	3,40	3,68	2,62	4,07	3,11	2,18	1,79

Fonte: o autor

Apêndice 2 - Resultados das variáveis que compõem a dimensão conhecimento

Dimensão conhecimento	Cluster 1		Cluster 2		Cluster 3		Cluster 4	
	375 estudantes		105 estudantes		129 estudantes		49 estudantes	
Variáveis	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
Não faço a mínima ideia do que seja "Empreendedorismo Rural"	2,78	2,67	2,81	2,94	3,40	2,76	1,71	1,72
A disciplina de empreendedorismo que tem no meu curso de graduação, me despertou a vontade de ter meu próprio negócio voltado para o rural.	6,73	2,87	6,19	2,91	5,12	3,05	3,37	3,01
Vou juntar a experiência profissional e acadêmica	8,09	2,19	6,56	2,94	5,80	2,45	3,84	3,58

que tenho e abrir meu próprio negócio no meio rural.								
A faculdade me mostrou novos caminhos e possibilidades de empreender e ganhar dinheiro no meio rural.	8,99	2,14	8,50	1,72	7,02	2,78	6,71	3,56
Eu leio muito e me informo sobre as novidades e possibilidades de ganhar dinheiro com o Agronegócio.	7,64	2,53	6,52	3,23	5,62	2,21	3,57	3,08
Já fiz cursos de empreendedorismo em instituições de apoio ao rural, pois pretendo ganhar muito dinheiro na área	4,54	3,26	3,33	2,91	3,74	2,40	2,04	2,21
Com o conhecimento acadêmico que eu adquirir na faculdade, vou voltar ao meio rural e implementar várias atividades diferentes para ganhar dinheiro e viver bem.	8,21	2,17	7,16	2,80	6,13	2,72	4,67	3,37

Fonte: o autor

Apêndice 3 - Resultados das variáveis que compõem a dimensão empreendedorismo rural

Dimensão	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3	Cluster 4
empreendedorismo rural	375 estudantes	105 estudantes	129 estudantes	49 estudantes

Variáveis	Cluster 1		Cluster 2		Cluster 3		Cluster 4	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
Estou estudando, para voltar a propriedade da minha família e mudar para melhor a realidade de todos.	7,82	3,10	6,53	3,25	5,74	2,07	3,80	2,92

Tenho muitas ideias diferentes e inovadoras de como ganhar dinheiro em uma propriedade rural.	8,10	2,22	6,71	2,96	5,90	2,62	3,94	2,97
Tenho muitas ideias de atividades e serviços que posso prestar para ganhar dinheiro no rural.	8,15	2,18	7,12	2,83	6,05	3,27	4,57	3,12
Quero ter minha propriedade rural, produzir muitas coisas, mas ao mesmo tempo vou trabalhar na cidade.	5,65	3,33	4,89	2,61	4,76	2,29	2,67	2,62
Eu acho que uma propriedade rural pode ganhar mais dinheiro com atividades “não agrícolas” do que com atividades agrícolas.	3,99	2,93	3,28	2,52	3,61	2,26	2,00	1,41
Eu quero ser dono de várias coisas ao mesmo tempo: uma área rural com diversas plantações, explorar o turismo rural em minha propriedade; ter uma agroindústria para processar minha produção; ter açudes de peixes; estufas de morangos, oferecer serviços veterinários	5,64	3,47	4,86	2,42	4,73	2,96	2,45	2,70

Fonte: o autor

Apêndice 4 - Resultados das variáveis que compõem a dimensão motivações para empreender

Dimensão motivações para empreender	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3	Cluster 4
	375 estudantes	105 estudantes	129 estudantes	49 estudantes

Variáveis	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
	Se eu tiver incentivos como empréstimos,	8,52	2,36	7,71	2,88	6,76	2,67	5,80

financiamentos e políticas governamentais, vou aproveitar e tirar meus projetos do papel.								
Se eu tiver incentivos públicos, com certeza eu empreendo no meio rural para gerar empregos e renda para muita gente.	8,12	2,53	6,88	3,56	6,04	2,55	4,14	3,04
O meio rural é muito mais promissor que o meio urbano, porém faltam conhecimentos na área de gestão.	8,98	2,04	8,27	2,19	6,91	2,48	6,55	3,02
Se eu tiver acesso a capital financeiro, prefiro empreender no meio rural do que no meio urbano.	9,71	1,58	9,33	1,47	7,29	2,69	7,92	2,20
Nunca empreenderei no rural porque não tem infraestrutura necessária.	2,66	2,42	2,38	2,00	2,80	2,21	1,45	1,14

Fonte: o autor

Apêndice 5 - Resultados das variáveis que compõem a dimensão comportamento empreendedor

Dimensão comportamento empreendedor	Cluster 1 375 estudantes	Cluster 2 105 estudantes	Cluster 3 129 estudantes	Cluster 4 49 estudantes
-------------------------------------	-----------------------------	-----------------------------	-----------------------------	----------------------------

Variáveis	Cluster 1		Cluster 2		Cluster 3		Cluster 4	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
Eu gosto e participo de iniciativas empreendedoras.	7,07	2,69	6,30	3,23	5,44	2,59	3,45	2,13
Com relação a dinheiro e negócios, eu gosto de me arriscar ou assumir riscos calculados.	6,56	2,95	5,80	2,96	5,09	3,27	3,24	3,09
Eu sou um (a) profissional criativo (a) e inovador (a).	7,77	2,13	6,52	2,64	5,63	2,07	3,65	3,17

Tenho muita facilidade em me comunicar e espalhar minhas ideias.	7,59	2,48	6,42	3,12	5,44	2,65	3,47	3,28
Eu sempre vejo oportunidades de negócios onde ninguém vê.	6,71	2,40	5,91	2,97	5,10	2,77	3,33	2,90
Eu tenho bastante experiência de mercado (trabalho e negócios) na minha área de formação.	5,83	4,28	4,94	2,85	4,99	2,65	3,04	3,06
Sempre planejo muito bem minhas atividades pessoais e profissionais.	8,11	2,15	6,74	3,18	6,04	2,89	4,04	3,01
Gosto de desafios e de realizar coisas que mudem a minha realidade de vida e dos outros também.	8,47	1,97	7,55	2,90	6,65	2,90	5,73	3,33
Quando eu coloco algum objetivo na minha vida, não descanso enquanto não realizar.	9,01	1,68	8,52	2,42	7,11	3,22	6,94	2,98
Sou sempre muito curioso e estudioso com relação a tudo.	8,86	1,75	8,23	2,44	6,82	2,92	6,43	2,85

Fonte: o autor

Apêndice 6 - Resultados da caracterização da amostra

Instituição

Ward Method			Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1	Valid	IFFAR	23	6,13	6,13	6,13
		IFRS	131	34,93	34,93	41,07
		UFFS	97	25,87	25,87	66,93
		UFMS	19	5,07	5,07	72,00
		UPF	29	7,73	7,73	79,73

		URI	76	20,27	20,27	100,00
		Total	375	100,00	100,00	
2	Valid	IFFAR	8	7,62	7,62	7,62
		IFRS	30	28,57	28,57	36,19
		UFFS	30	28,57	28,57	64,76
		UFSM	14	13,33	13,33	78,10
		UPF	13	12,38	12,38	90,48
		URI	10	9,52	9,52	100,00
		Total	105	100,00	100,00	
3	Valid	IFFAR	5	3,88	3,88	3,88
		IFRS	40	31,01	31,01	34,88
		UFFS	43	33,33	33,33	68,22
		UFSM	12	9,30	9,30	77,52
		UPF	10	7,75	7,75	85,27
		URI	19	14,73	14,73	100,00
		Total	129	100,00	100,00	
4	Valid	IFFAR	10	20,41	20,41	20,41
		IFRS	10	20,41	20,41	40,82
		UFFS	7	14,29	14,29	55,10
		UFSM	9	18,37	18,37	73,47
		UPF	12	24,49	24,49	97,96
		URI	1	2,04	2,04	100,00
		Total	49	100,00	100,00	

Curso

Ward Method		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1	Valid	Agronomia	248	66,13	66,13
		Agronegócio	90	24,00	90,13
		Alimentos	18	4,80	94,93

		Engenharia Florestal	19	5,07	5,07	100,00
		Total	375	100,00	100,00	
2	Valid	Agronomia	59	56,19	56,19	56,19
		Agronegócio	20	19,05	19,05	75,24
		Alimentos	12	11,43	11,43	86,67
		Engenharia Florestal	14	13,33	13,33	100,00
		Total	105	100,00	100,00	
3	Valid	Agronomia	86	66,67	66,67	66,67
		Agronegócio	29	22,48	22,48	89,15
		Alimentos	2	1,55	1,55	90,70
		Engenharia Florestal	12	9,30	9,30	100,00
		Total	129	100,00	100,00	
4	Valid	Agronomia	15	30,61	30,61	30,61
		Agronegócio	5	10,20	10,20	40,82
		Alimentos	20	40,82	40,82	81,63
		Engenharia Florestal	9	18,37	18,37	100,00
		Total	49	100,00	100,00	

Semestre

Ward Method			Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1	Valid	Primeiro Semestre	21	5,60	5,60	5,60
		Terceiro Semestre	57	15,20	15,20	20,80
		Quinto Semestre	146	38,93	38,93	59,73
		Sétimo semestre	96	25,60	25,60	85,33
		Nono semestre	55	14,67	14,67	100,00
		Total	375	100,00	100,00	
2	Valid	Primeiro Semestre	4	3,81	3,81	3,81
		Terceiro Semestre	25	23,81	23,81	27,62
		Quinto Semestre	39	37,14	37,14	64,76

		Sétimo semestre	24	22,86	22,86	87,62
		Nono semestre	13	12,38	12,38	100,00
		Total	105	100,00	100,00	
3	Valid	Primeiro Semestre	12	9,30	9,30	9,30
		Terceiro Semestre	32	24,81	24,81	34,11
		Quinto Semestre	45	34,88	34,88	68,99
		Sétimo semestre	24	18,60	18,60	87,60
		Nono semestre	16	12,40	12,40	100,00
		Total	129	100,00	100,00	
4	Valid	Primeiro Semestre	2	4,08	4,08	4,08
		Terceiro Semestre	12	24,49	24,49	28,57
		Quinto Semestre	25	51,02	51,02	79,59
		Sétimo semestre	4	8,16	8,16	87,76
		Nono semestre	6	12,24	12,24	100,00
		Total	49	100,00	100,00	

Sexo

Ward Method			Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1	Valid	Feminino	123	32,80	32,80	32,80
		Masculino	252	67,20	67,20	100,00
		Total	375	100,00	100,00	
2	Valid	Feminino	42	40,00	40,00	40,00
		Masculino	63	60,00	60,00	100,00
		Total	105	100,00	100,00	
3	Valid	Feminino	47	36,43	36,43	36,43
		Masculino	81	62,79	62,79	99,22
		Não respondeu	1	,78	,78	100,00
		Total	129	100,00	100,00	
4	Valid	Feminino	43	87,76	87,76	87,76

Masculino	6	12,24	12,24	100,00
Total	49	100,00	100,00	

EstadoCivil

Ward Method			Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1	Valid	Casado	12	3,20	3,20	3,20
		Solteiro	345	92,00	92,00	95,20
		Outro	14	3,73	3,73	98,93
		Não respondeu	4	1,07	1,07	100,00
		Total	375	100,00	100,00	
2	Valid	Casado	8	7,62	7,62	7,62
		Solteiro	93	88,57	88,57	96,19
		Outro	4	3,81	3,81	100,00
		Total	105	100,00	100,00	
3	Valid	Casado	5	3,88	3,88	3,88
		Solteiro	119	92,25	92,25	96,12
		Outro	4	3,10	3,10	99,22
		Não respondeu	1	,78	,78	100,00
		Total	129	100,00	100,00	
4	Valid	Casado	2	4,08	4,08	4,08
		Solteiro	47	95,92	95,92	100,00
		Total	49	100,00	100,00	

Estado da Federação

Ward Method			Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1	Valid	Rio Grande do Sul	337	89,87	89,87	89,87
		Santa Catarina	4	1,07	1,07	90,93
		Pará	2	,53	,53	91,47
		Bahia	1	,27	,27	91,73

		São Paulo	4	1,07	1,07	92,80
		Paraná	4	1,07	1,07	93,87
		Espírito Santo	1	,27	,27	94,13
		Goiás	1	,27	,27	94,40
		Mato Grosso do Sul	1	,27	,27	94,67
		Não Respondeu	20	5,33	5,33	100,00
		Total	375	100,00	100,00	
2	Valid	Rio Grande do Sul	92	87,62	87,62	87,62
		Santa Catarina	4	3,81	3,81	91,43
		Rio de Janeiro	1	,95	,95	92,38
		Minas Gerais	2	1,90	1,90	94,29
		São Paulo	1	,95	,95	95,24
		Paraná	2	1,90	1,90	97,14
		Não Respondeu	3	2,86	2,86	100,00
		Total	105	100,00	100,00	
3	Valid	Rio Grande do Sul	119	92,25	92,25	92,25
		Santa Catarina	2	1,55	1,55	93,80
		Paraná	2	1,55	1,55	95,35
		Não Respondeu	6	4,65	4,65	100,00
		Total	129	100,00	100,00	
4	Valid	Rio Grande do Sul	42	85,71	85,71	85,71
		Santa Catarina	3	6,12	6,12	91,84
		Rio de Janeiro	1	2,04	2,04	93,88
		Minas Gerais	1	2,04	2,04	95,92
		Não Respondeu	2	4,08	4,08	100,00
		Total	49	100,00	100,00	

Atualmente moro

Ward Method	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
-------------	-----------	---------	---------------	--------------------

1	Valid	Com minha família	226	60,27	60,27	60,27
		Sozinho	52	13,87	13,87	74,13
		Com Amigos	72	19,20	19,20	93,33
		Outra situação	25	6,67	6,67	100,00
		Total	375	100,00	100,00	
2	Valid	Com minha família	55	52,38	52,38	52,38
		Sozinho	18	17,14	17,14	69,52
		Com Amigos	27	25,71	25,71	95,24
		Outra situação	5	4,76	4,76	100,00
		Total	105	100,00	100,00	
3	Valid	Com minha família	82	63,57	63,57	63,57
		Sozinho	18	13,95	13,95	77,52
		Com Amigos	25	19,38	19,38	96,90
		Outra situação	3	2,33	2,33	99,22
		Não respondeu	1	,78	,78	100,00
		Total	129	100,00	100,00	
4	Valid	Com minha família	30	61,22	61,22	61,22
		Sozinho	10	20,41	20,41	81,63
		Com Amigos	7	14,29	14,29	95,92
		Outra situação	2	4,08	4,08	100,00
		Total	49	100,00	100,00	

Minha residência é

Ward Method			Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1	Valid	Rural	174	46,40	46,40	46,40
		Urbana	195	52,00	52,00	98,40
		Não respondeu	6	1,60	1,60	100,00
		Total	375	100,00	100,00	
2	Valid	Rural	20	19,05	19,05	19,05

		Urbana	83	79,05	79,05	98,10
		Não respondeu	2	1,90	1,90	100,00
		Total	105	100,00	100,00	
3	Valid	Rural	37	28,68	28,68	28,68
		Urbana	88	68,22	68,22	96,90
		Não respondeu	4	3,10	3,10	100,00
		Total	129	100,00	100,00	
+4	Valid	Rural	8	16,33	16,33	16,33
		Urbana	40	81,63	81,63	97,96
		Não respondeu	1	2,04	2,04	100,00
		Total	49	100,00	100,00	

Minha família mora

Ward Method			Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
1	Valid	Rural	244	65,07	65,07	65,07
		Urbano	125	33,33	33,33	98,40
		Não respondeu	6	1,60	1,60	100,00
		Total	375	100,00	100,00	
2	Valid	Rural	29	27,62	27,62	27,62
		Urbano	74	70,48	70,48	98,10
		Não respondeu	2	1,90	1,90	100,00
		Total	105	100,00	100,00	
3	Valid	Rural	56	43,41	43,41	43,41
		Urbano	69	53,49	53,49	96,90
		Não respondeu	4	3,10	3,10	100,00
		Total	129	100,00	100,00	
4	Valid	Rural	10	20,41	20,41	20,41
		Urbano	38	77,55	77,55	97,96
		Não respondeu	1	2,04	2,04	100,00

Total	49	100,00	100,00	
-------	----	--------	--------	--

Fonte: o autor